

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PRAC
COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA**

RENATA DA SILVA SEVERINO

**“MEU REI” E SUA
“COMUNIDADE METAFÍSICA E TEOLÓGICA INÍCIO DE UM REINADO”,
NO VALE DO CATIMBAU, PERNAMBUCO**

Recife
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RENATA DA SILVA SEVERINO

**“MEU REI” E SUA
“COMUNIDADE METAFÍSICA E TEOLÓGICA INÍCIO DE UM REINADO”,
NO VALE DO CATIMBAU, PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

Recife, janeiro/ 2008

S498m

Severino, Renata da Silva

“Meu Rei” e sua “comunidade metafísica e teológica início de um reinado”, no Vale do Catimbau, Pernambuco / Renata da Silva Severino ; orientador Luiz Carlos Luz Marques, 2008.

139 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2008.

1. Profetas. 2. Messianismo. 3. Milenarismo. 4. Religiosidade.
5. Vale de Catimbau (PE). 6. Farias, Cícero José de. I. Título.

CDU 231.75

RENATA DA SILVA SEVERINO

**“MEU REI” E SUA
“COMUNIDADE METAFÍSICA E TEOLÓGICA INÍCIO DE UM REINADO”,
NO VALE DO CATIMBAU, PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Sylvana Maria Brandão de Aguiar – UFPE – Examinadora externa

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão – CATÓLICA – Examinador interno

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques – CATÓLICA - Orientador

Aos meus pais, Creuza Maria da Silva e José Severino, que nunca pouparam esforços para a minha formação acadêmica;

Aos meus queridos irmãos Rinaldo, *in memoriam*, e Ricardo;

A Jair dos Santos Pereira, meu marido, amigo sempre presente, companheiro paciente;

A Maria de Jesus Santana, por ter sido, desde o momento que a conheci, a minha referência de pessoa e de profissional.

AGRADECIMENTOS

Engraçado falar de sentimentos no momento de agradecer, mas o que na verdade é um agradecimento senão um sentimento de grande reconhecimento e gratidão?

Nenhuma história se constrói sozinha e, no meu caso, muitas mãos contribuíram para que eu chegasse com satisfação a esse momento.

Como algumas pessoas estiveram mais próximas nos meus momentos de angústia e ansiedade, é com elas, em especial, que quero dividir minha satisfação:

Com meu orientador Prof. **Dr. Luiz Carlos Luz Marques**, pelo incentivo e dedicação que transcenderam em muito as exigências do seu papel, e que, com a paciência de um monge e a competência de um verdadeiro mestre, contribuiu para me orientar, acalmar e me dar segurança nos vários momentos de insegurança. Obrigada.

Com a Professora Dr. Sylvana Maria Brandão Aguiar da UFPE, pela sugestão inicial em relação ao tema e pelo interesse e contribuições ao longo da pesquisa.

Com todos os professores do Mestrado de Ciências da Religião que, formal ou informalmente, contribuíram para essa construção, em especial o Professor Dr. Gilbraz de Souza Aragão.

Com Emanuela da Silva Farias, Ismael Gregório dos Santos, Guilherme Lourenço de Moura, Jesus Amorim Bezerra, Maria do Carmo de Moura, Neivia Maria da Silva, Raquel de Farias, que me disponibilizaram generosamente atenção e tempo, compartilhando comigo momentos importantes de suas vidas ao lado de “Meu Rei”.

Com Edvaldo Bezerra de Melo que, sem qualquer objeção, me apresentou a alguns dos moradores da Comunidade, por me ter recebido algumas vezes em sua casa para conversarmos sobre o tempo áureo da Comunidade.

Com Jesus José de Farias, por quem desenvolvi uma grande admiração e respeito, pelo muito que contribuiu para a profundidade desse trabalho, disponibilizando-me todos os documentos de seu pai, vários deles inéditos, pela atenção que me foi dada e pela entrevista concedida.

Com as minhas amigas Berthane Rocha e Rita Patrícia Porto, que sempre me deram o apoio e a segurança que precisei.

Com Maria de Jesus Santana. Porque acredito que Deus usa as pessoas para mudar as vidas das outras, saiba que você foi a escolhida para mudar a minha.

Com a professora Ms. Silvana Maciel, pelo incentivo dado para que eu fizesse a seleção do Mestrado.

Com Odaléia Brandão, amiga-irmã há dez anos. Por ter estado ao meu lado dando segurança e incentivando-me nos momentos em que precisei.

Com a amiga Viviane Oliveira por ter feito a correção do trabalho.

Com a FACEPE, pela iniciativa de possibilitar o financiamento institucional da pesquisa de profissionais da educação das Autarquias Estaduais que há muito tempo vêm contribuindo para a formação de profissionais de nível superior no interior do Estado de Pernambuco.

Com a Presidenta da Autarquia Municipal de Ensino Superior de Goiana Sr. Ana Maria Viana e Com o diretor da Faculdade de Formação de Professores de Goiana Sr. Lourenço Benedito, que acreditaram no meu potencial, e me indicaram para concorrer a bolsa institucional da FACEPE.

De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos começando;
A certeza de que é preciso continuar;
E a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos:
Fazer da interrupção um caminho novo,
Fazer da queda um passo de dança,
Do medo uma escola,
Do sonho uma ponte,
Da procura... um encontro.
E assim terá valido a pena existir.

Fernando Pessoa

RESUMO

Interessa-nos o estudo de um movimento religioso surgido na Serra dos Breus, em Pernambuco, a partir de 1976, liderado por Cícero José de Farias, dito “Meu Rei”. Este afirmava ter recebido do Deus da Bíblia três missões: uma, em 1932; outra, em 1955 e a definitiva, em 1988. Nesta, Deus estabelecera que a missão de Cícero seria fundar o novo paraíso terrestre. Tal missão seria intransferível e Cícero, que a partir daquele momento passaria chamar-se Sadabe Alexandri de Farias receberia, como uma espécie de prêmio, o dom da imortalidade. Quando, em 1999, com presumidos 115 anos, Cícero morreu, a comunidade de seus discípulos foi submetida a dura prova. Partindo desta situação, formulou-se o nosso problema de pesquisa: entender como os seguidores de “Meu Rei” vivenciaram e deram-se a si mesmos e aos outros um significado para sua doença e morte, já que o mesmo se dizia imortal e a maioria dos que lá moravam criam nisso. Tal objetivo foi perseguido a partir da análise tanto dos dados coletados através de entrevistas com membros remanescentes da Comunidade quanto dos documentos escritos por Cícero, tendo como fio-condutor a idéia, formulada por Peter Berger, da necessidade que os grupos sociais têm de gerar e manter “estruturas de plausibilidade”, que dêem sentido à convivência e à continuidade dos mesmos no tempo.

Palavras Chaves: Cícero José de Farias. Profetismo. Messianismo. Milenarismo. Religiosidade popular. Paraíso terrestre. Fazenda Porto Seguro. Buíque.

ABSTRACT

Our study focuses on the religious movement which arose in the Serra of Breus in Pernambuco, beginning in 1976, headed by Cícero José de Farias, known as “My King”. Farias stated that he had received from the Biblical God three missions: the first in 1932, the second in 1955, and the definitive one in 1988. In this one, God established that Cicero’s mission would be to found the new earthly paradise. Such a mission would not transferable and Cícero, who from that moment on, would be known as Sadabe Alexandri de Farias and would receive as a reward, the gift of immortality. In 1999, when supposedly at the age of 115, Cícero died, the community of his disciples underwent a severe trial. Out of this situation, sprang our research problem: to understand how the disciples of “My King” lived and reconciled themselves to the fact of sickness and death since they believed their leader to have been immortal. This objective was pursued, starting from an analysis from the collected data from interviews with members of the remaining community as well as from documents written by Cícero and by applying the idea formulated by Peter Berger of the necessity that social groups have to form and to maintain “plausible structures” which give meaning to communal life and its continuance in time.

Key words: Cicero Jose de Farias. Prophecy. Messianic. Millenarianism. Popular religiosity. Terrestrial paradise. Porto Seguro Ranch. Buíque.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: “Meu Rei”, sempre bem vestido.	104
Foto 2: Cícero José de Farias, provavelmente em 1952, quando se auto-intitula como “Rei da Paz”.	105
Foto 3: Rancho de palha, construído em 1976 pelos primeiros seguidores de “Meu Rei”.	106
Foto 4: Primeiros seguidores de Cícero, no final da década de setenta.	107
Foto 5: Os seguidores de Cícero na década de oitenta, ao fundo as primeiras construções de alvenaria.	108
Foto 6: Vista Panorâmica da Comunidade.	109
Foto 7: Busto de bronze de "Meu Rei", doado pelo deputado Henrique Queiroz.	110
Foto 8: A residência de ‘Meu Rei’, chamada de "Palácio de Deus".	111
Foto 9: Varanda do "Palácio", lugar onde muitos esperavam para falar com “Meu Rei”.	112
Foto 10: Uma das tantas cisternas, nos subterrâneos do "Palácio", em que era armazenada a “água da vida” ou “água abstratosa”.	113
Foto 11: Cisternas construídas ao redor do "Palácio", para armazenar a água de uso diário.	114
Foto 12: Placa afixada no "Palácio", em 1994, por ocasião da inauguração do fornecimento de eletricidade à Comunidade.	115
Foto 13: Mausoléu de Cícero, construído em 1999, aproveitando-se do espaço ocupado por uma das cisternas subterrâneas.	116
Foto 14: Escola Municipal Porto Seguro.	117
Foto 15: Cédulas do dinheiro da comunidade, chamado com o nome bíblico de Talento.	118
Foto 16: Mesa em torno da qual, aos domingos, aconteciam as reuniões, nos primeiros anos da Comunidade.	119
Foto 17: Uma das tantas reuniões de formação que aconteciam no "Palácio de Deus”.	120
Foto 18: “Meu Rei”, logo após a revelação em que teria recebido o dom da imortalidade.	121

LISTA DE IMAGENS DE DOCUMENTOS

Documentos diversos:

Documento 1: Carta Magna de Caráter Padrão [anos 60].	122
Documento 2: 3º Carta Revelação (1960).	123
Documento 3: Revelação Nº 2 [1991].	124
Documento 4: Revelação nº 3 (1992).	125
Documento 5: Código da longa vida, para aqueles que estão em caminho e a procura de Deus, onde está escrito a palavra de Deus criando o Reino da Vida (1993).	126
Documento 6: Ciência Metafísica I (1994).	127
Documento 7: Testamento: a Palavra de Deus (1994).	128
Documento 8: Base de restauração do Paraíso Adâmico (1996).	129
Documento 9: Edital: tratando-se do paraíso restaurado e recuperado [1996].	130
Documento 10: Escritura Pública de Doação (1996).	131
Documento 11: O despertar da Consciência (1997).	132
Documento 12: Jornal "InfoHall Notícia" (1998).	133
Documento 13: Caderno de Estudos Metafísicos [anos 9].	134
Documento 14: Informativo "Porto Seguro", Ano 1, nº 01, dezembro de 2007.	135

Documentos pessoais:

Documento 15: Identidade (1945).	136
Documento 16: Título Eleitoral (1979).	137

Outros:

Documento 17: Carta recebida da Loja Maçônica "Ordem e Progresso", de Maceió [sem data].	138
Documento 18: Certidão de Óbito (1999).	139
Documento 19: Autorização de sepultamento (1999).	140

LISTA DE ABREVIATURAS:

Documentos escritos e orais, de autoria de Cícero José de Farias, dito “Meu Rei”, citados no texto

CMCP:	Carta Magna de Caráter Padrão [anos 60].
CartaRev.:	3º Carta Revelação (1960).
Rev2:	Revelação Nº 2 [1991].
Rev3:	Revelação nº 3 (1992).
CLV:	Código da longa vida, para aqueles que estão em caminho e a procura de Deus, onde está escrito a palavra de Deus criando o Reino da Vida (1993).
CM1:	Ciência Metafísica I (1994).
Test.:	Testamento: a Palavra de Deus (1994).
GloboR:	Entrevista concedida ao Globo Repórter, da TV Globo, em 1994.
NE-TV:	Entrevista ao NE-TV, da Rede Globo [1996].
SBT:	Entrevista ao SBT Repórter [1996].
PA:	Base de restauração do Paraíso Adâmico (1996).
Edit.:	Edital: tratando-se do paraíso restaurado e recuperado [1996].
EPD:	Escritura Pública de Doação (1996).
Desp.:	O despertar da Consciência (1997).
InfoHall:	Jornal "InfoHall Notícia" (1998).
CEMet.:	Caderno de Estudos Metafísicos [anos 90].

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 “MEU REI”, UM HOMEM SURPREENDENTE	
2.1 <i>Perfil biográfico</i>	19
2.2 <i>As “missões” recebidas</i>	25
3 “PORTO SEGURO”, SEMENTE DE UM “NOVO PARAÍSO”	
3.1 <i>Ambiente Físico e Geográfico do Vale do Catimbau</i>	31
3.2 <i>A Comunidade, ontem e hoje</i>	34
3.3 <i>O “Palácio” de “Meu Rei” e a “Água da Vida”</i>	43
3.4 <i>As escolas da Comunidade.</i>	46
3.5 <i>O dinheiro da Comunidade</i>	49
3.6 <i>O jornal da Comunidade</i>	52
3.7 <i>Princípios da Comunidade</i>	53
3.8 <i>A Doutrina</i>	56
3.9 <i>Reuniões Dominicais</i>	66
4 A GRANDE PROMESSA	
4.1 <i>As promessas de imortalidade, segundo Cícero</i>	67
4.2 <i>Perfil dos seguidores, em 1999 e nos dias de hoje</i>	71
4.3 <i>Reação diante da doença do líder</i>	75
4.4 <i>Reação diante da morte do líder</i>	79
4.5 <i>Motivações da permanência e do abandono da Comunidade, após 1999</i>	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE	100
ANEXO A: Caderno fotográfico	104
ANEXO B: Caderno documental	122

1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa teve como enfoque inicial o estudo, enquanto fenômeno religioso, de uma passagem fundamental na história de uma comunidade do Vale do Catimbau, município de Buíque, no interior de Pernambuco, chamada “Comunidade Metafísica e Teológica Princípio de um Reinado”, fundada em 1976, nas terras da Fazenda Porto Seguro, por Cícero José de Farias, dito “Meu Rei”¹: a reação individual e coletiva à sua “doença” e morte, em 1999, por parte de seus seguidores².

Isso porque Cícero, que afirmava ter recebido de Deus, durante a vida, três missões, era crido e venerado como imortal, pelos que o seguiam. Como ele mesmo acreditava, Deus lhe teria concedido o dom da imortalidade, determinando ainda que a sua missão fosse intransferível. Quando, com presumidos 115 anos, 3 meses e 27 dias, Cícero morreu, a Comunidade foi colocada à dura prova³.

Com o decorrer da pesquisa o eixo central do trabalho acabou deslocado. Tornou-se necessário compreender qual foi e como foi formulada, pelo próprio Cícero, a idéia de imortalidade e como, sucessivamente, ela foi recebida e reelaborada pelos seus seguidores.

Nosso projeto nasceu de algumas suposições, que só poderiam ser confirmadas com a aquisição e avaliação crítica de depoimentos orais - se fosse possível consegui-los - do maior número possível de membros e ex-membros da Comunidade.

Aventamos também a possibilidade de trabalhar com a documentação que porventura Cícero houvesse deixado, da qual tínhamos algumas notícias, fruto de

1 Cícero José de Farias, o líder da Comunidade, usou outros nomes, além de seu nome civil, durante sua longa vida. Israel, a partir de 1932; Sadabe ou Sadabi Alexandri de Farias Rei, a partir de 1988. Os seguidores o chamavam, respeitosamente, de “Meu Rei”. Preferimos usar seu nome civil, Cícero ou, conforme o caso, “Meu Rei”.

2 Segundo a certidão de óbito, Cícero faleceu de morte natural. No entanto os primeiros depoentes falavam em “doença”, talvez na falta de um conceito mais claro para o seu rápido declínio físico. O certo é que não morreu “de repente”, mas apagou-se em 6 meses.

3 Inicialmente, circulava entre os antigos seguidores, a crença que Cícero completara 117 anos, antes de falecer. Como adiante descreveremos, apesar de todos os esforços, foi impossível comprovar a sua verdadeira data de nascimento. Assim, preferimos nos ater aos dados da documentação oficial.

nossa investigação inicial, quando saímos em busca de notícias, de contatos e de eventuais outras das publicações sobre “Meu Rei” e sua Comunidade.

Em nossa primeira visita à Fazenda Porto Seguro tomamos consciência das dificuldades que enfrentaríamos, especialmente em relação ao acesso à documentação ali arquivada, dada a natural desconfiança dos antigos seguidores de “Meu Rei” em permitir que estranhos se apropriassem das suas memórias e do conteúdo do arquivo da Comunidade. Porque até ali, quase tudo o que fora escrito sobre a experiência que haviam vivido lhes parecera denegrir o que tinham de mais precioso.

Supúnhamos que:

1. Primeiro, o próprio Cícero, convencido de ser imortal, fora pego de surpresa pela sua decadência física acelerada pois não estava preparado para enfrentar a idéia da morte;
2. Segundo, que entre seus seguidores, alguns - mesmo chocados com o desaparecimento do líder - continuaram a crer contra toda a evidência e, em conseqüência, foram levados a ressignificar a doença e morte de “Meu Rei”, para continuar vendo sentido na experiência que haviam vivido com ele e estavam vivendo, sem ele;
3. Terceiro, outros se deram conta do fracasso do projeto construído por Cícero e deixaram a Comunidade conservando, porém, a nostalgia da utopia vivida; estes tiveram também que ressignificar o discurso de “Meu Rei”, dando-lhe um sentido puramente simbólico.
4. Finalmente, nossa quarta suposição era que uma parte dos membros da Comunidade, sentindo-se traída pela doença e morte de Cícero, abandonara a Fazenda Porto Seguro, não mais retornando, voltando às vivências religiosas anteriores ou perdendo completamente a referência religiosa.

Na tentativa de sabermos se nossas suposições iniciais correspondiam à realidade dos sujeitos ou, se após o contato direto com os membros e ex-membro da comunidade, as nossas suposições iriam mudar completamente, saímos em campo buscando empreender um detalhado estudo etnográfico, tal como o proposto por Geertz. Através da ‘descrição densa’, tentamos entender a “teia de significados”

construída por “Meu Rei” e, depois de sua morte, mantida por muitos dos antigos seguidores e reelaborada por outros, na tentativa de manter viva a Comunidade.

Sabemos que simplesmente identificar as dinâmicas sociais dos entrevistados não era o suficiente. Isso porque as dinâmicas sociais e seus significados estão dentro de um “universo imaginário” dentro do qual as ações são determinadas e fazem sentido para os que dela participam.

Conscientes de que, segundo Geertz (1989, p. 15), “praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário” demos início ao nosso trabalho de investigação científica.

Em março de 2006, estabelecemos um primeiro contato na tentativa de observar e analisar as pessoas sem que essas necessitassem explicar ou articular como fora a sua participação ou as dos outros no tempo áureo da comunidade. Sempre nos propusemos a escutar, sem preconceitos iniciais, o discurso dos antigos seguidores, valorizando-os como experiências vividas, ou melhor, profundamente vividas, como rapidamente nos demos conta. Isso permitiu, a nosso aviso, que depois de vencida a desconfiança inicial, tivéssemos amplo acesso às memórias dos antigos seguidores de “Meu Rei”. Estes nós forneceram ricos depoimentos, durante as muitas outras viagens que fizemos à Comunidade.

Apesar de termos estabelecido contato com a comunidade desde março de 2006, só realizamos formalmente as entrevistas em maio de 2007, que tiveram uma duração média de uma hora. Acabamos podendo entrevistar oito pessoas. Dentre essas, três que moram na comunidade, três em Buíque e duas em Arcoverde. Infelizmente não foi possível entrar em contato com mais pessoas, pois não conseguimos o endereço de mais nenhuma, especialmente aquelas do grupo dos que se desiludiram definitivamente.

Foi com a ajuda de Edvaldo Bezerra de Melo que possibilitou o contato com os moradores da comunidade e os ex –moradores, especialmente com Jesus José de Farias, filho de Cícero José de Farias. Através dele tivemos, finalmente, pleno acesso à documentação, em grande parte inédita, deixada pelo fundador da

Comunidade⁴. A leitura da documentação e a análise dos depoimentos obrigaram-nos então a reformular nosso enfoque inicial, ampliando-o.

Tornou-se claro que, para entender o real motivo que fez com que os que se mudaram para a Fazenda Porto Seguro, a partir de 1976, entrasse, ficasse e/ou saísse da Comunidade, seria preciso entender a doutrina formulada pelo próprio Cícero, cuja “construção” forneceu aos seguidores não somente uma “estrutura de plausibilidade”⁵, enquanto Cícero viveu, mas foi capaz, para muitos, de continuar a dar sentido às suas vidas, mesmo depois que ele, aparentemente, fracassou, morrendo.

Os documentos a que tivemos acesso, de autoria de Cícero, foram de extrema importância, já que todos contêm informações acerca do movimento e as reflexões e fundamentos do líder. Através deles nos fala um homem de inegável força interior, capaz de propor e manter uma forte “estrutura de plausibilidade”, a partir de uma perspectiva que parece implausível ao observador externo, a da sua imortalidade pessoal. Sendo um material de grande riqueza, acreditamos que, se devidamente interpretado, pode nos dar uma perspectiva mais verossímil a respeito do quem ele foi e de como ele pensava a comunidade que pretendeu estabelecer.

Todos os documentos, segundo Cícero foram, recebidos telepaticamente⁶, transcritos e distribuídos entre os seguidores, quando ainda estava vivo.

De posse dos documentos e das entrevistas dadas pelo líder aos jornais locais e às emissoras de TV, e das entrevistas dos membros e ex-membros da

⁴ Através dele tivemos acesso, por exemplo, a cópias, algumas infelizmente quase ilegíveis, dos documentos pessoais de Cícero. Recebemos também todos os exemplares do jornal da Comunidade, o “InfoHall Notícia”, e dos demais documentos emanados por Cícero ao longo da vida. Também a carta recebida da Loja Maçônica Ordem e Progresso, homenageando-o pelos seus 113 anos de vida, e exemplares das cédulas do dinheiro da comunidade. De outra antiga moradora recebemos uma cópia completa e em excelente estado de um documento muito significativo, o “Caderno de Estudos Metafísicos”, espécie de “catecismo”, formulado em forma de perguntas e respostas, contendo a síntese das doutrinas de “Meu Rei” (no final da Dissertação anexamos imagens dos documentos que efetivamente utilizamos nesse trabalho).

⁵ Trata-se de um conceito fundamental da obra de Berger, segundo o qual “uma das proposições fundamentais da sociologia do conhecimento é que a plausibilidade, no sentido daquilo que as pessoas realmente acham digno de fé, das idéias sobre a realidade, depende do suporte social que estas idéias recebem” (BERGER, 1997, p. 65).

⁶ O Dicionário Aurélio define “telepatia” como “transmissão ou comunicação extra-sensorial de pensamentos e sensações, a distância, entre duas ou mais pessoas”. Em senso estrito, pessoas vivas. A comunicação entre uma pessoa e um espírito, tal como a proposta pelo Espiritismo Kardecista, não seria um fenômeno telepático, mas mediúnico. Cícero, provavelmente, confundia essas duas possíveis formas de comunicação.

Comunidade, começamos a analisar todo esse material, em busca de respostas satisfatórias às nossas suposições iniciais.

Após a seleção e classificação do material demos início a elaboração da dissertação tendo como guia o enfoque de Peter Berger, segundo o qual o mundo é eminentemente dialético e complexo e, para que a concepção de mundo permaneça aceitável para o sujeito, é necessário que o mesmo permaneça inserido numa estrutura de plausibilidade que lhe dê sentido ontológico absoluto.

Partimos do pressuposto de que tudo o que acontecia na comunidade estava relacionado aos preceitos estabelecidos por Cícero e que o não cumprimento dos deveres, regras, ritos e dogmas, contribuiria para que houvesse um esfacelamento do mundo em Serra dos Breus, isto é, uma perda dos sentidos objetivados. Pois os membros da comunidade ao longo do tempo já tinham passado pelas três fases que segundo Berger seriam responsáveis pela manutenção do *nomus*: “externalização, interiorização e objetivação”(2004, p. 16).

Indiscutivelmente, os moradores da Comunidade ao longo do tempo contribuíram para que houvesse a construção e manutenção da realidade ontológica.

Cícero era para a Comunidade o responsável pela manutenção do mundo, era ele quem dava *status* de realidade objetiva ao que acontecia na comunidade, aos membros cabia internalizar suas normas, para torná-las plausíveis ao longo do tempo.

A internalização é o momento do processo dialético onde o mundo social vem reintroduzido na consciência mediante a dinâmica de socialização. Cabendo ao indivíduo apreender e assumir os diversos elementos do mundo objetivado (BERGER, 1999, p. 175).

Se, para a Comunidade, Cícero era a mola mestra que possibilitava a manutenção do mundo em Serra dos Breus, como ficaria este após a sua morte, já que uma maioria dos que lá moravam tinham internalizado a crença de imortalidade do líder? Enquanto esteve vivo, Cícero José de Farias conseguiu manter em funcionamento uma verdadeira estrutura religiosa, mas a partir de sua morte houve, por parte dos adeptos, um enfraquecimento das estruturas que sustentavam suas crenças e as razões de suas adesões aos rígidos princípios da Comunidade. “Meu Rei” foi, sem dúvida, uma espécie de mola mestra que possibilitou, e cuja memória

possibilita para alguns, ainda hoje, a manutenção e o equilíbrio do homem com o mundo real e sobrenatural.

Com a falta da presença física de “Meu Rei” a comunidade é colocada a dura prova, já que, como diz Berger “... a conversação é rompida [...] o mundo começa a vacilar, a perder sua plausibilidade subjetiva...” (2004, p. 30). Ficou claro que essa dependia da continua conversação do líder com os membros efetivos da comunidade. Sem esse contato e essa conversação, a maioria dos adeptos começou a sair da comunidade.

Como se trata de um fenômeno religioso, parece-nos necessário partir de uma acurada leitura da literatura especializada sobre ciência da religião, entender como e em que se fundamentou o líder, e que mecanismos sociais possibilitaram a concretização da fundação da Comunidade e o seu posterior desenvolvimento.

A partir da análise dos dados coletados começamos a reconstruir e interpretar a cosmovisão do “homem religioso” da Fazenda Porto Seguro, e as mudanças que ocorreram ou não nessa cosmovisão, nos momentos que antecederam e seguiram a morte daquele que dizia imortal.

Para uma melhor compreensão do movimento, sistematizaremos os dados coletados em três capítulos. O primeiro constitui-se no relato da vida de Cícero antes e depois do recebimento das missões. O segundo apresenta uma descrição densa de sua comunidade, dando-se ênfase aos aspectos doutrinários e dogmáticos que fundamentavam a constituição da mesma. O terceiro e último capítulo procura, além de traçar o perfil dos seguidores, de 1999 - ano de morte do líder - até os dias, mas também identificar e discutir as possíveis motivações, refletidas e não refletidas, da permanência e abandono dos seguidores da Comunidade, após a morte de Cícero. Além disso, procura, com a ajuda dos documentos, identificar o embasamento “teológico” utilizado por Cícero, na construção de sua doutrina e cosmovisão. Por fim, analisa-se os discursos dos membros e ex-membros da comunidade, buscando determinar qual foi o entendimento deles sobre a doença e morte do líder religioso.

Tentaremos ao máximo mostrar aos leitores que o movimento em estudo, por mais que tenha sido comparado, por muitos cronistas e jornalistas, às muitas formas de manifestações religiosas do homem nordestino, é, a seu jeito, um fenômeno único, no sentido da concepção de mundo que seu líder desenvolveu e propôs.

2 “MEU REI”, UM HOMEM SURPREENDENTE

2.1 Perfil Biográfico

De Cícero José de Farias sabemos muito pouco, especialmente do tempo em que era apenas mais um, na multidão. Segundo o Prof. Dr. Carlos Antonio Mendes de Carvalho Buenos Ayres, hoje professor da Universidade Federal do Piauí, o único a dedicar-se ao movimento surgido na Serra dos Breus, até o início de nossa pesquisa, em um trabalho acadêmico⁷, Cícero teria nascido no dia 13 de setembro de 1882, no município de Altinho, Estado de Pernambuco .

Depois de exaustiva procura, pelos cartórios e paróquias do interior do Estado (Altinho, Ubirajuba, Lagedo, Alto do São Francisco, São Bento do Una e Garanhuns), em busca de registros que nos confirmassem ou modificassem tal informação, tudo o que podemos afirmar é que, com base nos documentos a que tivemos acesso, tais como a Identidade e a Certidão de Óbito, consta que o mesmo era natural de Garanhuns e que havia nascido a 115 anos, 3 meses e 27 dias, no momento de seu falecimento, 13 de janeiro de 1999, sendo filho de João Manoel de Farias e Maria Aurélia de Jericó. Constatamos então que Cícero segundo consta na documentação que tivemos acesso nasceu, em 1884 e não em 1882 como consta no primeiro trabalho acadêmico.

Sobre a sua família sabemos pouco. Que foi casado duas vezes, a primeira com Teresinha Ferreira de Farias, falecida, com quem teve o filho chamado Jesus José de Farias, morador de Arcoverde - PE; a segunda com Valdenora Farias, também falecida, com quem teve uma filha chamada Adrina (*sic*) Ferreira de Farias, moradora de João Pessoa - PB. Descobrimos também que Cícero sempre dizia ser o primeiro, de quase uma dezena de filhos, mas mesmo assim os moradores e ex-moradores da comunidade afirmaram que só conheceram três desses, já falecidos,

⁷ Dissertação não publicada, defendida no Mestrado de Sociologia da UFPE em 1994, intitulada **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma Nova Civilização**: Um Movimento Messiânico-Milenarista em Geração no Nordeste (Buíque-Pe). Custou-nos muito, em termos de perseverança na busca e lãbia, localizar um exemplar desse trabalho e convencer a bibliotecária a permitir-nos fazer uma cópia.

dois que moravam na comunidade e uma que morava em Garanhuns, que o visitava esporadicamente.

No que sabemos, Cícero “só teve acesso aos rudimentos do ‘ABC’ e que era semi-alfabetizado” (BUENOS AYRES, 1994, p. 21). No decorrer das nossas pesquisas, entretanto, constatamos que apesar de, provavelmente, não ter tido acesso à escola formal, Cícero saía-se muito bem no domínio da palavra e da reflexão teórica, tendo escrito inúmeros documentos sobre os mais diversos assuntos.

Para a elaboração dessa dissertação foi necessário lançarmos mão de uma detalhada pesquisa etnográfica e de entrevistas semi-estruturadas, para obtermos maiores informações acerca do movimento. Em pelo menos uma das entrevistas ficou evidente que mesmo Cícero José de Farias não tendo freqüentado uma escola, era uma pessoa muito inteligente. Segundo seu primogênito, Jesus José de Farias (em depoimento concedido dia 20 de maio de 2007), seu “pai lia muito, era uma pessoa que escrevia muito bem e lia muito bem e tinha a capacidade de compartilhar os seus pensamentos na escrita”. Um caso que poderia ilustrar a afirmação de Meslim, sobre o tipo de conhecimento baseado na experiência, “de ser no mundo e de existir num conjunto infinito de que o homem se sente participante” (1992, p. 30).

Algumas décadas antes de fundar a Comunidade, mais precisamente nos anos trinta do século vinte, Cícero José de Farias residia no município de Arcoverde, Pernambuco. Morava com sua mãe e seus irmãos, foi nessa década que segundo ele teria recebido a primeira missão, que mudou a sua vida definitivamente.

Em Arcoverde, Cícero e seus irmãos eram proprietários de um armazém de secos e molhados, um dos tantos naquela época, que vendia de tudo um pouco. Cícero era um homem que apesar de suas particularidades tinha uma vida pacata, assim como a cidade na qual se estabeleceu.

Ele era, segundo alguns dos entrevistados, um homem de estatura mediana, franzino segundo outros. Andava sempre bem vestido, trajava sempre paletó, calças sociais e sapato social. Entre suas marcas, a barba grande e o uso de uma bengala, para dar apoio ao andar e o de chapéus.

Para muitos, Cícero era considerada uma pessoa serena repleta de mistérios. Aparentemente, por onde ele passava, despertava nas pessoas um sentimento que

para elas era inexplicável. Os seguidores de seus preceitos depositavam fé na sua pessoa e nos seus ensinamentos e acreditavam em suas previsões.

“Meu Rei” garantia ser da mesma dinastia de “Melquisedeque, Davi, Salomão e Moisés” (CMCP)⁸ “Sou feito pela mesma divindade, não fui eu o primeiro, sou o último de uma dinastia criada por Deus” (GloboR).

Cícero comparava-se a alguns personagens bíblicos e, assim como eles, tinham uma missão a cumprir. Afirmava que no Brasil, tinha sido o escolhido por Deus Filho, desde 1932, através de uma visão anunciadora, para instaurar em Serra dos Breus um reino de paz e prosperidade.

Buscando nos estudos sobre a Bíblia quem foram tais personagens, é importante tentar entender porque Cícero se comparava a eles. Melquisedeque, por exemplo. Apesar das raras referências a ele na Bíblia, o Livro Sagrado refere-se a Melquisedeque como um sábio rei de uma terra chamada Salém (que significa “paz”) e “sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14,18). No Novo Testamento, ele é comparado a Jesus, de quem é dito ser, na Carta aos Hebreus, “sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque”. Acredita-se que a lendária Salém teria sido a cidade posteriormente conhecida por Jerusalém, conquistada por Davi e transformada na capital de Israel e, segundo a Bíblia, imagem da Cidade por excelência, a Jerusalém Celeste. Destaca-se na sua história a ausência de menções, comuns nos registros bíblicos, a seus antepassados. Como se pode interpretar de alguns versículos, Melquisedeque fora um homem sem genealogia, sem filhos ou parentes conhecidos.

Ao nome Melquisedeque pode ainda ser atribuído o significado de “Rei de Justiça”. Assim como o personagem bíblico descrito acima, Cícero, a partir de 1952, começou a se auto-intitular “Rei da Paz”, assim descrito em um dos seus documentos “[...] com muita honra estou pronto a defender os direitos de Deus quando preciso for, com o título de Rei da Paz” (CMCP). Ele proclamava também que fundaria o novo paraíso terrestre em Serra dos Breus, que segundo ele seria a nova Jerusalém. “[...] Porque bendito o homem que recebeu, a riqueza de Deus para construir a cidade de Deus em Serra dos Breus” (Rev2).

⁸ De agora em diante, quando citarmos o próprio Cícero, utilizaremos apenas a sigla do respectivo documento, tal como indicado acima, p. 11, na Lista de Abreviaturas: Documentos escritos e orais, de autoria de Cícero José de Farias, dito “Meu Rei”.

Moisés, tendo sido criado pela filha do Faraó, é um dos mais importantes personagens na fundação do povo de Israel, por ter sido o condutor do povo na longa peregrinação de quarenta anos, em busca da Terra Prometida. No Sinai, teria recebido do próprio Deus as “Tábuas da Lei”, contendo os 10 Mandamentos.

Cícero não foi criado por nenhuma filha de faraó, mas começou, assim como Moisés, a peregrinar por inúmeras cidades, desde o recebimento da segunda mensagem em 1952, a fim de encontrar o lugar indicado por Deus para fundar sua Comunidade Religiosa. Essa peregrinação só terminou em 1976, quando Cícero encontrou, em Serra dos Breus, o lugar ideal para fundar, com os poucos que o seguiam, a Comunidade “Princípio de um reinado”. Quando da fundação, o próprio Deus, segundo Cícero, entrou em contato com ele telepaticamente e estabeleceu, assim como havia estabelecido para Moisés, os mandamentos da nova Comunidade “(o povo não deve) jogar, beber, brincar carnaval, jogar jogo de espécie alguma, desrespeitar os animais, sacrificar o carneiro, o boi, o caprino etc. Essa é sua missão” (BUENOS AYRES, 1994, p. 26).

Davi, o segundo rei de Israel, fundador da dinastia que governou Judá antes do exílio, faz parte da genealogia de Jesus. Belo, simpático, corajoso e absolutamente amoral, foi sempre amado por Deus, que lhe perdoou os mais graves pecados e, mesmo o punindo, jamais desfez a promessa de que seria ele o fundador de um reino e uma genealogia que durariam para sempre. A tradição o apresenta como o autor de vários salmos. Seu filho e herdeiro, Salomão, é apresentado como o homem sábio por excelência. Construtor, segundo o Livro Sagrado, do primeiro Templo, em Jerusalém, governou a Israel histórica no momento de seu máximo esplendor, antes de sua divisão entre os reinos de Judá, ao Sul, e Israel, ao Norte.

Cícero, assim como Davi, era o rei, não de Judá, mas de Serra dos Breus. A sua estirpe era de origem divina, desde 1952, quando teve o seu nome mudado para Israel: “Ele fará as mesmas coisas que Deus faz, porque hoje eu, Deus, personificado em pessoa, presente no corpo de Israel” (Rev3).

Não por acaso Cícero comparava-se com alguns dos mais importantes personagens bíblicos: ele julga não pertencer a uma linhagem terrena, colocava-se no mesmo patamar dos que haviam sido, segundo cria, chamados pelo próprio Deus e, assim como eles, também tinha missão a cumprir.

Em 1952, recebeu a ordem de estabelecer os preceitos do que mais tarde seria a Comunidade em Serra dos Breus: sua missão seria instaurar um reino de paz e prosperidade em algum lugar do Nordeste brasileiro.

Imbuído do caráter e hierarquia divinos, Cícero exercia para a Comunidade um papel determinante: para os fiéis crentes na sua missão, ao mesmo tempo em que era o líder espiritual, foi também uma espécie de conselheiro. Os seguidores o procuravam, quando precisavam tomar alguma decisão. “Meu Rei” recebia os discípulos no “palácio” e os ajudavam, quando os mesmos tinham alguma dúvida sobre como proceder em situações de ordem familiar, social, financeira e até sobre problemas de saúde.

Ele não se considerava curandeiro, apesar dos depoimentos atestarem que ele tinha curado muitas pessoas no Nordeste, no início da caminhada coletiva, logo após a primeira visão, na década de 30, ocorrida na cidade de Arcoverde. Fora ali que Deus teria feito o primeiro contato e estabelecido que ele deveria peregrinar por inúmeras cidades, proferindo curas em nome de Jesus, durante 20 anos.

Para os moradores de Serra dos Breus Cícero também não se considerava profeta, mesmo tendo feito, segundo alguns, muitas previsões, principalmente sobre a chegada do terceiro milênio, que viria a ser, para ele, uma “era de paz e prosperidade”, ao contrário do que se poderia esperar de um discurso do gênero.

Em um dos seus documentos fica evidente que o entendimento que Cícero tinha a seu respeito era o seguinte

Não sou profeta, nem pastor, não faço prodígio, nem milagre, nem sou espírita e nem curandeiro. Sou um homem que converso com Deus, tenho missão a cumprir, anunciada por Deus Filho e dada por Deus Pai [...] (CMCP).

Nas muitas análises dos documentos de Cícero constatamos que ele não se considerava Deus, ele se auto-intitulava representante Dele na terra, “Eu converso com Deus, ele se personifica na minha pessoa, há compromisso entre mim e Deus” (SBT).

[...] tú Israel recebe de mim que sou o senhor teu Deus, um tesouro sem limites. Porque a riqueza que te dou, não é do governo nem dos homens dessa ou daquela nação. Assim declaro para que ninguém se levante contra a dádiva que eu dei a Israel. [...] Como Deus que sou, não dava eu a minha riqueza a um homem não digo de minha

confiança, cujo nome é Cícero José de Farias, o meu representante e procurador, do que alguém de seus bens fizer doação a Deus ou a Jesus, é Israel o nosso procurador [...] Disse o senhor: Tu Israel, eu e tu somos um só [...] (Rev2).

Em algumas mensagens escritas por Cícero temos a nítida impressão que ele se considerava bem mais que um representante de Deus, ele acreditava, de certa forma ser, o próprio Deus, como fica claro na citação acima, aliás, formulada de maneira muito semelhante às afirmações de Jesus de Nazaré, tais como são apresentadas no Evangelho de João.

A partir das pesquisas realizadas para elaboração dessa dissertação podemos perceber que, em muitas das mensagens escritas por ele, fica evidente que Cícero achava que ele e Deus eram duas pessoas, numa só: “Eu como espírito vivificante, sou Deus e Criador inclinado Jeová Deus presente, personificado no corpo de Israel” (Rev2). A referência ao espírito vivificante está relacionada à nova vida que lhe foi dada, na medida em que houve uma transferência de energia de Deus (Jeová) pois, assim como está escrito no capítulo 21 do Evangelho segundo São João, “o Filho vivifica aquele que crer”, Cícero acreditava ser o representante de Deus, logo Deus lhe daria nova vida.

Além de se auto-intitular representante do criador, Cícero tomou para si o título de Rei, que lhe foi dado inicialmente pelos seguidores e posteriormente pelo próprio Deus “ [...]com muita honra estou pronto a defender os direitos de Deus quando preciso for, com o título de Rei da Paz” (CMCP).

Na prática, Cícero utilizou-se do título para esclarecer que a Comunidade era um reinado, e os que o seguissem seriam recompensados, por ser um reino evolutivo para a chegada do terceiro milênio, tendo a paz como principio básico para o progresso de todos os que congregavam em seus ideais.

De bom grado, recebo todas as visitas na forma de dialogar, interpretar, respeito todas as concepções. Não atendo chamados, pois esta é a ordem de Deus. Se alguém quiser morar com Deus na Serra dos Breus, me procure, que dou o destino certo (Rev2).

Com o intuito de congregar um número maior de fiéis, segundo os entrevistados Cícero estava aberto ao diálogo com todos, que quisessem obter maiores informações sobre a vida na Comunidade e sobre as suas missões. Ao contrário de muitos “líderes” religiosos, Cícero não saía da Comunidade, para

chamar fiéis ou adeptos, ele vivia na fazenda, pregando os seus ideais, quem quisesse conhecê-lo teria que ir até lá.

2.2 As “missões” recebidas

Em 1932, quando ainda residia na cidade de Arcoverde e trabalhava com os irmãos, algo ocorreu com Cícero que o levou a sair do anonimato e começou a despertar a curiosidade, a crença e até a hostilidade de alguns. O que fez com que ele saísse do anonimato, foi a experiência de uma visão anunciadora que mudou a sua vida para sempre e a vida dos que, ao longo do tempo, acreditaram nas suas palavras. Tal missão é narrada da seguinte maneira por ele, entrevista dada em 1996.

Às 3h de 13 de fevereiro de 1932, Jesus foi o único que vi a olho nu, não por sistema telepático ou em sonho. Eu era comerciante e fui buscar uma mercadoria à noite e, quando olhava para a via Láctea, vi uma estrela maior do que as outras. Ela veio baixando e se aproximando de mim. Fiquei com medo e quis sair correndo, mas o corpo não me obedeceu e não tive energia para sair dali. Jesus se apresentava em aspecto físico muito semelhante ao retrato dos livros religiosos. Ele tinha um rosto bonito, feições tranquilas, barba um pouco crescida, cabelos ondulados e usava uma capa cor de palha. Jesus pairava sobre as árvores, a alguns metros do chão. Perguntei, em pensamento, por que Ele não punha os pés no chão, Ele me disse que a terra era impura e que eu tinha uma missão a cumprir, dada por Deus (CAVALCANTI, 1996, p. 58).

Sobre a mesma revelação

Eu senti que a irradiação do planeta tocou no meu eu [...]. Bem, desceu aquela entidade corpo celeste, puramente Jesus. E desceu solto [...]. Então aconteceu, falei com Jesus; ele falou comigo antes que eu falasse com ele, não era de forma telepática [...]. Ele me propôs uma missão, tens missão a cumprir [...] iniciou-se um curto dialogo [...] - Tens missão a cumprir. Não nasceste para ser romano - disse Jesus, [...] a missão é de cura [...] cura em meu nome [...] (BUENOS AYRES, 1994, p. 23-24).

No caderno de perguntas e respostas sobre a comunidade, Cícero esclarece

Esta voz de Jeová Deus firmou contrato convosco? R. Sim. Após essa ordem firmou com Israel, severo contrato. Ungiu e constituiu

Israel máquina de sua confiança e instrumento do sopro de sua palavra para esclarecimento dessa geração (CEMet.).

Segundo o seu testemunho, Jesus Cristo, o Filho de Deus, desceu do céu e lhe confiou, por determinação divina, a missão transcrita acima a mesma teria duração de vinte anos.

A referida revelação estabelecia que ele deveria peregrinar por inúmeras cidades, fazendo curas em nome de Jesus Cristo, até que o prazo de vinte anos, dada por Deus Pai, terminasse.

Nos documentos que tivemos acesso e na memória dos que entrevistamos chegamos a conclusão que Cícero seguiu as recomendações da revelação para isso desfez a sociedade com seus irmãos, e teria começado a percorrer o Nordeste, fazendo pequenas curas em nome de Jesus.

Isso o ajudou a conquistar os primeiros adeptos, ao mesmo tempo em que também começou a despertar a hostilidade das autoridades por onde passava. Segundo alguns, que o conheceram desde aquela época, quando ele começou a peregrinar, precisamente quando ele esteve de passagem pela Paraíba, afirmaram que ele curava mesmo e esse foi o motivo para que anos mais tarde decidissem ir morar em Serra dos Breus “curei aleijado, cegos, mudos e muitos deficientes físicos” (CAVALCANTI, 1996, p. 58).

Em 1952, passados quase vinte anos, duração do poder de cura, ele fixou residência em Serra de Teixeira, a 80 quilômetros de Arcoverde - PE, onde continuou fazendo pequenas curas até o fim do prazo. Neste ano, como atestam os documentos, Cícero passou a afirmar que tivera o seu nome mudado para Israel, tornando-se assim o representante de Deus na terra. Foi nesse momento que, acreditava, recebera a segunda missão, só que essa, diretamente de Deus Pai. Nela Deus determinava que Cícero tinha que encontrar um lugar para fundar a cidade de Deus.

A segunda missão é narrada da seguinte maneira por ele:

Não vi Deus Pai. Eu escutei sua voz na mente, como aconteceu aos antigos profetas. Aceitei a missão de criar o novo povo de bom grado e ele disse que eu não havia nascido para ser romano e mudou o meu nome Israel (CAVALCANTI, 1996, p. 58)..

No caderno de perguntas e respostas sobre a mesma revelação,

Como recebeu esta voz que lhe fala? Estando eu no roçado pela manhã do dia 29 de novembro de 1952. Fui tomado por uma faísca de energia que do alto descia de modo salutar. Tomou o meu corpo e inspirou de modo consciente, ordenando fundar o novo paraíso, para as finalidades da reformado mundo. Porque já não lhe convinha os homens em desobediência de Deus (CEMet.).

Ainda sobre a mesma missão Deu Pai teria estabelecido

Tu Israel, eu e tu somos um só. Eu, como espírito vivificante, sou Deus e Criador Inclinado Jeová Deus presente, personificado no corpo de Israel, que antes fostes Cícero [...] (Rev2).

Criei Israel de origem desconhecida hoje eu habito nele e ele em mim. Eu e ele, nós dois somos uma só força e poder. Ele fará as mesmas coisas que Deus faz, porque hoje eu Deus personificado em pessoa presente no corpo de Israel, como Deus, visto a olhos nus, o meu nome é Israel, e o nome dele é Israel. E eu Deus que sou, um espírito de origem desconhecida em todo o universo, como espírito que sou, vida, natureza e energia de Israel Rei do Brasil, Rei de Paz, Rei de Segurança, com a coroa de Deus na sua cabeça ele fará as mesmas coisas que Deus faz (Rev3).

Segundo Cícero, por determinação divina, quando da mudança de seu nome, passou ser o único representante de “Deus Pai” (Jeová), que estabeleceu que ele deveria cumprir a missão de preparar o povo para a chegada do terceiro milênio, para isso ele deveria encontrar o lugar ideal para fundar o novo Paraíso ou a cidade de Deus.

A missão é narrada como um diálogo entre Cícero e Deus, no depoimento feito a Buenos Ayres, em 1994:

Tens missão a cumprir. E a tua missão é para preparar um povo para guardar pra entrada do terceiro milênio um começo de civilização. Um povo que não jogue jogo de espécie nenhuma; um povo que guarde respeito pelos animais, que não sacrifique o carneiro, o boi, o caprino etc. É essa a sua missão” [...] (Indaga Israel a Deus) [...] Senhor onde eu vou guardar esse pessoal? [...] dentro da pedra [...] Falta você encontrar que é dentro de uma caverna na serra [...]. E quanto à causa da Missão, tem sucessor? [...] Não. A missão que lhe dou não tem sucessor (BUENOS AYRES, 1994, p. 26-27).

Não é de estranhar que, a partir da divulgação original desta revelação, a hostilidade das autoridades por onde quer que ele fosse aumentou consideravelmente. O perigo levou-o a refugiar-se durante três anos no mesmo

município em que teve a experiência teofânica, Teixeira- PB, escondido em um abrigo subterrâneo. Segundo consta nos documentos foi nesse período que cessou o poder de curar em nome de Jesus e aparentemente foi também durante o período em que ficou no abrigo que conseguiu estabelecer as bases do que mais tarde viria ser o início de seu “Reinado Evolutivo”.

Em 1955, terminado forçosamente o período de reclusão estratégica, por causa da descoberta do abrigo, foi para o Recife, onde passou algum tempo apoiado por parentes preocupados com a repulsa crescente por parte de pessoas influentes de Arcoverde.

A sua estadia em Recife revelou-se decisiva, pois foi ali que ele fundamentou melhor os preceitos da futura comunidade religiosa, que viria a criar em Serra dos Breus, Pernambuco.

Segundo consta em artigo publicado em 1982, que se reporta à década de 60, na época o número de fiéis crentes na sua missão e nos seus preceitos era mais ou menos de “vinte quatro pessoas, quase todas pertencentes a duas famílias” (RIBEIRO, 1982, p. 258).

Na mesma década Cícero começa divulgar as revelações, que teria recebido telepaticamente de Jeová (Deus Pai). Essas revelações, transcritas posteriormente e chamadas de Carta, foram utilizadas para divulgar as já citadas missões e a criação de um novo paraíso.

As Cartas, também chamadas de Escrituras, continham revelações de origem divina sobre a fundação de um Governo Celeste no Brasil. Na segunda Carta, intitulada de “Operações do Governo Celeste” Cícero começa a divulgar, nos Estado do Ceará, Pernambuco e Paraíba, a criação de um Reino de Deus na terra, que não seria propriedade de nenhuma religião, nem de nenhuma crença, nem de padroeiros, nem de beatos e nem do espiritismo.

Para Cícero a criação de outro reino, chamado por ele de Nova Jerusalém, significaria a concretização “do reino de paz e amor para o bem coletivo, para tirar a ruína do mundo, para repartir o direito e mérito de cada um” (Rev2).

Na Carta revelação Cícero José de Farias esclarece que o governo se manterá firme no seu propósito, “as religiões continuarão as mesmas na condição de ensinar ao seu rebanho fazer a vontade de Deus, para unir todos os povos em um só rebanho para um só Pastor” (Rev2).

Esclarece mais, quando tenta fundamentar os benefícios da fundação do Novo Reino:

As autoridades Eclesiais continuarão as mesmas na condição de desarmar o seu rebanho e armar a cada um de Bíblia na mão ensinado que o homem faça a vontade de Deus, que tem seguro o Reino dos Céus. O feitiço seja combatido pelas autoridades militares, civis e religiosas. O mundo precisa de um espírito consolador e não do espírito de ruína. O Espiritismo se conserve em paz, cada um em sua expressão caridosa. A lei do suicídio seja combatida, a caridade se estenda em geral aplicada em todas as maneiras precisas, a paz reine com a fraternidade humana. O homem se desdobre na medida de vencer sem ferir seus irmãos. Deus, que acima de tudo se revela aos homens, deu a entender a [sua] vontade para uma nova aliança entre o Governo Cósmico e o governo brasileiro, para que o mundo tenha o verdadeiro equilíbrio e uma segura paz para todos os povos, para todas as igrejas para todas as religiões, para Cícero, para os pastores e seus rebanhos (Rev2).

Ao final das Cartas Cícero informa que, para os que quisessem maiores informações sobre a fundação do novo Paraíso, deveriam procurar o Sr. Wyle Tenório, no Recife⁹. Outro endereço citado nas cartas, para os que quisessem maiores informações, era o da sede do que ele chamava de Legião Jesuíta Cristã, localizada no Parque Tiradentes, em Juazeiro no Norte – Ceará. Uma vez concretizada a fundação da Comunidade, a sede da Legião Jesuíta Cristã deixou de existir.

Na terceira Carta Revelação intitulada “Operações do Governo Celeste” tendo como subtítulo “Deus se revela aos seus adversários”, Cícero escreve sobre a vinda do Filho do Homem ao Brasil em 1960 e a fundação de seu governo em Arcoverde para a fundação da Nova Jerusalém, até então com poucos súditos.

A razão da minha escolha em Arco Verde de Pernambuco, Brasil para o coração de Jerusalém: - É porque, Arco Verde será o novo Sião, onde o Cordeiro de Deus será firme com um nome ao lado dos seus, assinalados. E o meu nome é Juízo, e nem um outro sementeiro semeou nem arrebanhará em cima do Sião e sim o Filho do Homem (Rev3).

⁹ Procuramos, no Recife, o endereço acima citado, nas Cartas. Lá chegando, ficamos sabendo que o Sr. Tenório havia falecido há mais de vinte anos.

Na “Carta”, Cícero deixa clara a sua intenção de divulgar, e de ver divulgada, a implantação de um governo de “Deus Pai” no Agreste Pernambucano, sob o seu comando.

Ao final Cícero esclarece que os mandamentos são seus e de Cristo, e que as informações contidas na carta cheguem ao conhecimento de todos “até que o Filho do Homem seja divulgado como rei do mundo pelos séculos dos séculos, e a nova Jerusalém terrestre encaminhe seus filhos à Jerusalém celeste. Então, será ligado o Céu com a terra, com um só Governo e um só juízo que é Deus com os homens” (Rev3).

A partir destas afirmações, fica evidente que Cícero estava fundamentando e procurando adeptos para o que mais tarde seria a comunidade religiosa guiada por ele em Serra dos Breus, e a concretização e implantação do Governo Celeste no Brasil sob o seu comando.

Apesar do artigo publicado em 1982, que reporta à década de 60, determinar que as “cartas revelações” não tiveram a repercussão esperada e que houve uma escassa resposta à doutrinação pessoal” (RIBEIRO, 1982, p. 261), Cícero com o passar do tempo conseguiu congregiar ao seu redor um número bem expressivo de fiéis que, mesmo após a sua morte, e mesmo que de formas diferentes continuaram a comungar com os mesmos ideais de seu fundador e continuam morando na Comunidade fundada na década de setenta.

Em 1966, Cícero foi à Paraíba, com seus seguidores, mas foram presos sob a acusação de estarem iludindo a boa-fé de pessoas do povo, “despojando-as de seus haveres” (RIBEIRO, 1982, p. 258). Após terem sido soltos, ele e seus adeptos retiraram-se da Paraíba e estabeleceram-se finalmente no Agreste Pernambucano, onde fundaram em 1976 a comunidade religiosa que passaremos a descrever no próximo capítulo.

3 “PORTO SEGURO”, SEMENTE DE UM “NOVO PARAÍSO”

3.1 Ambiente Físico e Geográfico do Vale do Catimbau

A 285 quilômetros do Recife e a 60 de Arcoverde, em plena Mesoregião do Agreste Pernambucano e Microrregião Pernambucana do Vale do Ipanema, situa-se o Vale do Catimbau, no distrito de Buíque. Se o nome já é sugestivo, significando, segundo os moradores, “magia negra”, “homem ridículo” ou “cachimbo grande”, o local é quase indescritível: formações rochosas, resultado da ação de agentes erosivos durante milhares de anos, apresentam-se como verdadeiros cartões-postais. A primeira visão que se tem, ao chegar no Vale do Catimbau, é a da “Serra das Torres” com, em primeiro plano, a chamada “Pedra do Cachorro”, típico exemplo de morro-testemunho, uma massa rochosa em meio à planície, com o topo em forma de cão de guarda.

As formações rochosas do vale possuem uma impressionante variação na tonalidade das cores, indo do branco ao avermelhado e apresentam uma definida unidade geológica e geomorfológica.

A água utilizada para o abastecimento do vale do Catimbau e da cidade de Buíque, provém da lagoa de Ibimirim e das nascentes situadas nas bases das formações rochosas, que desembocam em várias piscinas naturais de água morna, atração para turistas de todos os lugares do Brasil e do exterior.

O clima predominante do município é, segundo a escala Kopper, do tipo BSh, ou seja, quente e seco de estepes com baixas temperaturas, baixa precipitação pluviométrica e chuvas de verão-outono, com temperatura média elevada. Sendo assim há a predominância do clima semi-árido quente durante o dia e frio durante a noite. A temperatura na região é sempre alta durante todo o ano, com média anual em torno de 23,1°C para as mínimas e 28,9°C para máximas (OLIVEIRA, 2001, p. 11.).

Devido às variações climáticas predomina na região a caatinga, com alta capacidade de retenção de água. A flora é composta pela associação de vegetais pouco uniforme, que compreende uma ampla variedade de arbustos.

Formam parte do conjunto vegetacional as cactáceas como o facheiro, mandacaru e o xique-xique; entre as bromélias entramos a

macambira e ainda os umbuzeiros, faveleiros, marmeleiro, pereiro catingueiras e paus ferro dentre outros (OLIVEIRA, 2001, p. 11.).

A fauna da região é rica em animais de pequeno porte, os mamíferos são os mais freqüentes tais como o tatu, veado, cutia, mocó, preá, punaré, como também répteis e aves.

A região compreendida entre o Vale do Catimbau e Serra dos Breus é caracterizada pela existência de uma série de inscrições rupestres, descobertas na década de 70, pelo pesquisador Marcos Albuquerque, que escavou alguns sítios. As escavações possibilitaram que fossem encontrados, nos sítios da Pedra da “Concha e da Alcobaça”, fósseis e inscrições rupestres que comprovam a presença de comunidades pré-históricas na região, com datas aproximadas de seis mil anos¹⁰.

Catimbau, particularmente suas cavernas, foi intensamente ocupada por grupos humanos pré-históricos, caçadores coletores, entre BP 6.640 + 95 (BaH – 1053) e BP 2.780 + 190 (BaH- 1256). Diversas outras datações compreendidas no período citado foram obtidas para a mesma área (ALBUQUERQUE, 1991, p. 73.).

O complexo de serras, vales, grutas, cemitérios pré-históricos, inscrições rupestres e rochas do município de Buíque, segundo a EMPETEUR estão espalhados numa extensão territorial de 90.000 mil hectares de terra de uma beleza extraordinária que, aliada ao um conjunto de sítios arqueológicos, nos remetem a tempos longínquos da nossa história. Catimbau possui hoje aproximadamente 23 sítios arqueológicos, catalogados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mas segundo os pesquisadores podem ser bem mais espalhados em toda a extensão dos paredões rochosos, nas montanhas de arenito e nas cavernas do Vale.

Catimbau é ponto de partida para os pesquisadores que desejam desvendar os mistérios da nossa diversidade natural, dos nossos antepassados e do misticismo tão propício naquela região, lugar que nos remete a paz onde a natureza é exuberante.

¹⁰ Algumas dessas descobertas tiveram a contribuição de Cícero José de Farias e de alguns de seus seguidores. Cícero havia começado a escavar na região, “com o fito de encontrar relíquias de uma antiga civilização”. (BUENOS AYRES, 1994, p. 34).

Por apresentar os atributos de um lugar extraordinário, segundo alguns que visitam a região, a beleza da sua natureza que traz uma sensação de paz de espírito. Em 13 de dezembro de 2002 deu-se a criação do Parque Nacional do Catimbau, pelo decreto Nº 913/12, com cerca de 62.300 mil hectares, abrangendo os municípios de Ibimirim, Tupanatinga e Buíque.

Art. 1º O Parque Nacional do Catimbau tem como abjetivo preservar os ecossistemas naturais existentes possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental (Diário Oficial da União, Brasília DF, 16 de dezembro de 2002- Seção 1).

A criação do Parque Nacional deverá segundo estudos preliminares da área promover o turismo ecológico e preservar a caatinga.

Por ter sido segundo Cícero o lugar indicado por Deus para a fundação da Nova Jerusalém, “Deus revelou o local da Cidade eterna”, Cícero adquiriu ali alguns lotes de terra, nas proximidades do Catimbau e fundou a Comunidade em 1976 (CAVALCANTI, 1996, p.58.). Com a criação do Parque, a área onde está situada a Fazenda Porto Seguro deverá ser desapropriada: a lei de conservação ambiental é bem rígida quando se trata de Parques Nacionais. Assim, esta é hoje uma das maiores preocupações dos que ainda moram na Comunidade. Temem que a lei se cumpra e que tenham que sair de suas casas, deixando para traz não só bens, que poderiam ser comprados em outros lugares com o dinheiro das indenizações pagas pelo governo, mas toda a história de uma Comunidade que via na pessoa de Cícero e naquele lugar, algo inexplicável, sagrado, Segundo Edvaldo Bezerra de Melo (em depoimento concedido, em 20 de maio de 2007) “onde foi lançada a pedra fundamental por Deus para a nova civilização”.

3.2 A Comunidade, ontem e hoje

Por que muitas pessoas, dos mais diversos lugares, saíram de suas casas e largaram tudo para ir morar na Fazenda Porto Seguro? O que aquela Comunidade tinha de tão especial que as outras não tinham? Com o intuito de responder as estas indagações iremos, nas páginas seguintes, discorrer sobre a fundação, crescimento e as particularidades da Comunidade criada por Cícero.

Para isso, além de dados captados nas entrevistas, utilizaremos também como fontes de informações, jornais, revistas e entrevistas dadas por Cícero a emissoras de TV. Assim como os documentos deixados por ele: as “Cartas de Revelação”, a “Carta Magna de Caráter Padrão”, e a “Ciência Metafísica I”, todos, segundo o testemunho do próprio Cícero, que teriam sido recebidos telepaticamente¹¹ pelo líder, posteriormente transcritos e distribuídos entre o fiéis. Esses documentos serviram para divulgar a Comunidade e fundamentar a missão do líder, cujo mandato era transformá-la em um novo paraíso terrestre.

Sobre a fundação da Comunidade, Cícero se fundamenta nas mensagens recebidas telepaticamente de Deus Pai

Eu Jeová, o meu nome é esse, e outro Deus não existe que possa impedir ou privar o direito de Deus construir a cidade que vim fazer aqui na Serra dos Breus. E tu Israel recebe de mim que sou o senhor teu Deus, um tesouro sem limite. Porque a riqueza que te dou, não é do governo nem dos homens dessa ou daquela nação. Assim declaro para que ninguém se levante contra a dádiva que eu dei a Israel. Porque bendito o homem que recebeu, a riqueza de Deus para construir a cidade de Deus em Serra dos Breus (Rev2).

Ainda sobre a fundação da Comunidade

Como bebo do campo da sabedoria, cuja fonte é Deus, que me autorizou fundar a fazenda Porto Seguro, obedecendo aos desígnios de Deus, para tudo aquilo que me autoriza fazer uma certa preparação nessa comunidade (...). Foi em Serra dos Breus que Deus sentiu vontade de habitar, porque só gosta de bosques e montes, porque nas cidades grandes não há paz, existem ofertas de sacrifícios feitos a Deus, como se ele vivesse das coisas

¹¹ Sobre o uso desse conceito, veja-se, acima, nota 6, p. 16.

sacrificadas, derramamento de sangue, prostituição e tortura nos presídios (CMCP).

De acordo com estas informações contidas no documento intitulado “Carta Magna de Caráter Padrão”, fica evidente que para Cícero, a escolha do lugar para a fundação da Comunidade havia sido determinado por Deus, e que todos os que quisessem compartilhar dos benefícios dados por Deus Pai deveriam morar em Serra dos Breus¹².

Sobre a criação do novo paraíso Cícero esclarece as finalidades

Quais as finalidades principais do novo paraíso? R. São várias as finalidades: 1) Fundar o novo céu já anunciado por Deus aos profetas, para que os homens sintam o reino de Deus em si: a) na parte de edifício b) na parte espiritual. 2) A fundação do reino de Deus na terra como cabeça de justiça celeste. 3) Abrir as 12 portas do novo mundo, isto é, fundar um ministério. 4) Levantar a Igreja da Redenção, com 25 colunas para assinalados e eleitos do cordeiro. 5) Abrir a porta estreita, com o segundo advento do Cristo, para a salvação de muitos. 6) Criar uma escola, instrutiva, educativa e regenerativa, para lapidar os que se destinarem a ser os habitantes do novo céu. 7) Fundar a sociedade interplanetária, universal. Como porta do céu aberta para terra. 8) Transformar a terra em uma nova terra, e um novo céu como o dia contínuo. 9) Dividir o novo céu em 3 partes. 10) O sol não dará a sua luz, e a lua será atrasada no seu curso, quando a terra, em uma posição pendente, cambaleará. 11) A passagem da estrela de abismo, que amparará a órbita da terra. 12) O despertar da Nova Aurora do Reino. 13) Ficará a terra como centro de um governo do sistema planetário (CEMet.).

Para Cícero, como se pode constatar a partir da leitura do trecho extraído do caderno de estudos metafísicos, eram várias as finalidades que justificavam a fundação do “Novo Paraíso”, dentre essas podemos destacar: “Fundar o novo céu já anunciado por Deus aos profetas, para que os homens sintam o reino de Deus em si; “Abrir a porta estreita, com o segundo advento do Cristo, para a salvação de muitos, Transformar a terra em uma nova terra, e um novo céu como o dia contínuo”.

Ainda sobre a fundação da Comunidade chamada por ele de “Novo Céu”, “Paraíso Terrestre” “Paraíso Celeste” ou “Nova Jerusalém” Cícero explica como será fundada:

¹² Nome dado ao lugar onde está situada a Fazenda Porto Seguro, em decorrência da grande quantidade de uma planta de mesmo nome.

Como será fundado o novo céu? R. Em três moldes, a saber: a) no coração dos homens edificados em Deus, b) na fórmula moral e intelectual dos homens; c) na parte predial. Por que está escrito, novo céu descendo do trono de Deus? R. Porque Deus mesmo será o seu fundador, por boca do seu profeta, e trazendo consigo a corte para o governo do novo céu. 4) Qual o interesse de Deus fundar o novo céu, se já tem tantas cidades no mundo? R. Há vários interesses: a) organizar um povo que faça a vontade de Deus; b) dar vida eterna a esse povo; c) abrir no meio da praça do novo céu o rio de água da vida em sentido vertical; d) desta cidade nasça o fruto da árvore da vida para aqueles que buscam a glória de Deus; e) nesta cidade se sentará Jesus Cristo, como Rei e Juiz, não só da terra como de uma constelação de planetas, e porá seus inimigos por escabelos de seus pés; f) levantar um palácio onde a virgem Maria se sente como rainha das mães, e virgem das virgem; g) para que a glória de Deus esteja com os que aprendem direto com Deus; h) para que esta cidade e seus arraiais, escape das gravidades dos cataclismos provocados pela mudança do ciclo. E o novo céu goze do governo do triunfo pelos séculos dos séculos; i) nela não haverá mais noite nem suas portas se fecham, porque Deus mesmo é a sua lâmpada; j) para que nenhuma outra cidade no mundo tenha as características acima escritas pelo interesse de Deus. Para que não existam mais as lágrimas, as dores e a morte (CEMet.).

De acordo com os princípios de criação e fundação da Comunidade e sendo ele o escolhido por Deus, Cícero José de Farias funda, em 1976, em terras legalmente adquiridas¹³, a Comunidade Metafísica e Teológica, na Fazenda Porto Seguro.

A Fazenda Porto Seguro está localizada a 14 quilômetros do Vale do Catimbau, e 30 quilômetros de Buíque. O acesso à comunidade é feito através de uma estrada de barro, muito acidentada, dificultando, em alguns trechos, a passagem de carro.

Ao longo do percurso até chegar a Comunidade temos o prazer de apreciar a paisagem, composta por paredões de arenito em formato de animais e a rica fauna e flora da região, que impressionam.

À medida em chegamos mais próximos da Fazenda o número de casas vai diminuindo, até que não avistamos mais nenhuma. Temos a impressão de estarmos indo para lugar nenhum.

13 Conforme escritura registrada no cartório de Buíque sob os nº 952 fls 01 livro b; e T. documentos Fls 03 nº 1/76 e livro T. documentos fls 17 sob nº 145.

Faltando ainda alguns quilômetros para chegarmos, avistamos a Fazenda do alto. O que se vê é um aglomerado de casas disformes, contrastando com a paisagem natural do lugar. Após avistar a Comunidade começamos a descer o morro, chegando na parte plana avistamos de longe como que um portal, que recepciona os moradores, com o nome da Fazenda talhada na madeira.

A Fazenda está localizada em uma área que impressiona todos os visitantes pela beleza de sua paisagem e pelas pinturas rupestres (próximo à sede, por exemplo, existe um mirante, de onde se pode ver a famosa pedra furada).

Mesmo sendo localizada em um lugar de difícil acesso, segundo alguns não faltou gente interessada em largar tudo o que tinham em outros lugares para ir morar lá com Cícero, pois segundo os escritos dele, os benefícios para os que fossem morar na Comunidade recém fundada, eram muitos, principalmente a sua participação em um Reino de Paz e Progresso.

Neivia Maria da Silva, uma das primeiras seguidoras de Cícero descreveu em entrevista como era o lugar indicado para a fundação da Comunidade (depoimento concedido dia 20 de maio de 2007):

Quando eu cheguei na fazenda não tinha nada, a gente chegou no Catimbau e fomos para a Fazenda Porto Seguro a pé, ele ia à frente e eu atrás, lembro até que eu pisava nas pisadas dele, quando ele tirava o pé eu colocava o meu, porque ele era mais pesado e pisava a terra, que naquele tempo a terra era muito seca, não era como hoje, eu aproveitava a terrinha já “apilada”, ficava mais fácil, ele saía na frente e eu atrás. Quando nós chegamos lá não tinha nada, só mato então o pai de Raquel ficou em Catimbau e depois subiu em lombo de animais levando coisas que agente precisava, panela, essas coisas e duas lonas, então fizemos como que uma barraca, ali agente cozinhava e dormia, depois chegaram os primeiros trabalhadores para construir o primeiro ranchinho de palha e como era muito trabalhador para comer e a louça era pouca, eu colhi aquelas catimbas de coco e fiz prato e panela, todo mundo comia, tinha oito homens. Passamos no rancho três anos até construir a casa, os primeiros móveis eram de palha, cadeira, cama e mesa tudo de palha, tudo bem organizado. Meu Rei começou a comprar uma posse aqui outra ali.

Jesus José de Farias esclarece mais sobre o lugar escolhido para a fundação da Comunidade (depoimento concedido dia 20 de maio de 2007):

Ele (“Meu Rei”) escolheu um lugar totalmente ermo, deserto que não subia nem carro, na primeira vez que ele subiu a serra foi em lombo de animal. Ele escolheu um lugar totalmente ermo, se você esteve na Fazenda, percebeu a distância que é da cidade, você chegou em um período bom, mas ali é uma área totalmente deserta e abandonada, hoje tem várias vilas, mas quando meu pai chegou, tinha uma pessoa a cada 500 ou 1000 metros de distância umas das outras e assim por diante. Ele estabeleceu uma comunidade num local de difícil acesso sem água, hoje tem água em ambulância, mas na época que ele chegou aproveitava -se o cômico das pedras fazendo escavações para a água dos morros convergirem para aqueles ambientes. Foi neste lugar que meu pai começou, com pessoas simples e humildes. Os outros chegaram depois, doutores e advogados, depois de praticamente montado o sistema a Comunidade.

Segundo o testemunho dos entrevistados, quando chegaram no lugar indicado, ficaram um período acampados em condições realmente precárias. No início, eram uns 10 seguidores, no decorrer da década de setenta, muitos que haviam conhecido Cícero nas andanças que o mesmo fizera durante os mais de vinte anos pelo Nordeste, como um taumaturgo, ficaram sabendo da fundação da Comunidade e logo começaram a chegar para morar. Assim que chegavam tratavam logo de comprar um lote de terra para construir a sua moradia. O difícil acesso a Comunidade e as condições de um lugar inóspito não foram empecilho para que muitos se deslocassem de suas cidades para ir morar em um lugar que ainda hoje é um fim-de-mundo.

Aos poucos a Comunidade foi ganhando ares de uma vila, as casas foram sendo construídas pelos que iam chegando, com o intuito de compartilhar dos ideais de Cícero, logo o número de fiéis foi aumentando consideravelmente. Com o crescimento da “Vila” foi necessário que ela tivesse um comércio, que atendesse às necessidades dos moradores, o que lhes facilitou a vida, pois os mesmos não precisaram mais se deslocar para Buíque sempre que quisessem comprar algo ou dispor de algum serviço. Em seu período áureo, na década de 90, a comunidade dispunha de mercadinho, lanchonete, armazém e oficina mecânica, os moradores só se deslocavam para a cidade quando não tinham opção. Até telefone público a Comunidade possuía, pois, atendendo a uma reivindicação dos moradores, a Telemar instalou, na frente da mercearia, um orelhão que funcionava com a tecnologia dos celulares.

Nessa época a Fazenda Porto Seguro possuía trinta e oito casas, todas de alvenaria, a maioria possuindo instalações elétricas e hidráulicas.

O aglomerado de casas que foi sendo construído na Fazenda pode ser comparado com um dos tantos bairros de classe média baixa existentes no Brasil, as casas são amplas e quase todas possuem terraço à frente.

Nos anos que antecederam à morte do líder, o número de moradores e visitantes da Comunidade só aumentava, os que chegavam tinham a impressão de estar em uma cidade, tamanha era a movimentação de pessoas, dentre as que moravam e as que a visitavam esporadicamente.

Hoje é pouca a movimentação de pessoas na Fazenda, isso se deu desde a morte do líder religioso. A impressão que temos ao chegar a Fazenda é que estamos visitando uma comunidade abandonada, sem vida, parada no tempo.

Temos a nítida sensação que ali não mora mais ninguém, mas, ao andar pelas suas ruas um tanto acidentadas, percebemos que apesar de muitas casas estarem abandonadas, semi acabadas, algumas delas continuam ocupadas.

Não era essa a nossa expectativa. Nos últimos meses que antecederam a concretização dessa dissertação tivemos que pesquisar muito, já que sobre o movimento pouquíssimas coisas haviam sido publicadas. No pouco material que fomos encontrando em revistas, artigos e reportagens de jornais, que falavam sobre a Comunidade, o foco sempre era o de evidenciar que a Comunidade possuía mais de 100 pessoas e todas partilhavam dos mesmos ideais e que eles não precisavam sair da Comunidade para comprar algo. Logo, fomos influenciados a construir uma imagem do que seria a Comunidade hoje.

Nessa idealização, pensávamos que nela ainda existia aquela movimentação de pessoas, o vai e vem de carros, todas as casas ocupadas, filas no único orelhão, o mercadinho e a lanchonete sempre cheios de fregueses, e o “palácio”, mesmo sem a presença física de “Meu Rei”, com muitas pessoas vindas das mais diversas partes do Estado e do Brasil, interessadas em adquirir um pouco da serenidade e sabedoria, que tantos falavam que “Meu Rei” tinha. A leitura de tal material, antes de nossa primeira visita ao local, deixava-nos a impressão que iríamos encontrar ainda muitos seguidores de Cícero, convencidos a concretização de uma época de paz e prosperidade estaria perto de se realizar.

Não foi nada disso que encontramos nas viagens que fizemos à Serra do Breus. A Comunidade estaria hoje abandonada, não fosse a ocupação permanente de cinco casas, cada uma tendo em média quatro moradores. As casas a que me refiro são das famílias que moravam na comunidade antes do falecimento de “Meu Rei” em 1999.

Os poucos moradores que restam na Comunidade reclamam sobre o quanto a situação financeira ficou difícil após a morte do líder. Antes do acontecido em 1999, as oportunidades de ganhar dinheiro na Comunidade eram muitas, pois o número de pessoas que a visitavam, principalmente aos domingos e nas datas comemorativas que já faziam parte do calendário litúrgico da mesma, 13 de setembro, 25 de dezembro e 1º de Janeiro; respectivamente, aniversário de Cícero, Natal e entrada de Ano Novo, aumentava consideravelmente. Nessas datas, a concentração de pessoas era maior do que o número de moradores permanentes da comunidade, logo o dinheiro gasto por estes visitantes movimentava a comunidade, que dispunha de um comércio crescente e transporte para os que quisessem se deslocar.

A grande movimentação de pessoas fazia com que houvesse uma circulação de dinheiro que possibilitava a construção de mais casas, gerando assim empregos para os que exerciam a profissão de pedreiro, ajudante, encanador, eletricitista etc.

As visitas constantes dos fiéis à Comunidade possibilitaram que muitos tivessem contato com o modo de viver da Comunidade e com a missão de seu líder, e isso corroborou para que muitos aderissem ao modo de vida proposto por Cícero e se mudassem para lá. Na década que antecedeu à morte do líder, a compra de terrenos foi muito grande, apesar da proibição às pessoas que não comungavam com os ideais da Comunidade de adquirirem lotes: esses só podiam ser vendidos para os que aceitassem as doutrinas de “Meu Rei”.

Com o intuito de assegurar que as pessoas não vendessem as casas, seja porque sentissem que seus anseios não estavam sendo mais satisfeitos seja por causa da dificuldade de alguns para encontrar trabalho, Cícero José de Farias foi até o cartório do 2º ofício de Buíque, para lavrar uma escritura pública de doação, na qual o bem doado era a Fazenda Porto Seguro, sendo ele o outorgante e Deus Pai e Deus Filho (representados por ele mesmo, enquanto Sadabe) o outorgado:

[...] aos dezoito dias do mês outubro do ano de mil novecentos e noventa e seis, desta cidade [...] compareceu perante mim escreventes, partes entre si juntas e contratadas a saber: de um lado o outorgante doador: Cícero José de Farias, brasileiro viúvo, residente na Fazenda Porto Seguro deste município e do outro lado como outorgando donatário Deus Pai e Deus Filho, representado Por Sadabe Alexandri de Farias Rei, brasileiro solteiro, residente na Fazenda Porto Seguro neste município. [...] resolvem nesta data doarem como de fato doado a Deus Pai e Deus Filho através de seu representante e por bem desta escritura [...] (EPD).

Cícero fez a doação das terras para ele mesmo, já que era o representante dos beneficiados, Deus Pai e Deus Filho¹⁴. “Se alguém dos seus bens faz doação a Deus, é Israel o meu procurador” (CLV, f. 1), logo, todas as terras localizadas na área da fazenda ocupadas ou não pertenceriam a ele. Os que se interessassem pela venda não podiam fazê-la, já que as terras não lhes pertenciam de fato, mas a compra de novos lotes a Cícero era até incentivada. Quanto mais pessoas comprassem, mais adeptos crentes nas missões morariam na Comunidade, o que ajudaria segundo Cícero, na concretização da missão de transformá-la em um reino de paz e prosperidade.

Como a movimentação de pessoas era grande na Comunidade, os interessados em comprar um lote para construir uma casa e para simplesmente ajudar Cícero eram muitos, até os políticos locais se interessaram em contribuir com qualquer coisa que a Comunidade precisasse. É claro que a ajuda estava condicionada a uma suposta garantia de lealdade nas eleições estaduais ou municipais.

Atento ao fenômeno que se expande, o deputado estadual Henrique Queiroz (PPB-PE) tratou de assegurar seu “curral eleitoral” no rebanho do messias. Foi presente seu o telefone celular e por seu intermédio o povoado ganhou energia elétrica e um busto em homenagem ao pregador (CAVALCANTI, 1996, p 59).

Os adeptos fiéis à missão de Cícero foram aumentando ano após ano, na medida em que ele ia ficando mais velho, a credibilidade depositada na sua pessoa crescia, já que ele afirmava que não iria morrer nunca, e estendia esta dádiva aos que se estabelecessem em Serra dos Breus.

¹⁴ Curiosamente, nesse documento oficial, Cícero é apresentado como “solteiro”.

Os novos fiéis que foram se estabelecendo na Comunidade, ao contrário do que muitos pensam, eram pessoas instruídas e que tinham uma certa posse, alguns possuíam duas casas, dentre eles podemos destacar uma pedagoga, um advogado, um juiz, um policial militar, além de professoras, comerciantes e autônomos, dentre outros. Mas isso não significava dizer que não existiam os mais pobres, esses eram sempre a maioria, mas isso não fez com que houvesse qualquer distinção entre os que tinham e os que não tinham bens ou dinheiro, tratava-se de uma comunidade em que as pessoas eram tratadas igualmente. Os que estivessem passando por alguma dificuldade, iam logo conversar com “Meu Rei”. Os entrevistados para esta pesquisa foram unânimes ao falar que, quando ele estava vivo, não faltava nada para ninguém.

Com a morte de Cícero tudo mudou. Além da natural frustração de tantas expectativas, a carência de trabalho e dinheiro influenciou a saída de muitos que até hoje continuam acreditando ou pelo menos respeitando a memória de “Meu Rei”, já que a Comunidade não pôde mais oferecer oportunidades de se ganhar dinheiro.

Hoje, constatamos pelo depoimento dos guias de turismo do Vale do Catimbau, a maioria dos turistas que vai até o Vale e a Serra dos Breus, não chega lá interessada em conhecer a história da Comunidade. A grande maioria, na verdade, nunca ouviu falar dela. Apesar da Comunidade possuir duas guias, que fizeram o curso de turismo pelo SEBRAE, e que sabem muita coisa sobre a vida lá, nos tempos de “Meu Rei”, a maioria dos guias não fala da Comunidade. Pudemos constatar que isso acontece em decorrência da não valorização e da falta de credibilidade que é dada à história da Comunidade, não só pelos guias, mas por quase todos os demais moradores do Vale do Catimbau.

Com o intuito de saber o que as pessoas achavam de “Meu Rei” e da Comunidade conversamos com alguns moradores do Vale do Catimbau, e constatamos que muitos são cautelosos ao falar sobre a Comunidade, na maioria das vezes que perguntamos a respeito de “Meu Rei” demonstravam explicitamente, nas suas respostas, um preconceito muito grande e um certo ar de ironia ao relatar o que, para eles, representava a Comunidade.

Nas muitas conversas que tivemos com alguns moradores, ficou evidente que a maioria acredita que “Meu Rei” fora um louco e que as muitas pessoas que o

seguiram foram pessoas que não tinham Deus, e que, de Deus, “Meu Rei” não tivera nada, fora um charlatão.

Concluimos que o desconhecimento sobre os ideais que levaram ao surgimento da Comunidade e o preconceito contra “Meu Rei” e suas afirmações, compreensivelmente surgido no passado entre os que não o seguiram, ainda hoje se fazem presentes, deixando no esquecimento uma experiência social e humana que mereceria ser preservada e divulgada.

Até para melhorar as condições socioeconômicas dos atuais moradores: a circulação de pessoas possibilitaria que os poucos residentes permanentes vendessem o mel, artesanato e até hospedassem turistas em suas casas, como acontecia no passado.

3.3 O “Palácio” de “Meu Rei” e a “Água da Vida”

Na década de oitenta, seguindo o que acreditava serem determinações divinas, Cícero começa a levantar a estranha estrutura inacabada que hoje é conhecida como o “palácio”: uma construção em alvenaria e madeira, composta de vários andares, alguns semi-enterrados, completada com duas torres¹⁵.

Guilherme Lourenço de Moura, que trabalhou na construção do Palácio como pedreiro, descreve como este foi construído (em depoimento concedido dia 19 de maio de 2007):

O “palácio” foi todo feito com o material da melhor qualidade: a madeira utilizada para os pisos, entre um andar e outro, veio do Pará. Foi Deus quem passou para Cícero o desenho do “palácio” e as determinações de como deveria ser feito.

Qualquer pessoa que tenha uma certa noção do que vem a ser um palácio, tende a afirmar que o que Cícero falava e seus fiéis chamam ainda hoje de “palácio” nada mais é do que uma casa não convencional, com duas torres. Isso porque, no imaginário comum, um palácio deveria ser uma construção suntuosa, associada à ostentação e a riqueza. Os poucos que visitam a Comunidade provavelmente

¹⁵ Das torres, teve tempo de levantar apenas uma, da outra restam apenas os fundamentos. A construção toda apresenta-se inacabada, externa e internamente, sem reboco, com partes periclitantes.

desprezam a associação entre o “palácio” de Cícero e qualquer “palácio”, de algum governante ou família nobre. No entanto, para os moradores da Comunidade e para o seu líder aquela construção seria um palácio, até mesmo porque sendo Cícero o líder de um novo reino, tinha status de rei.

A construção apresenta-se com 24 cômodos e 7 cisternas¹⁶. Entra-se por uma varanda em forma de “U”, em que se destacam assentos de alvenaria, testemunhos eloqüentes de um tempo em que tantos deveriam esperar, talvez por horas, a sua vez para falar privadamente com “Meu Rei”. Na primeira sala, alguns retratos, cadeiras e nenhuma imagem de santo ou quaisquer outros objetos que lembrem os símbolos religiosos do cristianismo ou de qualquer outra religião. Na segunda sala, uma grande mesa imponente com mais de 7 metros, ainda hoje forrada com uma toalha branca. Em torno dela Cícero reunia, sempre aos domingos e, de acordo com a necessidade, a qualquer dia da semana, os que quisessem ouvir as suas pregações. Na maioria das vezes essas eram acompanhadas por cânticos e pela leitura de trechos do Antigo Testamento.

À direita da grande mesa abrem-se as portas de dois quartos; do lado esquerdo, uma escada, fechada hoje por um armário de escritório, dava acesso à cozinha. À frente da sala de reuniões têm-se acesso a um outro cômodo, e às cisternas externas que armazenavam a água de uso diário; na lateral esquerda, um lance de escadas leva aos quatro andares da torre.

O “palácio” possui ainda, cavadas abaixo de sua estrutura, várias outras cisternas, que armazenavam milhares de litros de água. Uma delas foi adaptada, em 1999, para dar lugar ao mausoléu de Cícero. Este não gostava de cemitérios, tinha-lhes verdadeiro medo, no testemunho desavisado da atual zeladora; por isso, quando foi constatado o seu falecimento, a família tratou de pedir autorização, que lhes foi concedida, para que seu corpo pudesse ser enterrado no próprio palácio, lugar sagrado para ele e para os fiéis.

Questionamos essa informação que nós fora dada pela zeladora, e tentamos encontrar justificativas para entender o medo que segundo ela “Meu Rei” tinha de cemitérios. Ao ler as dezenas de documentos de Cícero não encontramos

¹⁶ Seria preciso descobrir, nos arquivos da Comunidade, um eventual esboço ou, quem sabe, uma planta formal da construção, para sabermos exatamente quantos cômodos viria a ter, quando concluída.

explicitamente o que justificasse esse medo, mas mesmo assim chegamos a seguinte conclusão: Se ele afirmava que não ia morrer nunca e que segundo ele só cuidava das coisas relacionadas à vida e não da morte e que só os indignos morreriam, acreditamos que o medo dos mortos estava relacionado aos que não haviam conquistado a imortalidade por terem se afastado de Deus. Logo o medo de cemitérios não estava relacionado ao medo de ficar lá entre eles, por que isso não aconteceria e sim aos que estavam lá sepultados, sendo para ele impuros.

A construção das cisternas em baixo e ao redor do “palácio” está relacionada à falta de água na vila. Não se sabe quantas, mas com certeza as cisternas externas, serviam para armazenar a água de uso diário, que era trazida das diversas fontes de água que brotam das rochas nas proximidades da fazenda; outras, as mais protegidas, serviam para armazenar a “água da vida” ou “água abstratosa”, que segundo os seguidores seria o elemento responsável pela cura de algumas enfermidades e pela longevidade das pessoas que a bebessem.

Neivia Maria da Silva, ao ser indagada sobre o poder da água, não demonstrou nenhuma cautela ao expor os benefícios da “água da vida”:

[...] agora eu não posso negar que eu já vi, aquela água fazia efeito, as pessoas chegavam lá com problemas e ficavam lá um dia tomavam a água e saíam bem. [...] uma mulher que era minha vizinha que estava com um caroço na cabeça já tinha ido para o Recife no médico, ela ficou sem esperança e chegou para mim e perguntou. Neivia, você vai para a fazenda quando? Eu só vou depois do Natal. [...] é que eu estou precisando conversar com Meu Rei e receber daquela água, porque eu não tenho mais esperança, essa mulher ainda hoje vive, vou dizer a você que é a fé, eu acho que é a fé que cura, então quando ela colocou aquela fé indo lá e recebendo essa água, ela tomou e ficou boa.

A “água da vida” era também um dos elementos responsáveis pela longevidade do profeta e conseqüentemente das pessoas que as bebessem, muitas pessoas vinham de longe para ganhar ou adquirir a água milagrosa que era vendida a “5 reais o litro para os que acreditavam nas curas e no rejuvenescimento” e que, segundo Cícero curava doenças, tirava maus-olhados, e fazia “tudo de bom que se pode imaginar” (CAVALCANTI, 1996, p 58).

A construção do “palácio” e das cisternas só foi possível graças às já referidas vendas de lotes aos interessados em morar na Comunidade e às doações dos que partilhavam dos ideais de Cícero. Apesar dos muitos anos passados do início da

construção até 1999, ano de sua morte, Cícero não conseguiu finalizar as obras do “palácio”. O seu objetivo era terminar a construção da segunda torre e a finalização das cisternas ao redor do edifício, mas mesmo com a ajuda dos que compraram os lotes e a contribuição dos moradores, o “palácio” não ficou pronto antes de sua morte.

Hoje é uma construção inacabada e desgastada pela ação do tempo, apresentando diversas rachaduras. A responsável pela limpeza teve que desativar o acesso aos quatro andares, por medo de desabamentos, já que uma boa parte da madeira utilizada na construção está exposta a ação da chuva e do sol.

Mesmo sabendo desse risco pedimos autorização para subir, para conhecer pelo menos os locais em que o risco era menor; subir as escadas estreitas, tentando escapar dos morcegos que lá moram, revelou-se uma experiência quase assustadora: a construção está realmente comprometida, as escadas e as paredes estão repletas de rachaduras.

Também as cisternas construídas ao redor do “palácio” transformaram-se em armadilhas: as imensas tampas de madeira que as recobrem estão, impossibilitando o acesso. Em todo caso, aquilo que ainda se pode visitar, é sugestivo. Lembrando-se que “todo esse conjunto arquitetural colossal, para os padrões rústicos, foi construído consoante modelo celestial” (BUENOS AYRES, 1994, p. 44), a visita ao “palácio” permite vislumbrar o rico imaginário sócio-cultural-religioso construído por “Meu Rei” e aceito por seus seguidores.

3.4 As escolas da Comunidade

A Comunidade possuía uma “Escola de Metafísica” que funcionava no “palácio” de “Meu Rei”, destinada a atender aos adolescentes. O professor era o próprio Cícero. Nela eram ensinados conteúdos diferentes da escola convencional, pois tinha como principal objetivo transmitir os conhecimentos gerais sobre a fundação do “Novo Paraíso”. “Meu Rei”, com a colaboração de Neivia, preparou um texto em forma de perguntas e respostas, que lembra muito os antigos “Pequenos

Catecismos”¹⁷ usados na catequese das crianças antes do Concílio Vaticano II, intitulado “Caderno de Estudos Metafísicos”. A escola era essencial na formação da identidade de cada um, enquanto membro efetivo da Comunidade e o meio pelo qual Cícero buscava a perpetuação e manutenção da estrutura social e religiosa da Comunidade.

Além de ofertar apenas uma aula por semana, ela é voltada exclusivamente para atender exclusivamente os adolescentes [...] seu conteúdo programático, consiste em um conjunto de conhecimentos gerais sobre a predestinação nos graus de uma história Sagrada (escatológica); noções de teologia geral assistemática: revelação, soteriologia, feitos divinos, parusia, etc (BUENOS AYRES, 1994, p. 75).

Segundo consta na capa do Caderno de Metafísica a que tivemos acesso, o professor era Jeová (Deus) e a mediadora era a professora Neivia, ela repassava os princípios da Comunidade em forma de questionário¹⁸, perguntas e respostas. Na primeira página a seguinte definição “A metafísica é à parte da filosofia que procura determinar as regras fundamentais do pensamento, é uma ciência transcendental”.

Além do Caderno o líder escreveu seis documentos sobre a Ciência Metafísica. Tanto a cartilha como os documentos tinham o propósito de esclarecer e divulgar as benesses de viver na Comunidade, para os adolescentes que participavam das aulas de Metafísica e para os fiéis adultos.

Antes de seguir, é importante recordar que Metafísica, segundo o conceito tradicional, é a parte da Filosofia que “investiga os fundamentos, os princípios e as causas de todas as coisas” (CHAUÍ, 2002, p. 181). Especula em torno dos primeiros princípios e das primeiras causas do ser. Muitas vezes, ela é vista como parte da Filosofia, outras, confunde-se com ela.

Quando “Meu Rei” usa a palavra, ele entende por Metafísica algo de certa forma semelhante, mas com nuances interessantes, que valeria a pena aprofundar, em outro estudo. Ele diz:

¹⁷ Catecismos simplificados, baseados no texto recomendado pela Igreja e dirigido aos párocos, resultante do Concílio de Trento, decretado em 1564 e editado a partir de 1566.

¹⁸ Segundo o testemunho da própria Neivia, as perguntas e respostas foram elaboradas por Cícero, com sua ajuda, tendo o objetivo de uniformizar os conhecimentos sobre o líder, a sua missão e os princípios da Comunidade.

Uma criação inteligente provém de um criador inteligente [;] um espírito provém de um espírito Criador, corpo celeste. Uma consciência provém de uma super consciência, um reino terrestre provém de um reino sobrenatural, a que chamamos céu, uma luz provém de um sol, uma inspiração luminosa provém de Deus. Uma vida orgânica depende de um organismo composto. Um planeta provém de um satélite. O sol provém de um cometa. O espírito absoluto criador, é a síntese de todas as coisas boas existentes. Cada existência tem sua origem, e parte de um princípio, cujo ensinamento não é teoria, é puramente metafísica. São coisas maravilhosas e interessantes, estudarem profundamente tais fenômenos. Entretanto permanecéis sempre limitados, porque vos achais ligados ao criador das religiões, que nada tem a ver com o verdadeiro Deus criador (CM1).

É inegável a força expressiva do discurso de “Meu Rei”. O texto é, sem dúvida, produto de uma mente inteligente e investigativa, cujo limite principal era a falta de uma sólida bagagem cultural. Afirmar, por exemplo, que “um planeta provém de um satélite” e que “o sol provém de um cometa” pode soar, para um leigo conhecedor de astronomia uma afirmação errada, mas não diminui em nada a força argumentativa da mente da qual brotavam tais reflexões. Nota-se, no texto, que a noção de Cícero sobre metafísica não era o produto de uma inteligência desorientada. Mesmo pagando o preço de uma história de vida em que tanto a educação formal quanto os estudos superiores não estiveram presentes, Cícero leu muito e, de certa forma, entendeu bem o que leu. De fato, afirmar que a existência tem uma origem que é “pura metafísica”, e que descobrir e refletir sobre isso é maravilhoso e interessante, demonstra um invejável poder de abstração.

Nota-se também a afirmação dura que encerra o parágrafo: “Entretanto permanecéis sempre limitados, porque vos achais ligados ao criador das religiões, que nada tem a ver com o verdadeiro Deus criador”. É a chave de interpretação para a sua “crítica da religião”, e será aprofundada na seqüência desse trabalho.

A “Escola de Metafísica” foi a forma utilizada por Cícero para inculcar nas gerações futuras, às quais imaginava entregar o futuro da Comunidade, os princípios, dogmas e preceitos que deveriam sustentar a sua coesão e evolução. É aqui que pode nos ajudar a entender a sabedoria contida na ação de “Meu Rei” a afirmação de Berger:

Os homens são seres sociais. Sua “socialidade” inclui o que eles pensam ou acreditam “saber” sobre o mundo. A maior parte das coisas que “conhecemos” foi assumida com base na autoridade de

outros, e é só na medida em que os outros continuam a confirmar este “conhecimento” é que ele continua a ser plausível para nós (BERGER, 1997, p. 27).

Para Cícero os jovens seriam os responsáveis por internalizar subjetivamente tudo o que aprendiam na escola, e assim seriam os responsáveis pela manutenção das “estruturas de plausibilidade” da Comunidade.

Além da “Escola de Metafísica” a Comunidade possuía também uma escola “tradicional” destinada ao ensino de 1º grau que funcionava em prédio próprio, que foi construída com recursos do município de Buíque. Em 1994 “atendia 20 crianças com idades entre 06 e 12 anos” (BUENOS AYRES, 1994, p.40), a professora tinha formação superior em pedagogia. Faziam parte do currículo os conteúdos das disciplinas referentes a cada série e os preceitos da Comunidade, principalmente os que se referiam às proibições.

Um jornal de grande circulação do Recife publicou uma matéria, em 1991, onde a então professora de alfabetização afirmava “que se esforçava para reafirmar as leis de ‘Meu Rei’, para os dezoito alunos matriculados, instrumento de trabalho de segunda a sexta-feira” (FALCÃO, 1991, p. B4).

Tanto na “Escola de Metafísica” como na escola “normal” eram ensinados aos alunos os preceitos da Comunidade. Ao nosso ver a intenção de Cícero era manter tanto a ligação com o mundo cultural, quanto reforçar o auto-reconhecimento coletivo da Comunidade, pois “toda sociedade que continua no tempo enfrenta o problema de transmitir os seus sentidos objetivados de uma geração para a seguinte” (BERGER, 2004, p. 28).

3.5 O dinheiro da Comunidade

Mesmo sabendo estar ferindo uma lei e, portanto, cometendo, na prática, o que poderia ser considerado um crime contra a economia, de acordo com a nossa Constituição, Cícero não teve medo de criar uma moeda própria para a Comunidade. E não era uma moeda qualquer: pretendia relacionar-se com o recém criado “Real” e com o “Dólar”. Um surpreendente traço de realismo estava também presente – Cícero pelo visto não acreditava que o “Real” desse certo. Temendo a

volta da inflação, sua moeda foi pensada para adaptar-se ao ritmo inflacionário da moeda brasileira.

De acordo com o documento “Despertar da Consciência”, de 1997, Deus havia determinado que ele deveria idealizar uma moeda chamada com o nome bíblico de “Talento” e colocá-la em circulação, em Serra dos Breus, objetivando o desenvolvimento auto-sustentado da Comunidade, ajudando assim a dar prosseguimento na construção do “reino de Deus” em Serra dos Breus.

[...] Nada se levantará sem o Talento, em convênio com o Real e o Dólar. Caso contrário se tal não aconteça, passará grande desfecho o ser humano. Porém, acima de tudo estou eu Deus, personificado em Sadabe, é ele o meu templo, as minhas pegadas, a quem entrego minhas reservas [...]. Eu sou o salvador e o dinheiro a salvação. Mas a salvação através do dinheiro o Talento, não é tirar da terra para o seu o que está vivo nem o que encontrei já falavam de um céu em outros planetas. Portanto bem digo: eu sou o salvador e o dinheiro a salvação, tudo isto se compõe aqui na terra por toda a humanidade [...] (Desp.).

A moeda seria utilizada nas dependências da Fazenda Porto Seguro, pois Cícero não tinha a intenção que o talento competisse com o Real, fora dela. Escreveu, no entanto, ao Banco Central do Brasil, solicitando a oficialização da moeda, através de um convênio com o governo brasileiro.

As cédulas foram idealizadas por Cícero José de Farias, Jesus Farias, Salomão Farias e alguns membros da Comunidade, tinham na frente, mais precisamente, no centro, a foto do líder trajando paletó, gravata e chapéu, em cima da foto a inscrição Fazenda Porto Seguro; do lado esquerdo da foto, o valor da cédula, do lado direito o nome do dinheiro, Talento, com uma coroa real em cima, ambos os lados possuindo setas apontadas para o líder, uma forma de demonstrar que ele era o centro daquela Comunidade em que tudo convergia para sua pessoa.

No verso das cédulas, Cícero colocou o símbolo da comunidade, um sol¹⁹ dentro de um círculo, com as palavras “Brasil”, em cima e “Eterno”, em baixo. Tanto na frente quanto no verso das cédulas aparece a menção à “Casa da Moeda Divina” e, ao lado, a assinatura do líder; completam o visual das notas o que supostamente

19 Segundo José Jesus Farias, o símbolo do sol representava o Eterno.

parece ser o número de série, composto de duas letras (AS), significando respectivamente Adriano²⁰ e Salomão e oito dígitos.

As cédulas de papel moeda seguiam a seguinte ordem cambial 1, 5, 10, 50, 100, 500 e 1000 talentos, possuindo linhas na horizontal e na vertical, que supomos fosse uma espécie de marca d'água, para dificultar a falsificação.

Para Cícero o dinheiro seria uma forma de reafirmar o seu "reinado" na Comunidade, e a concretização do seu sonho de transformar Serra dos Breus em um lugar em que não existissem desigualdades. Como na Comunidade existiam várias regras e normas a serem cumpridas, para Cícero se fazia necessário também que este "Reino" tivesse a sua própria moeda em prol de todos.

[...] O Talento será destinado a sanar a precária situação das classes mais carentes, como os sem teto, sem terra e outros mais necessitados, que poderão ter este dinheiro em forma de empréstimo sem garantias formais, tendo em média dez anos para quitar sua dívida. Em escala de beneficiários, serão atendidos primeiro as classes baixas, depois a média e por ultimo a classe alta e o próprio governo [...]. Este dinheiro tem três poderes, a salvação do homem físico, o poder da terceira aliança que liga o homem à divindade e o poder de ser eterno e divino. Quem desvalorizar este dinheiro estará desvalorizando o próprio Eterno [...] (InfoHall, de 12 de julho de 1998, p. 5).

Apesar do Talento não visar desvalorizar o Real e, segundo ele, ter o propósito de ajudar aos mais pobres e propagar a salvação, não chegou a entrar em circulação; foram feitas algumas cédulas, mas não chegaram a ser vendidas ou distribuídas.

Cícero estava esperando a resposta da Casa da Moeda do Brasil para que o Talento se tornasse o dinheiro oficial da Comunidade, mas não obteve resposta, impedindo assim que o mesmo entrasse em circulação.

Com este pedido Cícero queria colocar em prática o sonho de fundar um reino independente do governo brasileiro, que além de seguir os seus preceitos teria

²⁰ Adriano foi o nome que Cícero deu a seu filho, José Jesus de Farias, quando recebeu de Deus a sua terceira missão.

moeda própria, logo com a criação e aceitação da moeda ficaria mais evidente a concretização do seu propósito²¹.

3.6 O jornal da Comunidade

A Comunidade possuía um jornal, mas esse não foi criado por determinação divina, e sim por iniciativa do filho do líder e de alguns outros jovens da Comunidade.

O jornal, chamado INFO HALL Notícia, foi colocado em circulação em junho de 1998, na Fazenda Porto Seguro. A circulação era semanal, todos os exemplares a que tivemos acesso tinham estampado na primeira página a foto de “Meu Rei” no centro, e logo abaixo os tópicos à serem tratados no jornal.

Para a Comunidade a existência do Jornal era uma forma de divulgar para os que faziam parte da Comunidade e para os que não faziam, assuntos diversos, as matérias publicadas eram sobre a vida na Comunidade, as colunas eram sobre: “Meu Rei”, as normas da Comunidade, curiosidades, poesias, receitas, classificados, coluna social e notícias em geral.

Semanalmente eram também publicados os documentos referentes à fundação e à vida na Comunidade (às vezes na íntegra outras vezes em partes, tendo sempre a continuação no exemplar seguinte).

A maioria das reportagens publicadas era de autoria de José Jesus de Farias, o jovem filho do líder que havia sido o idealizador do jornal. Ele escrevia de tudo um pouco, respondia às cartas dos leitores, principalmente àquelas que tinham a intenção de agredir a Comunidade e os preceitos nela estabelecidos.

O jornal era vendido por um Real, o mesmo circulava nos municípios circunvizinhos e em vários estados respectivamente, São Paulo, Maceió, Pernambuco, Ceará e Paraíba. O envio do jornal para outros estados estava condicionado a uma assinatura mensal, para pagar os custos. Todos os que recebiam os exemplares congregavam dos ideais da Comunidade. O envio de

²¹ Essa é a versão corrente entre os antigos seguidores de Cícero. Não tivemos, porém, acesso ao documento.

jornais para outros estados foi a forma encontrada pelo líder e seu idealizador de manter todos informados a respeito do que estava acontecendo na Comunidade.

3.7 Princípios da Comunidade

Participar da Comunidade significava partilhar do seu “saber”, co-habitar no seu *nomos*²², porque só a partir da legitimação interior, consciente, livre e madura, das crenças e práticas religiosas dos moradores de Serra dos Breus, o mundo poderia se tornar plausível e digno de fé para os que seguiam os princípios que eram determinantes para a manutenção da mesma. Para isso era necessário que os moradores “mergulhassem” no mundo da Comunidade, e tentassem na medida do possível se desvencilhar das suas concepções anteriores do mundo religioso que para eles era legítimo. Os indivíduos que haviam decidido partilhar dos ideais da Comunidade deveriam estruturar-se “em certezas inquestionáveis através de firmes probabilidades” (BERGER 1997, p. 68). Porque se não fosse assim facilmente o “mundo” não continuaria plausível para os que partilhavam dos ideais da Comunidade, e se isso acontecesse muitos sairiam em busca de outras explicações ou justificativas que lhe dessem sentido a sua crença religiosa.

Para manter as legitimações da comunidade era necessário que todos que vivessem nela congregassem dos mesmos ideais, critério determinante para que houvesse o equilíbrio e um posterior desenvolvimento e crescimento da mesma. Para isso os membros deviam saber que, em Serra dos Breus, muitas coisas eram diferentes da vida fora da Comunidade, a começar pelo “líder”, que se auto-intitulava representante de Deus. E que era o responsável direto pela manutenção e interação social que ocorria na Comunidade. Para isso era necessário que os moradores seguissem as normas que haviam sido determinadas desde a fundação da Comunidade pelo seu líder, que foram transcritas em um documento chamado “3ª Carta Revelação” sendo escrita na década de sessenta. As regras ou melhor princípios contidos no documento, segundo Cícero teriam sido repassados por Deu Pai (Jeová) para ele.

²² Segundo no informa Berger, “nomos” é entendido como o conjunto dos “esquemas interpretativos, máximas morais e coleções de sabedoria tradicional que o homem da rua freqüentemente compartilha” (2004, p. 34).

Segundo Cícero para que houvesse a concretização do Reino de Deus em Serra dos Breus os adeptos não deveriam esquecer de algumas proibições tais como:

Não beber qualquer bebida que contivesse álcool, não fumar qualquer espécie de fumo, não jogar, mesmo o futebol, roubar nem por pensamento, não se prostituir, respeitar a mulher do irmão, saber perdoar o seu irmão e o seu semelhante, ser obediente às leis cósmicas, ser manso e brando de coração, repelir o mal com a prática do bem, não adorar imagens e não vendê-las, cumprir com as leis do governo, dar a Deus o que é Deus e também não buscar a salvação, mas servir a Deus e fazer a sua vontade. O sacrifício de qualquer ser vivente era terminantemente proibido: “desapareça a lei do sacrifício para que o homem não leve a sacrifício o boi nem a ovelha, nem o cabrito, nem o justo e injusto, porque quem sacrifica será sacrificado [...] Cada um devia praticar o bem: “se arme da Bíblia na mão como soldado de Deus repelindo o mal com a prática do bem” (Rev2).

Com estas determinações Cícero estabelece os preceitos da Comunidade, e fundamenta o que mais tarde se transformaria no reinado guiado por ele, “que um só patrocinador seja conhecido em todos os países, cidades, vilas, povoações, fazendas, cujo Deus seja Jesus Cristo como Rei do Brasil e governo do mundo” (Rev2, 16ª determinação de Israel).

Ao final das determinações a serem seguidas pelos seguidores na 3ª carta, Cícero determina que “Estes são meus mandamentos e de Cristo. A escolha é dos homens, Religioso é aquele que faz a vontade de Deus. Hipócrita é aquele que se intitula religioso” (CartaRev.). “Eu, Deus que sou vida, natureza e energia de Israel, Rei do Brasil, Rei da Paz, Rei de Segurança, com a coroa de Deus na sua cabeça ele fará as mesmas coisas que Deus faz” (Rev3). A vida na Comunidade apresentava-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que formava um mundo coerente:

O ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com um ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específica, que é mediatizada para ele pelos outros significativos que tem a seu cargo” (BERGER & LUCKMANN, 1999, p. 35).

Para viver na Comunidade, os membros deviam saber que seguir os preceitos pré-estabelecidos por Cícero era fundamental, para que houvesse a manutenção e o

equilíbrio da mesma, já que viviam em uma Comunidade e congregavam-se em torno dos mesmos objetivos.

Residir na Comunidade significava viver segundo os preceitos dela, pois só a partir da vivência coletiva e da comunhão, que todos conseguiriam segundo “Meu Rei” chegar ao terceiro milênio, tempo de paz e de prosperidade.

Eram muitas as determinações estabelecidas para serem cumpridas na Comunidade, por isso muitas vezes difícil de serem seguidas, deve-se levar em consideração que desde a década de setenta, quando da sua fundação, a Comunidade vinha recebendo um número cada vez mais expressivo de fiéis crentes na missão de Cícero. O número de pessoas que chegava para morar na Comunidade, ano após ano, era crescente, vinham de cidades próximas ou distantes do Vale do Catimbau. Esses novos adeptos já tinham internalizado de forma subjetiva as normas morais que guiavam a sua conduta, diante de sua sociedade, da vivência de cada um e de acordo com a religião que professasse, para muitos foi fácil se desvencilhar das normas estabelecidas no seu “habitar” de origem e seguir as determinações que eram sugeridas pelo líder. A não participação do sujeito no universo coletivo da Comunidade significava não pertencer a ela de forma plena.

Com o intuito de sabermos como era para os seguidores seguir os preceitos do líder fizemos a seguinte pergunta: Como era para o senhor (a) seguir os preceitos de “Meu Rei”?

Para Neivia Maria da Silva, (depoimento concedida dia 20 de maio de 2007) “era fácil. Porque ele era uma pessoa muito simples, naquilo que eu não concordava, eu era teimosa. Quando eu não concordava agente ia discutir, discutir, dialogando até chegar a um entendimento”. Para Edvaldo Bezerra de Melo (depoimento concedido dia 20 de maio de 2007), “foi fácil dentro dos meus erros, eu procurei ir modificando, eu sempre quis apreender, era uma análise constante no dia-a-dia”. Maria do Carmo (depoimento concedida dia 20 de maio de 2007) traduz em poucas palavras: “foi fácil e para mim significou muito, muito, muito mesmo. Tanto material quanto espiritualmente” Para Jesus Amorim: (depoimento concedido dia 20 de maio de 2007) “era fácil porque eu já estava dentro de mim”.

Como se percebe, os entrevistados foram unânimes em afirmar que era fácil seguir os preceitos estabelecidos pelo líder, porque acreditar nas missões do líder,

nos preceitos e nos próprios fiéis crentes nas pregações de Cícero, era uma condição fundamental para que o novo membro morasse na Comunidade e para que houvesse o equilíbrio e a manutenção dos sentidos objetivados.

O não cumprimento das normas de conduta, elemento fundamental de manutenção do *ethos* daquela Comunidade levaria a um caos, no entender de Berger, a uma anomia ou perda de sentido:

[...] a separação do mundo social, ou anomia, constitui tão seria ameaça ao indivíduo. O indivíduo não perde nesses casos, apenas os laços que satisfazem emocionalmente. Perde a sua orientação na experiência. Em casos extremos chega a perder o senso da realidade e da identidade (2004, p. 34).

Cícero José de Farias acreditava que todos os que tinham abandonado suas casas em outros municípios ou em outros estados, que tinham também deixado para traz a sua crença e a sua religião, para morar na Comunidade, acreditavam na sua missão de fundar um novo paraíso, logo iriam cumprir com as determinações expressas por ele, já que os mesmos haviam entrado em estado de anomia em suas cidades de origem porque “quando membros desaparecem, ou migram para outras comunidades, suas religiões anteriores deixam de existir” (GRESCHAT, 2006, p.25) Acreditamos que isso foi possível porque a sua religião ou crença não estavam mais satisfazendo as necessidades de cada um.

Crete na sua missão e nos seus seguidores, Cícero deixava os moradores da Comunidade à vontade para seguirem ou não o preceitos estabelecidos por ele, não existia nenhuma vigilância aos adeptos para saber se estavam ou não seguindo os preceitos, mas ele deixava bem claro que só os dignos, que fizessem a vontade de Deus, teriam direito ao Reino de Deus.

3.8 A doutrina

Desde a fundação da Comunidade na década de setenta, foram muitos os visitantes, jornalistas, curiosos, críticos e até acadêmicos, que tentaram definir o que era aquela vivência coletiva em Serra dos Breus e compreender porque tantas pessoas saíram de suas cidades de origem para ir morar em um lugar tão distante de tudo. Essas perguntas sempre foram feitas por todos os que tiveram contato

direta ou indiretamente com o líder ou com os moradores da Comunidade. Percebemos, ao longo da pesquisa, que as duas respostas estão interligadas e que, para respondê-las seria mais fácil comparar o modo de viver da Comunidade com uma ou mais das várias manifestações religiosas existentes.

Os poucos pesquisadores²³ e jornalistas que escreveram sobre a Comunidade tentaram enquadrá-la e até mesmo compará-la com as definições usuais sobre as manifestações do que é divino. Alguns definiram a Comunidade da forma que melhor lhes convieram, de acordo com a experiência de ser no mundo de cada um. Em nossas pesquisas encontramos as seguintes definições para a Comunidade: seita, comunidade alternativa, reduto messiânico, grupo de milenaristas, fanáticos ou simplesmente uma religião. No que se refere ao líder, seria ele um Deus?, um charlatão?, um conselheiro?, um rei?, um guru?, um beato? ou um profeta?. Como se percebe não é fácil compreender a cosmovisão do homem em Serra dos Breus, devido à complexidade e a variedade de interpretações de observadores externos que, simplesmente por ter estabelecido contato superficial com o líder e os membros da Comunidade, achavam que haviam entendido todo aquele complexo universo coletivo.

Dentre as várias definições atribuídas ao movimento em estudo nos deteremos a analisar a hipótese levantada pelo primeiro estudo acadêmico sobre o líder e sobre a Comunidade, nesse estudo e na pouca literatura existente sobre Cícero e seus seguidores, são unânimes a afirmação de que o mesmo fora um líder de um movimento messiânico-milenarista.

É claro que não podemos ignorar que o movimento em estudo tinha muitas das características do que, segundo os estudiosos no assunto, caracteriza um movimento messiânico-milenarista, pois:

Todo o movimento messiânico cria a crença em um salvador, o próprio Deus ou emissário, e a expectativa de sua chegada, que por fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era, de virtudes e justiça (NEGRÃO, 2001, p.119).

Ainda sobre movimento messiânico:

²³ Até o início de nossa pesquisa, somente Carlos Buenos Ayres e Rene Ribeiro.

O messias é o personagem concebido como um guia divino que deve levar o povo eleito ao desenlace natural do desenrolar da história, isto é, à humilhação dos inimigos e ao restabelecimento de um reino terreno e glorioso. A vinda deste reino coincidirá com o “fim dos tempos” e significará o restabelecimento do Paraíso da terra,. [...] o messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se pois de um líder religioso e social... (QUEIROZ, 1977, p. 26-27).

Sobre o messias

O messias é a reencarnação de divindade ou de herói, é uma categoria dentro da classe dos profetas, é um profeta com destino político a cumprir [...] alguém virá um dia, herói ou Deus, em breve ou mais tarde, para colocar seus adeptos no primeiro lugar, que é o lugar, que é o lugar que merecem no mundo... (WEBER, apud QUEIROZ, 1977).

Não podemos negar que Cícero fora um líder religioso carismático²⁴ e que se colocava como o enviado de Deus, que segundo ele colocaria fim a ordem vigente cheia de imperfeições. Não podemos negar também, que como enviado estava preparando o seu povo para a chegada do terceiro milênio, onde todos os que seguissem as suas determinações seriam salvos e estariam mais próximos de um tempo de paz e prosperidade em Serra dos Breus. Como se vê não é difícil enquadrar o movimento em estudo pertencente à categoria de messiânico-milenarista, e nem muito menos compará-lo aos mais variados movimentos messiânicos existentes no Brasil e no mundo, assim como fez o primeiro a se dedicar ao estudo do movimento desenvolvido em Serra dos Breus ou ainda como fez Maria Isaura Pereira de Queiroz, em seu trabalho pioneiro quando classificou os movimentos messiânicos.

Se quiséssemos como se percebe fazer um trabalho tendo como guia o enfoque teórico messiânico, seria até mais fácil devido a existência de inúmeros trabalhos a respeito do tema. Mas como cientistas das religiões não queremos

²⁴ Entende-se por carisma “a qualidade extraordinária que possui um indivíduo, em virtude desta qualidade, o indivíduo é considerado ora como possuidor de forças sobrenaturais ou sobre-humanas, que não estão ao alcance de nenhum outro indivíduo - ora como enviado de Deus, ora como indivíduo exemplar e, em consequência, como chefe, caudilho, guia ou líder” (WEBER, apud QUEIROZ, 1944, pág. 252-253)..

comparar ou até mesmo enquadrar o movimento em estudo a tantos outros existentes e sim enxergar além do que os outros vêem. Ou melhor “procurar algo invariável, tanto no tempo quanto no espaço” (GRESCHAT, 2006, p.107). Logo os cientistas vêem a religião como “uma totalidade, reconhecem que essa totalidade apresenta-se de maneira quádrupla e observam que essa totalidade está viva e que, portanto, não pára de se transformar” (GRESCHAT, 2006, p. 24):

Existem diferentes tipos de sistemas religiosos em geral, diferentes tipos de conteúdos nos ensinamentos religiosos, diferentes tipos de ‘pureza’ religiosa. Em certo importante sentido, todo sistema religioso (como toda pessoa) é uma configuração única de elementos culturais e históricos e como todo, é diferente dos demais sistemas. Não só os universos religiosos não são iguais como a cada momento na vida de um indivíduo religioso, ou de uma comunidade, o contexto religioso é diferente de qualquer outro momento assim. Similarmente, a mesma imagem ou ato, como ‘céus’ ou sepultamento, pode ter um valor ou significado diferente, de acordo com seu papel em diferentes culturas (PADEM, 2001, p.141-142).

Sabendo que cada cultura, ou melhor, cada religião é única e tem seu próprio estilo, costumes, idéias, práticas e que possuem fisionomia especial no contexto a que pertencem, porque iríamos simplesmente, tentar enquadrar a Comunidade em estudo a partir de estudos exógenos.

Devemos estar preparados para o surgimento de novos movimentos [...] orientados não mais por visões religiosas específicas, mas por perspectivas ecléticas e plurais, introduzindo elementos do imaginário da vida moderna de alguma forma ligados a antigas tradições ocultistas e esotéricas [...] (NEGRÃO, 2001, p.128).

Pelas razões acima citadas fomos tentados a penetrar no universo daquela Comunidade para tentar captar a partir dos documentos escritos pelo líder e dos depoimentos dos membros da Comunidade, os valores e significados da Comunidade Metafísica e Teológica do Vale do Catimbau.

Com esse intuito tentamos nos abster de qualquer interpretação ou análise já existente sobre o tema para entender mesmo correndo o risco de erro o complexo sistema religioso desenvolvido na Fazenda Porto Seguro.

Deixando as interpretações, generalizações e definições usuais de lado para entender como Cícero José de Farias e seus fiéis entendiam a si mesmos e o que

representava a Comunidade, sua participação nela, e a importância do líder como mediador da “hierofania”²⁵.

Constatamos, a partir da análise dos documentos escritos por Cícero José de Farias que nenhuma das definições já explicitadas por aqueles que escreveram sobre a Comunidade, representava de fato a sua compreensão a respeito dela.

Cícero, ao ser entrevistado em reportagem exibida no NE-TV em 1992, deixa clara a sua opinião a respeito do seu entendimento da Comunidade. Ao ser questionado se a Comunidade era uma religião ou seita, de forma incisiva ele afirmou:

Nada de seita nada de religião, eu respeito as religiões porque elas são necessárias, primeiro o aluno tem que entrar na escola aprender as letras passar por dentro da religião pra poder alcançar posições mais adiantadas acima do comum, é tanto que eu não tenho religião eu não tenho seita eu me comunico com Deus, quer dizer eu mesmo já passei por dentro da religião (NE-TV).

Cícero deixou registrado em seus documentos e nas entrevistas que deu aos jornais escritos e a imprensa, que não considerava o modo de viver na Comunidade como sendo uma religião. Começaremos a analisar se a não associação da Comunidade à palavra religião, se era porque Cícero não entendia o real significado do termo ou por que ele e seus membros estavam propondo uma nova maneira de dar sentido às coisas sagradas.

Para ele a religião estava ligada a algo terreno, a uma instituição, com dogmas, preceitos, ritos e ícones, criados pelos homens. Portanto, para ele havia um distanciamento de Deus por aqueles que se diziam religiosos, pertencentes a uma religião:

Como chamar de religiosos os que estão armados de revolver, peixeira etc. com o coração de feras e olham de olhos reversos a ensangüentar seus irmãos, dizendo adorar a Deus e quando Cristo lhe chega a porta são eles os primeiros a vituperar contra a paz do senhor (CartaRev.)

²⁵ Termo utilizado por Mircea Eliade, que designa que algo do sagrado que esta sendo revelado.

Para ele, também, os religiosos, que se diziam pertencer a uma religião, não tinham Deus em seus corações, mas o tinham em suas casas, representado em imagens tidas para muitos como o próprio Deus, mas não tinham a verdadeira essência de crer, ser e viver segundo a sua palavra.

Cícero acreditava que as religiões haviam sido criadas pelos homens e por isso provocavam um distanciamento de tudo o que realmente Deus queria que fosse feito, desde o comportamento com os outros até a forma de entender o seu papel de transformador da sociedade, que para ele era cheia de imperfeições e falsas interpretações. Portanto, para ele havia um distanciamento de Deus por parte daqueles que se diziam religiosos, pertencentes a uma religião institucionalizada.

Cícero tecia críticas às religiões que não mostravam aos seus fiéis que a verdade estava em Deus e não na igreja institucionalizada, que ensinavam aos seus tudo ao contrário dos mandamentos de Deus, fazendo com que acreditassem que a igreja era o reino de Deus e sua salvação.

Jesus Cristo se revela e fala aos seus adversários: Certamente alguns homens entendem que nasceram de sua religião e fazem da sua igreja o reino de Deus. E se levantarão contra o Consolador que fala às igrejas. Se Cristo é rejeitado no templo, sem dúvida o pastor arrebanha para si mesmo; nesse caso o pastor salve a si e ao seu rebanho e se revolte contra o espírito consolador que fala as igrejas. Logo virá o dia que o pastor e seu rebanho dirá: - Senhor sempre vos amei; e o Senhor dirá – cheguei a tua porta e não me conhecesse, de igual maneira eu te digo: - Nunca te conheci (CartaRev.).

Com o intuito de alertar todos os que afirmavam que a salvação estava nas igrejas, Cícero pregava que quando estendessem as mãos em busca da salvação não encontrariam ninguém para segurá-la, para ele todos deveriam acreditar na vinda do Filho do Homem e na personificação de Deus na sua pessoa, só assim saberiam o verdadeiro sentido de viver de acordo com Deus, independente de qualquer religião, e só assim também fariam parte do reino de Deus em Serra dos Breus à espera do terceiro milênio.

Mesmo pregando contra as religiões “institucionalizadas” pelos homens, ele demonstrava respeito a todas elas: “eu respeito às religiões porque elas são necessárias” (NE-TV).

12) O novo céu aceita pessoas de qualquer religião, ou sem religião?
R. Sim, aceita qualquer pessoa que tiver disposto a fazer a vontade de Deus. 13) O novo “Céu” é contra as religiões? Não. O novo Céu terá em edifício onde Deus responderá a todas as religiões e dará a cada uma segundo as suas obras (CEMet).

Cícero não era contra as religiões “institucionalizadas” mas, considerava a vida na Comunidade algo além da religião já que segundo ele tudo o que havia sido estabelecido na Comunidade tinha sido por determinação de Deus presente, personificado na sua pessoa. Logo para ele e para os que lá moravam, viver na Comunidade significava comungar com os ideais de Deus repassados pelo líder. Cícero considerava que os que se diziam religiosos não o eram, por não seguir a vontade de Deus, “os religiosos tem Cristo nas suas casas e batem no peito pedindo “Senhor, misericórdia” e recusam a palavra de Cristo quando lhes chega à porta” (CartaRev.).

Os membros da Comunidade não seguiam nenhuma ordem ou cumpriam os deveres, se não fossem de acordo com as determinações de Deus. Cícero acreditava que viver na Comunidade era algo ímpar, incomparável com as outras formas de manifestações religiosas. Para ele, Deus se personificava na sua pessoa, e era a partir do contato estabelecido com ele que lhe eram repassadas mensagens e determinações a serem cumpridas, para que ele e os fiéis estivessem o mais próximo de Deus e logo fariam parte de um novo reino de paz e prosperidade.

A partir da análise das entrevistas e das leituras dos documentos de Cícero percebemos que o entendimento que ele tinha de religião era um tanto diferente, sabemos que o termo religião não deve ser enquadrado na categoria de pertencer a uma instituição, a definição vai muito além disso.

A palavra religião ao longo do tempo foi sendo interpretada de acordo com o que a sociedade ocidental entendia como coisas sagradas, entendidas por muitos como aquilo que o humano não pode entender nem manipular a serviço de si mesmo, “toda religião tem por função explicar o homem e o mundo e justificar o lugar que o homem nela ocupa” (MESLIM, 1992, p. 21). Desta maneira cada forma de manifestação religiosa pode ser entendida como a busca de explicações plausíveis sobre a sua existência e as motivações do seu co-habitar.

A religião é uma hermenêutica, chamada a decifrar todo o tipo de encontro do homem com o sagrado suscitado a partir da preocupação do homem em entender

os fenômenos intrigantes que fogem as explicações racionais, “toda religião têm por função explicar o homem e o mundo e justificar o lugar que o homem nela ocupa” (MESLIM, 1992, p. 21).

A religião é uma relação existencial entre o homem e o absoluto transcendente, que o ultrapassa e constitui a seus olhos a referência suprema, isso implica que a religião está fundada sobre uma alteridade (MESLIM, 1992, p. 33).

A religião é uma espécie de conforto às angústia do ser no mundo com as coisas extra-terrenas sendo um “empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmo sagrado” (BERGER, 2004, p. 38).

Cícero e seus fiéis criam que estavam além das religiões, tidas por eles como criação humana, mas a partir das análises constatamos que todo aquele complexo de regras, observâncias, ritos, dogmas, símbolos, preceitos e reuniões eram sim, mesmo sem ele querer ou admitir, uma religião, de acordo com o que os cientistas os estudos modernos definem como tal.

Morar na Comunidade significava crer na missão de Cícero de fundar e manter o novo paraíso terrestre, e nas conversas que ele mantinha diariamente com Deus Pai, que o tornou o único representante de Deus na terra. A “representação” divina assumida por Cícero o ajudou a manter a Comunidade em funcionamento, segundo alguns entrevistados, quase que diariamente ele dialogava com Deus Pai e repassava para os fiéis as determinações e até previsões sobre a vida na Comunidade no Brasil e no mundo, através dos documentos que ele escrevia.

O Deus dos moradores da Comunidade indiscutivelmente era Cícero, ele tinha a função de dar sentido a relação existencial entre o homem e o absoluto “o transcendente que ultrapassa e constitui a seus olhos a referência suprema” (BERGER, 2004, p.33).

Cícero tinha o poder de mediação do mundo real “profano”, cheio de defeitos e imperfeições, para o mundo ideal, “sagrado”, que representa a sociedade sonhada. O mundo (comunidade) estava dividido em dois domínios, primeiro “um, tudo o que é sagrado” (DURKHEIM, 1989, p. 19) que representava a crença dos fiéis em Cícero e o cumprimento dos deveres da Comunidade que tinham sido estabelecidas por Deus. A não obediência dos fiéis representava o afastamento do sagrado e conseqüentemente a não participação no “Reino de Deus”. O segundo

domínio era representado pelo “outro, tudo o que é profano” (DURKHEIM, 1989, p. 19) entendido como o distanciamento de Deus e a aproximação com o profano, o impuro, os que não seriam dignos de morar na Comunidade e entrar no “Reino de Deus”.

Cícero era considerado um ser superior em dignidade e portador de poderes sagrados, o ser responsável pelo intermédio dos fiéis com Deus, que possibilitou durante muito tempo e ainda possibilita para alguns, mesmo depois de sua morte, a manutenção das crenças estabelecidas, normas e preceitos que os guiam, ajudando-os a manter mesmo que subjetivamente e longe da Comunidade, os elementos sagrados da sua vivência com o numem.

Os moradores da Comunidade “religiosa” não acreditavam que seriam dignos da salvação através da crença em Cristo crucificado; negavam o sacrifício relembado exaustivamente pela Igreja Católica Apostólica Romana, como significado na eucaristia. Os membros efetivos da Comunidade acreditavam que só através de Cristo ressuscitado, que representava a vida e não a morte, seriam salvos e entrariam no Reino de Deus por intermédio de Cícero, seu representante, que se utilizava de trechos do Evangelho de João para dar sentido àquilo que estava propagando “quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação mas, passou da morte para a vida” pois para ele a salvação estava condicionada a crença na sua pessoa e no cumprimento dos deveres. Essa idéia retirada do evangelho segundo João ou como alguns chamam “apocalipse de João”, coloca em evidência a escatologia²⁶ cristã presente nos princípios e dogmas da Comunidade já que o líder propagava a criação do paraíso e a vida eterna para ele e para os participassem da vivência coletiva.

A crença dos moradores em Jesus Cristo e em Deus não estava condicionada à idolatria, o líder condenava a representação e a venda de imagens para a adoração “não vender Cristo na estatueta, na expressão da palavra, porque quem disso cuida pratica a lei de Judas” (CartaRev.). Para o cristianismo Judas Iscariotes, um dos doze discípulos, traiu Jesus por trinta moedas de prata, ele indicou o lugar que Jesus estaria e com um beijo o traiu, Jesus foi preso, julgado, açoitado e

²⁶ Segundo nos informa Le Goff, Jacques o termo escatologia “designa doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo” (2003, p. 323).

crucificado. Para Cícero vender ou adorar imagens tinha a mesma conotação de traição, Cristo deveria ser adorado em espírito e verdade.

Para Cícero a Bíblia era um dos instrumentos fundamentais para entender o *mysterium*²⁷, para ele ela continha a Palavra de Deus, mas a sua interpretação deveria ser infinita, porque a Palavra de Deus não tinha limites.

Segundo alguns moradores, Cícero lia e relia a Bíblia, sempre à noite, no momento em que conversava com Deus, depois a explicava para os seus seguidores, de forma que eles a entendessem.

Muitas pessoas que faziam parte da Comunidade, ao falarem sobre o entendimento da Bíblia, afirmaram que havia sido Cícero quem as ajudara a entender a Palavra de Deus de forma simples. O depoimento de Neivia Maria da Silva (depoimento concedido 20 de maio) traduz o sentimento dos todos os entrevistados,

“Meu Rei” explicou de uma maneira a bíblia que eu sinto que não é preciso estar numa igreja, quer seja Católica quer seja Rosa Cruz quer seja Protestante para achar que estou perto de Deus, na minha casa eu aprendi o que ele passou para mim, eu já tenho em casa a minha igreja”

O líder estimulava a leitura e a interpretação da Bíblia na medida em que muito do que havia na Bíblia era reescrito por Cícero, nos seus inúmeros documentos, na íntegra ou de acordo com a sua interpretação. É por isso que os seus escritos contêm nítidas referências a passagens bíblicas e acontecimentos, na medida que ele lia e reescrevia deixava transparecer muitos dos preceitos do cristianismo. Essas passagens Bíblicas eram repassadas para os seguidores nas reuniões dominicais ou quando os membros tinham alguma dúvida.

3.9 Reuniões Dominicais

Com o intuito de propagar a fé na sua pessoa e nos seus preceitos, Cícero estimulou que houvesse toda semana pelo menos uma reunião, que acontecia

²⁷ O termo *mysterium* deriva de Rudolf Otto, podendo ser entendido como “algo secreto, tudo o que é estranho, incompreendido e inexplicável é o que está absolutamente fora do domínio das coisas habituais” (2005, p. 22).

sempre aos domingos no “palácio” de “Meu Rei”. A esta reunião, todos os que queriam se aconselhar ou simplesmente ouvir as pregações de Cícero, deveriam participar.

De acordo com o relato dos moradores, Cícero sentava-se à cabeceira da mesa de mais de sete metros de comprimento, de frente para a porta de entrada da sala principal. Nesses momentos, demonstrava-se uma pessoa pensativa: era como se estivesse longe de tudo. Ao seu redor ficavam os seguidores e os visitantes, acomodados nos vários bancos, sempre atentos para escutá-lo. As reuniões eram iniciadas com cânticos e em seguidas pela leitura do Antigo Testamento. O centro, porém, estava na pregação de Cícero que, sempre de forma eloqüente, proferia os seus discursos.

Na lembrança dos que participavam das reuniões, Cícero sempre falava algo que os tocavam a alma. Tudo o que ele falava servia para acalmar os que precisavam de consolo ou dar uma direção aos que precisassem tomar qualquer decisão. Na maioria das vezes, mesmo sem saber o que os afligia, Cícero sempre dava as respostas certas, mesmo sem que lhes fizessem uma pergunta sequer.

As reuniões que aconteciam no “palácio” ajudavam Cícero manter o contato e a conversação com os adeptos, o que era extremamente importante, pois a experiência “dos outros ocorre face à face com o outro, que é o caso protótipo da interação social” (MADURO, 1981 p. 47). Logo essa interação social o ajudava a estabelecer um contato direto com os fiéis, ele sabia de imediato, conforme o direcionamento das conversas que ele mantinha com os fiéis, nas reuniões, quais as necessidades, conflitos e divergências existentes no seio da Comunidade.

Os moradores da Comunidade não souberam precisar, mas com o tempo as reuniões deixaram de acontecer sempre aos domingos, e passaram a ser feitas esporadicamente, independentes do dia da semana. Ele começou a reunir os adeptos sempre que tivesse recebido alguma mensagem, tivesse alguma previsão a fazer ou quando quisesse resolver algo que era de interesse de todos.

Depois das conversas com os moradores não podemos afirmar com certeza, mas acreditamos que as reuniões deixaram de acontecer todos os domingos desde o período em que Cícero já se encontrava com a sua saúde debilitada devido a idade avançada, impossibilitando-o de proferir os longos discursos.

4 A GRANDE PROMESSA

4.1 As promessas de imortalidade, segundo Cícero

De acordo com os documentos transcritos por Cícero José de Farias, especificamente a “Revelação nº 2” (Rev2), foi em 1988, a partir de uma nova revelação de Deus Pai, ele passou se chamar Sadabe Alexandri de Farias Rei e, a partir de então, ficou estabelecido que a sua missão de fundar um reino de paz e prosperidade em Serra dos Breus. Tal missão seria intransferível e como uma espécie de prêmio pelos serviços prestados ele receberia a concretização de sua imortalidade em 1996, ano em que também receberia o título de Rei da Paz e, em 1997, a confirmação de sua imortalidade.

Cícero afirmava “que ia viver mais de 800 anos, assim como Matusalém” e dizia que, a sua longevidade era um dom dado por Deus, com quem costuma falar todas as noites, e estava mais desocupado e podia dedicar-se à concentração (FALCÃO, 1991, p. B4).

Hoje o teu corpo em vida humana está vivo com o espírito de Deus. Nem deixo eu o teu corpo, nem falto eu como corpo celeste em toda minha criação. E como o teu corpo hoje vive com o espírito de Deus, sois tu um homem de caráter imortal como Jesus” (Rev2).

Como criei o primeiro não posso criar o segundo porque eu comi a receita[...] porém, como criei Israel de origem desconhecida hoje eu habito nele e ele em mim. Eu e ele, nós dois somos um só em força e poder. Ele fará as mesma coisas que Deus faz, porque hoje eu Deus personificado em pessoa presente no corpo de Israel, e o nome dele é Israel (Rev3).

Quando do recebimento do dom da imortalidade, Cícero já era, segundo alguns desde muito tempo o representante de Deus na terra, pois a partir da mudança do nome e do recebimento da terceira missão, Deus lhe dera uma nova vida: “aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jô 3,3) é com este propósito que segundo ele Deus determinou que viver para sempre seria um privilegio dos que procurassem fazer o bem. Dentre os vários documentos escritos por Cícero que explicam a sua imortalidade e a extensão desta dádiva aos que acreditassem na sua missão de tornar a Fazenda Porto Seguro no berço de uma

nova civilização, tomamos como base os documentos lavrados por “Meu Rei” no cartório de segundo ofício de Buíque com datas de 1993, 1996 e 1997, que organizamos de forma sistemática de acordo com o ano de registro no cartório, construindo assim uma espécie de apostila para facilitar a análise dos mesmos.

Dentre eles podemos destacar o “Código da Longa Vida”, recebido telepaticamente por Cícero, ou melhor, Sadabe, já que Deus havia mudado o seu nome. O documento, registrado em outubro de 1996, contém quatro folhas e versa sobre os caminhos que todos devem percorrer para ter uma vida longa.

Todo o texto é construído como se fosse um diálogo entre Deus e Sadabe. Nele a divindade deixa explícito que os que quisessem viver eternamente deveriam seguir as recomendações de Sadabe, pois é ele a autoridade máxima na terra, sendo “capaz de resolver o que Deus te autoriza fazer” (CLV, f. 1).

Sobre a autorização dada a Sadabe, Deus esclarece que ele é o único representante para cumprir as determinações do código:

[...] tu possuas esse código em liberdade de homem de Deus representante do criador Jeová. A tua missão até 1976 ainda não estava completa, porém, agora em 1993 nesse código se encontra completa a tua missão dada por Deus. Disse Deus: A minha palavra nessa composição fica como a obra eterna e imutável para todos os tempos, é um renovo de vida para o povo chamado filhos da luz. [...]. Como homem de Deus, Israel tem a missão de desencantar tudo que está debaixo da sombra do encanto que não é conhecido da ciência comum dos homens [...]. Deus lhe deu o título de Rei de Paz e representante de Deus com a luz dos acontecimentos para ligar o céu com a terra [...] (CLV, f. 1).

O código faz referência a 1976, ano da fundação da Comunidade, e esclarece que a missão da Comunidade só estaria completa quando os que ele chama de “filhos da luz”, que são os seus seguidores, passassem a viver segundo as determinações deste código que lhes daria um renovo de vida, ou seja, vida nova. As instruções deveriam ser seguidas por aqueles que tivessem a crença da vida eterna, porque o código possui as instruções para os que querem nascer de novo

[...] imortais seguem as instruções desse código enquanto que os mortais devem se reger pela Bíblia, dura são estas palavras para chegar à crença que o homem pode passar a ser imortal, quando sentir Deus em si. Assim como vive Deus no infinito, criado e aperfeiçoado toda sua criação, hoje na terra tem lugar para semeio da vida através da “água da vida” [...] (CLV, f. 1).

Para Cícero os mortais só seriam imortais quando sentissem Deus em si e bebessem a “água da vida”, que era armazenada nas cisternas do “palácio” que tinha o poder de cura e de rejuvenescimento daqueles que crêem em Deus personificado nele, que é o responsável pela concretização do Reino de Deus “ que está entre vós e vós não o conheceis, portanto esse manifesto é o sentido de Deus criar o novo mundo” em Serra dos Breus (CLV, f. 1).

No momento do recebimento das diretrizes do código para a criação do novo mundo Deus dá o segredo da vida longa para Sadabe

[...] és Tu o homem a quem dou sabedoria capaz de desencantar reinos, tesouros que o homem pode possuir. És Tu o vencedor a quem confio o segredo da vida imortal, que é o maior tesouro que o homem pode assumir. [...] se Deus vive tu viveras [...] (CLV, f. 2-3).

De acordo com o documento Deus estabeleceu que só a partir do intermédio de Sadabe, que é o representante dele na terra e do cumprimento de alguns princípios tais como “limitar a pobreza de espírito, desconfiança, a falta de fé em mim, o medo, o ciúme, a desunião e a falta de amor a Deus” (CLV, f. 3), conseguiriam entrar em um mundo de glória. A falta de fé na sua pessoa era entendida como o distanciamento do Reino de Deus em Serra dos Breus.

Ao final das determinações do Código da Longa vida, Sadabe reafirma a imortalidade recebida desde

às 3:00 horas da madrugada do dia 13 de maio do ano de 1996, nasceu o primeiro homem imortal da terra [...]. Como Israel, viveu 113 anos e oito meses, como imortal hoje seu nome é Sadabe (CLV, f. 3).

Outro documento, recebido por Sadabe, que também trata da imortalidade do líder e da extensão desta dádiva aos fiéis é intitulado “Testamento: A Palavra de Deus”, digitado em 1993 e registrado em outubro de 1996. Versa sobre um contrato que Deus Pai teria feito com Sadabe para selar a importância da missão de criar o reino de Deus “ [...] civilização dos imortais [...] (Test., f. 3) em Serra dos Breus, um novo paraíso, com este contrato Deus lhe oferta o título de Rei da Paz, “ [...] Pai da nova civilização e herdeiro de todos os bens das promessas de Deus já anunciado desde os profetas até Cristo” (Test., f. 2).

É nesse reino que será encontrado abstrato de vida na água de nome “Água da Vida”, para os assinalados prolongar os seus dias e morar na cidade de Deus. Portanto o referido patrimônio Serra dos Breus pertence a Deus Pai Jeová (Test., f. 4).

Os que quisessem ser imortais teriam que morar no novo reino de Deus em Serra dos Breus e crer que Sadabe era o Deus sem limite e que só ele tinha o segredo da longa vida.

No documento “Base de restauração do paraíso adâmico”, também registrado no cartório de Buíque, em 1996, Sadabe reafirma os preceitos da Comunidade para aqueles que buscam uma vida de paz e prosperidade, estes devem saber que o paraíso ou a nova civilização se dará na Fazenda Porto Seguro na virada do milênio “aqui nesse novo paraíso não se admite o homem sem Deus” (PA).

Sadabe, de forma eloqüente, dita as determinação para os que querem viver no novo paraíso, estabelecendo que cada um tem o livre arbítrio, mas para viverem uma era de paz e para que haja a concretização do novo paraíso os fiéis deveriam seguir algumas determinações

[...] aqui não se admite o homem sem Deus [...]. Aqui não se permite o estado de greve, nem a oligarquia partidária [...] aqui no nosso paraíso que é fonte produtiva do bem, não se admite o roubo, o assalto, o seqüestro e todo e qualquer tipo de entorpecentes que tira do homem o direito de ser dono de si mesmo (PA).

As determinações de Deus, repassadas para Sadabe, seriam necessárias para que todos tivessem Deus em si e, quando isso acontecesse, a salvação estaria completa, mas ele deixava claro que “cada um procure educar a si próprio” (PA) para a vida eterna.

Outro documento analisado foi o “Edital”, registrado em 1997 e que é a continuação do documento anterior, pois versa sobre o paraíso restaurado e recuperado que é a Fazenda Porto Seguro. O autor esclarece que “a terra já foi um paraíso” (Edit.) agora Deus restaura e recupera o novo paraíso morada dos que seguem as suas determinações para “que nele vivam em paz, harmonia consigo e com a natureza, e a criação, sobre a proteção de Deus e seu Filho, Jesus” (Edit.).

Vivendo de acordo com as suas determinações e tendo Deus em seus corações entrariam em um ciclo evolutivo da vida quando renunciassem às coisas

terrenas [...] e se reconcilhassem com a divindade. Iniciar-se-ia o processo de longa vida, em busca da imortalidade da partícula do criador colocada no homem (Edit.).

A partir destas análises ficou evidente que Sadabe estava dando aos moradores da Serra dos Breus a oportunidade de ter vida longa, bastava seguir as determinações sugeridas por Deus, que entraria no Reino de Deus.

A partir das pesquisas constatamos que desde o recebimento da terceira mensagem, que em seu conteúdo versa sobre a imortalidade recebida em 1988, Deus havia também determinado que a missão de transformar Serra dos Breus em um novo paraíso seria intransferível, e que a manutenção do novo Reino seria de inteira responsabilidade de Sadabe, que se transformaria, a partir daquele momento, no representante do Eterno, uma forma de fazer alusão à eternidade que ele teria para governar os moradores de Serra dos Breus.

Após as análises dos documentos referentes à imortalidade do líder fica evidente que ele estava reafirmando os preceitos da Comunidade, pois os que seguissem as determinações seriam recompensados, mas o questionamento que fazemos agora é, a partir do quê Cícero, ou melhor Sadabe, buscou subsídios para afirmar que seria imortal? A qual imortalidade ele se referia, a física ou a espiritual? Essas são as perguntas que norteiam a problemática deste capítulo, nas páginas seguintes iremos discorrer sobre o significado da imortalidade tão afirmada por Sadabe e analisada nesse capítulo.

4.2 Perfil dos seguidores, em 1999 e nos dias de hoje

Como já foi explicitado da introdução estabelecemos o contato inicial com os membros da comunidade desde janeiro de 2006, mas só nos meses de maio de 2007 realizamos as entrevistas.

Desde o primeiro contato tínhamos o intuito de entrevistar o maior número de membros efetivos e ex-membros da Comunidade para que pudéssemos compreender, primeiro como estava a Comunidade hoje, dado já explicitado no capítulo três dessa dissertação. Segundo saber qual o perfil dos seguidores hoje, e qual a compreensão subjetivas e objetivas a respeito da doença e morte do líder. Para isso entrevistamos oito pessoas, dentre elas três moram na Comunidade três moram em Buíque e duas em Arcoverde. Todas as entrevistas foram feitas nas

casas dos entrevistados e filmadas, a duração de cada entrevista variou de quarenta minutos a uma hora de duração.

A partir dessas entrevistas constatamos que os moradores da Fazenda de pelo menos três casas são parentes de primeiro e segundo grau. Os moradores adultos do sexo masculino da Comunidade são em numero de três, possuindo respectivamente 28, 51 e 65 anos de idade. O primeiro concluiu o ensino médio, o segundo concluiu o primeiro grau e o ultimo apesar de escrever o nome não se considera alfabetizado, pois segundo ele, não chegou a freqüentar uma escola. Todos os entrevistados são pessoas simples e que não hesitaram em conversar comigo e ao meu ver não omitiram informações referentes a sua vida, nem muito menos sobre os motivos que os fizeram ficar na Comunidade mesmo sem a presença física de “Meu Rei”. Para os entrevistados a Comunidade é o melhor lugar para morar, é onde eles se sentem bem, com exceção de um é único lugar que possuem casa.

As moradoras adultas do sexo feminino da Comunidade são em numero de oito possuem idades que variam de 24 à 50 anos, identificamos que duas não chegaram concluir o ensino fundamental duas concluíram o ensino fundamental e as outras tem ensino médio completo.

Dentre as moradoras, escolhemos uma para entrevistar, pois tivemos o cuidado de escolher uma pessoa de cada núcleo familiar. Constatamos que todas com quem conversei, mesmo informalmente, são mulheres simples, batalhadoras possuindo um sentimento acolhedor impressionante, no primeiro contato com a Comunidade nem me conheciam, mas foram logo tratando de arrumar uma lugar para que eu ficasse hospedada.

As crianças são em número de cinco as idades variam 2 anos, 4, 12,10 destas duas estudam.

As crianças em idade escolar na Comunidade pertencem a um mesmo núcleo familiar, a dificuldade para estudar são muitas desde que a escola da Comunidade foi desativada, segundo alguns, a escola deixou de funcionar porque atendia poucas crianças da Comunidade e isso tornou inviável para a prefeitura, como a escola atendia também crianças do povoado chamado Muquem que fica distante uns 25 minutos de caminhada, no alto da serra. Os de lá eram muitos, a secretaria do município achou melhor desativar a escola em 2002 e as crianças da Comunidade

que eram em número menor se deslocassem para o Muquem ou para o Catimbau de caminhão sedido pela prefeitura do município para levá-las no início da manhã e trazê-los ao final das aulas.

Podemos contabilizar que hoje existe na Comunidade dez adultos que moram lá desde o início da Comunidade, dentre estes não somei os moradores que ocupam duas próximas ao “palácio” que foram compradas de antigos moradores, porque recentemente foram morar lá, estes não faziam parte da Comunidade nos anos que antecederam a morte do líder. A ocupação dessas casas por pessoas que não congregavam dos ideais da Comunidade deixaram os moradores um tanto desconfortáveis com a presença deles, já que segundo eles, estes não sabem o que significou e o que significa viver naquele lugar. Nas muitas conversas que tivemos com alguns moradores percebemos que a presença dessas pessoas não é bem aceita, pois não participaram da vivência coletiva da Comunidade, é como se quisessem manter a comunidade imaculada, era melhor ter casas desocupadas do que com moradores que quase nada sabem sobre a representação sagrada daquele lugar.

Dentre os moradores entrevistados para esta pesquisa identifiquei que só uma moradora recebe aposentadoria do INSS, outro morador é pedreiro e o restante tira o sustento da terra, plantam milho, feijão e criam cabras para venderem na sede do distrito.

Hoje a maioria dos moradores passam por dificuldades financeiras, já que não há muita opção de ganhar dinheiro na Comunidade, e a escassez de chuva vem trazendo prejuízo para os que ainda investem as poucas economias na lavoura. Na terceira viagem que fizemos à Comunidade em maio de 2007, percebemos um certo desânimo dos que haviam plantado meses antes e não iam colher quase nada.

Em decorrência das dificuldades financeiras alguns moradores recebem esporadicamente a ajuda de uma ONG chamada Amigos do Bem fundada por empresários de São Paulo. A sede está localizada no Catimbau, a mesma tem como objetivo erradicar a fome e da miséria no sertão nordestino. Essa ONG os ajudam com alimentos e roupas de frio para os adultos e para as crianças, em pelo menos uma das famílias percebi que ajuda da ONG é muito bem vinda, pois é a casa que mais tem crianças e o genitor da família esta doente impossibilitando-o de trabalhar na roça e na criação de cabras, este para conseguir dinheiro para o sustento da

família tira esporadicamente mel de abelha italiana das muitas cavernas existentes na Serra para vender para os que visitam a Comunidade ou para os que estão de passagem por ela.

A pergunta que todos devem estar se fazendo agora é, porque uma comunidade que era tão desenvolvida economicamente, religiosamente e que tinha uma concepção de mundo diferenciada de tantas vilas porque se resumiu a uma Comunidade quase que abandonada, se não fosse os dez moradores quase todos pertencentes a mesma família, é esta indagação que iremos responder ao longo deste capítulo.

Para isso foi necessário contactar o maior número possível de pessoas que tivessem morado na comunidade antes da morte do líder, além dos que ainda moram lá, estabeleci contato com duas famílias residentes na sede do município de Buíque, dentre os entrevistados, um do sexo masculino e uma do sexo feminino. O primeiro possui 44 anos tendo concluído o segundo grau, hoje é dono de uma Lan Hause, segundo ele foi morar na comunidade com causa do incentivo de seu pai que era dono do único mercado da Comunidade e de uma casa para hospedar os que só vinham em épocas de festa. A segunda possui 39 anos é pós-graduada em história, sendo professora da rede municipal de ensino, foi morar na comunidade em 1987, desde muito cedo a entrevistada já lecionava na escola da Comunidade.

Para conseguir entrevistá-los foi preciso o intermédio de um morador da Comunidade que havíamos conhecido na fazenda, achei que no início ficaram um pouco desconfiados, até entendo, pois já foram muitos que se propuseram escrever sobre “Meu Rei”, mas foram poucos segundo eles que escreveram o que a comunidade representava para eles. A segunda entrevistada, moradora de Buíque vendo o interesse e a seriedade do trabalho científico deu o endereço de mais duas pessoas que eu pudesse entrar em contato, só que agora em Arcoverde. Chegando lá foi fácil achar endereço, disse que havia vindo da casa de Raquel Farias, e logo tive facilidade em entrevistá-la, a primeira entrevistada residente em Arcoverde tem 52 anos, é professora primária aposentada, foi ela a primeira que chegou na comunidade no final da década de 60 com “Meu Rei”. O segundo entrevistado com 42 anos, segundo ele não chegou concluir o primeiro grau, mas apesar disso é uma pessoa extremamente inteligente, exerce a profissão de designer, diagramador de

jornais locais, escritor e jornalista nas horas vagas, sendo ele o idealizador do jornal INFO HAALL Notícia.

4.3 Reação diante da doença do líder

Por mais que os seguidores tenham tentado nós explicar como “Meu Rei” tinha ficado doente, não conseguiram, para os membros ex-membros da comunidade sempre foi difícil falar sobre a suposta enfermidade do que se dizia imortal.

Ao nosso ver uma parcela dos fiéis acreditava que a doença era algo natural de uma pessoa que supostamente tinha mais de 100 anos, outras buscaram explicações nos documentos de Cícero para explicar o que eles entendiam como uma reação aos que estavam se distanciando dos princípios da Comunidade.

Iremos utilizar trechos dos depoimentos de oito pessoas que vivenciaram o momento de “suposta” enfermidade do líder a fim de sabermos o que cada um entendia sobre a falta de vitalidade do líder. Para isso fizemos a seguinte pergunta: Como você explicaria a doença de “Meu Rei”?

Para Edvaldo Bezerra de Melo (depoimento concedido 20 de maio de 2007) Foi um processo dentro da situação do planeta terra, nascer, viver e morrer agora o processo nele ao meu ver, foi uma coisa que já estava programado determinado, Deus aproveitando a idade dele já avançada e tendo que fazer essa mudança e aproveitado a velhice fez ele morrer com 115 anos. Ele não foi consultado por médico, começou a se decompor. As pessoas não falavam que ele estava doente, falavam que ele estava com uma energias negativas.

Ainda sobre a doença o mesmo entrevistado fala:

A ciência médica estuda a matéria, ela estuda o corpo que está infeccionado, o que está lesado. Detectado um problema no coração ele, ora vai para uma análise e vê que aquele coração esta fraco, ele sugere um transplante até ai a ciência está perfeita mais ela se “engasga” nas coisas mais simples e energético, que tudo é alimentado por energia. Eu fiz um programa antivírus e vejo que o processo do vírus, o processo da bactéria são tudo processos energéticos, do nada nasce alguma coisa. Se você coloca um jarro com terra seca ele não cria nada ali, mas se você molhar ele começa a ter alguma coisa que vai germinar, inclusive a matéria, quando molha ai começa a nascer bicho do nada. É a mesma coisa com o

corpo humano, às vezes você está bonzinho e é acometido de um vírus, as vezes você pegou transmitiu ou recebe energeticamente. Quando houve o afastamento de Deus para que houvesse o processo, o espírito saiu do corpo, porque se ele tivesse com o espírito de Deus ele não estava com energia negativa, porque o corpo que pegasse a energia divina no corpo do ser humano a pessoa fica imortal, agora **porque não acontece a imortalidade?** Porque Deus se afasta foi o que aconteceu com ele”.

O entrevistado é morador da Comunidade desde 1992, inicialmente explica que a enfermidade do líder estava associado ao processo natural da vida, nascer viver e morrer, mas logo em seguida ele explica que a doença foi ocasionada por um distanciamento de Deus, e mais, afirma que foi um processo energético, para ele Deus se afastou de Cícero e nesse momento o acometeu de uma enfermidade e conseqüentemente a morte.

Neivia Maria da Silva (depoimento concedido no dia 20 de maio de 2007), relata da seguinte forma

”A doença dele, eu percebi, mas algumas pessoas diziam Meu Rei esta ficando novo, não Meu Rei esta ficando novo, não, eu via ele como uma pessoa normal, eu via que ele estava envelhecendo e tinha pessoas que via ele “remoçando” ficando mais novo, eu via Meu Rei como uma pessoa comum, envelhecendo e adoecendo, ele dizia vou fazer uma viagem que eu não posso levar ninguém, eu já sabia que ele ia morrer, é tanto que algumas pessoas diziam que queriam ir com ele, Meu Rei respondia, não pode essa viagem, eu tenho que fazer sozinho, está bem claro. Quando ele adoeceu eu achei muito natural, nascemos crescemos e morremos”.

A entrevistada foi morar na Comunidade desde a fundação, mas desde 2005 reside na cidade de Arco Verde. Ela explica de forma bem racional o entendimento que tinha sobre a doença, para ela “Meu Rei” era uma pessoa comum que iria morrer, mesmo achando que ele era uma pessoa que ia morrer como as outras a entrevistada deixa evidente que acreditava que o líder tinha algo especial, divino. Pois a mesma ao ser indagada sobre a importância do líder ela assim afirma “tudo o que eu aprendi é uma base que vai me levar, que me deixou forte, eu posso entrar em qualquer religião desde que esteja falando de Deus”

Para Raquel Farias (depoimento concedido no dia 20 de maio de 2007),

Todo mundo tava vendo a cada dia ele envelhecer, adoecer, se tornar uma pessoa mais frágil e que a gente tava vendo que ele não

ia viver para sempre, agora sim..., ele pregou muito também a pessoa ter um certo padrão de vida uma alimentação que prolongasse os seus dias de vida não é a toa que ele foi uma pessoa que morreu com 113 anos que não é comum uma pessoa até essa idade, então a gente sempre tinha essa convicção dessa forma de viver de viver que ele ensinava, sobre a alimentação não comer muita carne não fumar não beber, essas coisas que todo mundo sabe que para se ter uma vida saudável precisa ser assim né, então o que a gente acreditava era isso, tinha sim uma forma da pessoa fazer por onde viver mais, viver além do que é previsto essa média de idade que a gente têm e que essa imortalidade dele era dessa forma, era imortal o espírito esse sim ia ser sempre imortal, mas a carne não, eu nunca achei a gente da família nunca achou que o corpo dele ia viver para sempre.

A entrevistada foi morar na comunidade em 1987, mas desde 2003 é moradora de Buíque. Ela nós dá, assim como a entrevistada anterior, uma explicação racional a respeito da doença, ela deixa bem claro que ele era uma pessoa que não ia viver para sempre e que a doença foi um processo natural de uma pessoa que já tinha mais de 100 anos e que através de uma vida saudável podia sim prolongar os anos de vida.

Para Maria do Carmo Moura (depoimento concedido no dia 20 de maio de 2007):

Lembro. Ele ficou doentinho, né? Desde... começou logo ali na mudança de Israel para Sadabe.. Quando foi em 94, ele já estava meio doentinho, né? Ai passou, mas andava, trabalhava ainda e ele sempre dizia para a gente

A entrevistada reside na Comunidade desde a sua fundação, no gesto de lembrar o que aconteceu no passado olha para cima e fala de forma emocionada o que lembra do tempo em que “Meu Rei” ficou doente. Nota-se que a mesma não consegue explicar de forma consistente a pergunta, mas atribui a doença quando o líder mudou de nome e se tornou imortal. Segundo as nossas análises dos documentos de Cícero isso aconteceu em 19...., para ela implicitamente foi como se ele tivesse ficado fraco quando houve a mudança de nome e o recebimento do dom da imortalidade. É no mínimo uma contradição já que ele seria imortal por que iria ficar doente justo nesse momento.

Para Guilherme Lourenço de Moura (depoimento concedido no dia 20 de maio de 2007):

Eu não sei explicar...O problema é que eu nem sabia que ele tava doente né, ai depois as pessoas falavam, Meu Rei ta doente! ai passou-se, passou-se, perguntei se ele estava melhor, não.... não....passou-se num sei quantos meses. O que eu sei é que primeiro ele apresentou “enchão” nas pernas e depois melhorou da inchação, depois apresentou outro problema, ai eu nem sei como.

O entrevistado reside na Comunidade desde 1978, ao ser indagado sobre a doença, em um primeiro momento não conseguiu explicar a enfermidade do líder, mas com a repetição da pergunta o mesmo informou que não sabia que líder estava doente, o mesmo não buscou nenhuma fundamentação nos documentos do líder para explicar-se e no que pudemos evidenciar não procurou ou a o menos não sabia como fazê-la.

Para José Jesus Amorim (depoimento concedido dia 20 de maio de 2007):

A doença foi velhice mesmo, a velhice foi chegando e ficando...Nós nem sabemos se foi uma doença. Ele não ia pra médico, o médico dele era Deus. Eu não vou dizer que foi câncer, a gente não sabe, às vezes ele estava lúcido, às vezes não às vezes apurava a mente e falava direito que entendíamos algumas coisas.

A entrevistada foi morar na comunidade na década de noventa, mas desde 2000 é morador de Buíque. Ele nos da uma explicação comum entre a maioria dos entrevistados, Afirmando que a causa da “doença” do líder foi ocasionada pela velhice. Ele de certo modo teve medo de confirmar que foi uma doença como ele mesmo afirma, não vou dizer que foi câncer devido a falta de comprovação da doença já que o mesmo não tinha ido a nenhum médico. Assim como alguns dos entrevistados anteriores não buscou em nenhum momento explicar a doença do líder embasado nos documentos ou até nos seus fundamentos.

Para Ismael Gregório dos Santos (depoimento concedido dia 20 de maio de 2007),

Foi a idade e no caso, uma pessoa disse que tinha sido próstata. Eu digo, pelo que eu estudo esses negócios de saúde, para mim foi próstata, pelo que vejo, os sintomas que eu via naquele tempo e o que eu hoje vejo, acredito que foi de próstata. Mas não deixa de ter também aquelas perseguições do outro lado, por exemplo, tem o mal e tem o bem né, que no caso ele tava aqui pregando o bem do outro tinha o que queria atrapalhar, ai essas perseguições a próstata e a idade foi causo que levou (doença e morte), eu acredito nisso...

O entrevistado reside na Comunidade desde o seu nascimento em 1979. Hoje devido a sua experiência como agente de saúde e lembrando dos sintomas que Cícero apresentava na época, ele concluiu que “Meu Rei” tinha algum problema na próstata. Para ele o problema da próstata foi só mais um fator, pois, além disso, ele estava com a idade muito avançada e o “mal” contribuiu para isso.

4.4 Reação diante da morte do líder

Contrariando a promessa de imortalidade recebida em 1988 e confirmada “às 3:00 horas da madrugada do dia 13 de maio do ano de 1996, nasceu o primeiro homem imortal da terra” (CLV, f. 1), depois de um tempo enfermo, ele acabou morrendo.

A comunidade está perplexa com o falecimento de “Meu Rei” que se auto proclamava representante de Deus na terra e dizia ser imortal, morreu após ter passado alguns dias doente. Mesmo debilitado não permitiu a presença de médicos na sua casa, ele dizia que nunca tinha ficado doente e não precisava da medicina (TENÓCO, 1999).

É inquestionável que Cícero afirmava ser imortal, e que em seus discursos estendia, para os que acreditassem nas suas missões e vivessem de acordo com os preceitos da Comunidade, a dádiva de viver para sempre.

No decorrer dessa pesquisa surgiram os seguintes questionamentos: Primeiro: como os entrevistados explicam a morte do que dizia ter recebido o dom da imortalidade? Segundo: quem acreditava na crença do retorno ou reencarnação do líder, entendida por muitos como uma metamorfose?. Estas perguntas são fundamentais para compreendermos porque alguns moradores afirmam que sabia que ele ia morrer, já outros acreditavam que ele ia viver para sempre, acreditamos que a morte e suas significações e ressignificações tenham sido fator determinante para a desestabilização da Comunidade. Parece complexo, mas começaremos a analisar as respostas da primeira pergunta.

Para Edvaldo Bezerra de Melo, (depoimento concedido no dia 20 de maio de 2007), o entendimento da morte de “Meu Rei”

Está dentro de um mistério de Deus, para vir o apartamento do mundo até o ponto exato do desligamento total, o espírito da

qualidade de Sadabe pode sair do corpo e alimentá-lo em qualquer canto do universo, ele alimentaria, mas houve um desligamento que se não houvesse o desligamento nem a negatividade ele não morreria. A negatividade serviu para fazer com que houvesse a decomposição do corpo, os órgãos foram se decompondo e paralisando até o desligamento do coração”

Fica evidente na fala do entrevistado de Edvaldo, que a justificativa dada por ele para a morte do líder foi afirmar que estava dentro de mistério, que estava relacionada a algo oculto, inexplicável, sendo, portanto, impenetrável à razão humana.

Para ele houve um desligamento, uma separação do espírito do corpo de Cícero, foi como se o mesmo tivesse “partido”, em decorrência desse afastamento e da posterior negatividade advinda desse fenômeno. A palavra afastamento ou desligamento é utilizada pelo entrevistado como uma forma de não usar a palavra morte, ao invés de afirmar que o líder morreu ele se utiliza dessas expressões já que a palavra morte não era aceita por ele.

Para Neivia Maria da Silva

A morte significou o fim de um ciclo de vida de uma pessoa comum que cumpriu os seus dias de vida, e um dia tinha que morrer tinha que ir como todos. eu acredito que ele veio teve uma missão muito bonita, eu via ele como uma pessoa comum nunca como um Deus, e acredito que cumpriu a missão dele o tempo de vida aqui na terra e morreu como todos os mortais e enfim o que eu posso dizer que foi a história que ficou é imortal. Só a história. Eu senti que uma época que o numero de pessoas que acreditavam nessa imortalidade cresceu mais de uma maneira que mudou um pouco a pessoa dele, eu acho que houve uma fantasia, uma vontade tão grande que até ele mudou, acho que isso de uma certa forma desviou um pouco até a pessoa que eu conheci, foi mais forte aquele lado, meu Deus, endeusaram tanto que eu acho que fantasiou.

A segunda entrevistada é objetiva ao afirmar que, a morte foi o fim de um ciclo de vida, normal a todos os mortais, nascemos, crescemos e moremos, ao afirmar isso a ela coloca “Meu Rei” no mesmo patamar que todos os seres humanos viventes da terra tirando dele o dom de imortalidade, inexplicável aos seres da terra, logo o líder não tinha nada de especial além das suas pregações que o fizesse imortal livre de qualquer sintoma de velhice e da morte.

Raquel de Farias enfatiza que

Todo mundo tava vendo a cada dia ele envelhecer, adoecer, se tornar uma pessoa mais frágil e que a gente tava vendo que ele não ia viver para sempre. A gente mais próxima tinha o mesmo pensamento, que a forma de imortalidade a que ele se referia não era a do corpo, que ele seria imortal pela obra que ele ia deixar pelos ensinamentos pelas revelações que ele deixou, porque ele deixou muita coisa escrita, isso é uma forma da pessoa se imortalizar, através do que ele escreveu através do que ele disse das entrevistas que tem filmado, então a gente interpretava por esse lado mais lógico. [...] era imortal o espírito esse sim ia ser sempre imortal, mas a carne não, eu nunca achei a gente da família nunca achou que o corpo dele ia viver para sempre...

A entrevistada assim como a segunda associa a morte do líder como sendo algo normal de todos os seres viventes, de nascer, crescer e morrer. A mesma afirma que, todo mundo tava vendo que a cada dia envelhecer, sobre esta afirmação a pesquisadora discorda, pois não eram todos os que racionalmente viam que o líder estava adoecendo e que chegaria o dia de sua morte. Muitos, segundo Neivia, fantasiavam e tinha uma vontade muito grande que ele não morresse.

Para ela a imortalidade que o líder se referia era a imortalidade dos seus ensinamentos das revelações, isso sim era imortal, ela termina falando que nunca achou que a imortalidade que ele se referia era a do corpo físico.

Para Maria do Carmo de Moura

Quando foi em 98 ele deixou bem claro pra mim que ia fazer essa viagem. Ele só fez dizer assim chegou a hora de eu trocar isso aqui e pegou no “braçinho” dele e fez assim, vou trocar isso aqui está chegando a hora. Eu vou trocar... Eu disse, mas Meu Rei e aí? Ele disse, “Quem ficar continue né?” Mas eu não vou demorar. Vou demorar muito pouco. Eu vou e vou voltar. Eu disse, mas Meu Rei, “E isso aqui vai ficar do jeito que tá?” ele disse é se quiserem continuar, continuem! Quem não quiser aqui tem uma saída! ali tem outra! e quem quiser continue.... Pronto!

A entrevistada, faz referência a uma explicação do líder e não sua, quando afirma que foi ele em 1998 que disse que ia fazer uma viagem. Com isso, ela apenas reproduz o que na época lhe foi dito. Para ela “Meu Rei” fez uma viagem, não morreu, fez uma viagem.

No decorrer da entrevista ficou evidente nos gestos e semblante que estava visivelmente emocionada que a “morte” do líder ou a viagem, foi muito triste e que a vivência na comunidade sem a presença dele não é mais a mesma.

Guilherme de Moura não conseguiu explicar como o líder que se dizia imortal morreu, ele só falou “que se ele era imortal não sabia se era do presente ou do futuro”. Ao nosso ver o mesmo nunca pensou ou até mesmo nunca ouviu qualquer comentário desse que tratasse sobre isso.

Para Jesus de Farias

Meu pai nunca disse para ninguém, sou imortal enquanto físico, ele dizia, sou imortal ou melhor serei, vou passar por um processo e transformação e serei imortal, e isso não era um privilegio só dele, ele dizia, todos vocês podem ser também, não era um processo de exclusividade, ele nunca disse com todas as letras, talvez porque todos os homens da história das religiões foram muito velados em seus diálogos e meu pai sempre deixou muito “claro” isso.

O primogênito do líder é um dos que mais leu os documentos do líder, afirma que seu pai nunca disse que era imortal em corpo físico ele era imortal no que ele ia deixar para as gerações futuras. Para ele tudo o que ele pregou o fez imortal.

Para Jesus Amorim

Ele nunca dizia agente que era imortal, quando agente dizia que ele era imortal, ele dizia que eu (Meu Rei) nunca disse que era imortal, os documentos é quem dizem, ele sempre dizia desta forma, né. Deus é quem diz, Deus é quem escrevia, ta entendido, eu (Meu Rei) nunca disse isto a vocês. Mas agente não aceitava isto.

O entrevistado reproduz no que parece o discurso do próprio líder quando era indagado sobre a sua suposta imortalidade. O entrevistado não elaborou mesmo passados oito anos da morte do líder nenhuma explicação sua a respeito da morte do líder, mas no final da resposta ele deixa claro quando afirma que agente não aceitava isso. No que parece era uma forma de afirmar que para ele naquela época a imortalidade não estava só nos documentos e sim na pessoa do líder.

Ismael Gregório dos Santos

Ele tava trabalhando para conseguir a imortalidade, mais só que é como diz, esse pessoal que conversa com Deus e que tem essa interligação com os outros que já passaram. Ele falava muito por parábola né, ai eu acredito que a imortalidade dele era no caso espiritual que era no caso da reencarnação voltar o espírito. Ele dizia assim: Eu vou e volto numa nova roupa, era mais ou menos assim, quer dizer a nova roupa é a matéria, ele deixava a matéria e voltava

numa nova. Eu acredito que seria isso, mas ele tava trabalhando para ser imortal em corpo físico.

Para ele, mesmo Cícero trabalhando para conseguir alcançar a imortalidade do corpo físico, ele não chegou conseguir. Segundo ele, a imortalidade a que ele se referia era a do espírito e não a do corpo físico.

4.4.1 A imortalidade segundo os seguidores

Começaremos agora analisar as respostas da segunda pergunta: Quem acreditava no retorno ou reencarnação do líder, entendida por muitos como uma metamorfose?

Para Edvaldo Bezerra de Melo

Cinco meses antes de morrer ele já estava alimentando outra matéria, quatro meses depois ele já estava nascendo de novo. Eu tenho a esperança na volta dele, que já está em outro corpo. E se ele já está em outro corpo não só eu ganhei como o planeta terra também, porque em 2040 ele voltará.

O entrevistado demonstra ter convicção de que o líder voltará para dar continuidade ao projeto iniciado na década de setenta, só que agora em outra matéria.

Para Neivia Maria da Silva

Não, eu acredito que ele veio teve uma missão muito bonita, eu via ele como uma pessoa comum nunca como um Deus, e acredito que cumpriu a missão dele o tempo de vida aqui na terra e morreu como todos os mortais e enfim o que eu posso dizer que foi a história que ficou é imortal

A entrevistado, não acredita que ele vai voltar, afirma ela que a missão foi bonita, mas como ele já a havia cumprindo, não voltaria mais.

Raquel Farias

Não... Eu acredito que o que existe agora é o que ele deixou e que teria sim as condições da gente novamente formar a comunidade com aquilo que ele deixou, com os ensinamentos que ele deixou passando para os filhos e passando esses ensinamentos pra que a

comunidade pudesse continuar, mas eu estou vendo que isso não vai ser possível porque os poucos que têm não se reúnem mais.

Assim como a primeira entrevista essa também não acredita na volta do líder, implicitamente na sua fala percebemos a vontade de fazer com que as reuniões voltassem acontecer, concluímos que para ela se as pessoas se reunissem seria para ler os documentos teriam a oportunidade de tornar vivo o líder através da leitura dos documentos deixados por ele.

Maria do Carmo

Sim...tem a lei da reencarnação. Eu posso ir lá {aponta para o céu} trocar essa roupa velha e vim até melhor. E o povo diz, isso é coisa de louco”, mas não é. Existe a reencarnação tem alguém que acredita ou não, mas ela existe e feliz daquele que acredita. Por que sempre tem gente que não acredita na reencarnação, ai ali fica dizendo: “apareceu, como é o nome? A alma de fulano de tal, mas aquilo não é alma não, é o corpo eterno dele que foi e não achou lugar, não tem lugar pra ficar, ai tem que ficar vagando pra ali pra lá. Até um dia ele reconhecer que tem um Criador que ele pode evoluir.

A entrevistada, nos dá uma explicação de como o líder voltaria, ela fala da lei da reencarnação, para ela o líder voltaria quando encontrasse o corpo certo para retornar. Segundo ela isso ainda não aconteceu

Guilherme Lourenço

Acredito... Ele dizia que existia reencarnação né. Acho que Deus vai mandar um representante, dele assim... Uma pessoa na terra, acho que deve ter né. Deve aparecer uma reencarnação e ele reencarnar de novo.

Esse afirma acreditar na volta do líder, a partir de um processo de reencarnação, já que quando estava vivo “Meu Rei” falava muito sobre o retorno das pessoas. Para ele Deus vai mandar um representante para substituir o líder morto.

Jesus Farias

A partir de análises feitas para tentar entender o que meu pai dizia, fazia e pregava, no meu entendimento, ele era imortal como todos os outros homens que fizeram história, todos falamos de homens que deixaram a sua marca registrada e que de alguma forma esse conhecimento foi tão além da sua época, meu pai era um visionário, esses conhecimentos foi tão além de sua época que foram sendo mesmo após a sua morte passados de pai para filho e que de

alguma forma isso se tornou imortal, ele é imortal na história que você vai fazer ele é imortal na história de Carlos, para mim essa é a imortalidade.

A imortalidade, para o entrevistado, está no que o líder tinha feito para as muitas pessoas que moravam na comunidade e não a do corpo físico. A imortalidade dele estava no que ele deixou, nos seus escritos, ou incutido nas próprias pessoas que participaram daquela vivência em Serra dos Breus.

Jesus Amorim

Não, lembro que ele dizia que ia fazer essa viagem, Eu acho que não vai voltar, eu acredito na reencarnação mais eu não acho que ele vai voltar.

4.5 Motivações da permanência e do abandono da Comunidade, após 1999

Após termos analisado as entrevistas, fica evidente que a crença em Cícero José de Farias e na sua imortalidade foi interpretada de diferentes maneiras pelos que o seguiam.

Quatro entrevistados, que não moram mais na comunidade, evidenciaram nos seus discursos que a vivência na comunidade não estava condicionada à crença na imortalidade física do líder. Acreditavam que a imortalidade a que ele se referia era a do espírito e do seu legado espiritual e moral.

Para esses, as palavras, os escritos, os conselhos, os princípios organizadores da vida comunitária, enfim, tudo o que ele deixou é que representam a sua presença “imortal”. Não questionaram, em nenhum momento, a idoneidade do líder, e a aparente contradição entre as suas afirmações e os acontecimentos que se seguiram à sua doença e morte. Não questionaram, o que indica que ainda aceitam, que ele, como afirmava, falasse com Deus todas as noites, ou tivesse recebido diretamente de Deus as missões que dizia ter recebido ao longo da vida. Em relação à questão da imortalidade, especificamente, dizem ter sempre entendido que a afirmação enfática de Cícero não era referida à de seu corpo físico.

Ao contrário desses, os entrevistados que ainda são moradores da Comunidade, indiscutivelmente acreditaram e continuam acreditando que o líder deles não ia morrer nunca, no sentido do corpo físico. Afirmam que o líder tinha um dom inexplicável e que iria viver para sempre. Segundo eles, só não houve a

concretização do dom dado por Deus, em 1999, porque teria havido uma mudança nos planos de Deus. Pois a morte é universal, mas suas manifestações e interpretações são culturais.

Procuramos ser, na medida em que isso é possível, imparcial diante das afirmações de suas fontes, não fazendo juízos de valor, mas aceitando que são, no momento das entrevistas, expressões dos sentimentos, reflexões, tentativas de interpretação e ressignificação de todos aqueles para os quais Cícero foi importante no passado e continua sendo, de uma forma ou de outra, no presente²⁸. Nota-se, no entanto, que os moradores que saíram da comunidade ressignificaram a morte do que se dizia imortal afirmando nunca ter acreditado em uma imortalidade do corpo físico de Cícero, enquanto os demais, há quase dez anos de distância, não hesitam em proclamar sua fé em uma imortalidade física, mesmo essa não tendo acontecido.

Em relação aos primeiros, não sabemos se, antes do falecimento do líder, eles pensavam dessa forma, mas acreditamos que não. Não é difícil supor que, com saída da comunidade, voltando a viver entre pessoas para as quais a imortalidade é motivo até de risos, tiveram que repensar a sua vivência na Comunidade e, ao que parece, subjetivamente deram uma nova significação para a doença e morte do líder.

Ressalte-se que ao serem questionados sobre o porquê a maioria dos adeptos deixou a Comunidade, depois de 1999, os entrevistados, tantos os que continuam moradores quanto os demais, foram unânimes em atribuir a causa do abandono à morte de Cícero. As entrevistas testemunham que a morte de Cícero deixou um grande número de fiéis desiludidos, sentindo-se enganados, já que os mesmos tinham total confiança no líder e especialmente, na profecia de imortalidade.

Para Jesus José de Farias

Depois da morte [de "Meu Rei"], todo aquele grupo ficou meio que ao léu. Cheguei a ouvir comentários do tipo, "somos hoje um corpo sem cabeça, meus irmãos!". Tinha gente que não pensava, mas depois de um certo tempo viram todas as promessas serem enterradas junto

²⁸Infelizmente não foi possível entrevistar antigos moradores da Comunidade que romperam com os demais e se afastaram, aparentemente desiludidas, sentindo-se enganados

com ele, viram o homem imortal sendo enterrado e tendo o mesmo fim de todos os seres viventes na terra, passaria exatamente por uma metamorfose que isso é o que passamos quando morremos, vamos passar por essa metamorfose, a vida continua. Viram tudo isso desabar, viram o paraíso terrestre se desfazer. Então eles tinham que se agarrar em alguma coisa, tinham que se apegar em alguma coisa. Uma grande parte de pessoas, por um longo período, tentou de alguma forma manter a história viva e sua fé, a partir dos preceitos religiosos: “vamos nos agarrar naquilo que ele tem de melhor, os escritos que ele deixou que é o ponto, e vamos acreditar que tudo isso vai se concretizar de alguma forma” [...] Restou as velhas raízes das velhas religiões, de suas antigas formas de pensamento religioso e fé voltarem. Então muitas pessoas saíram da comunidade, uns revoltados, não querendo crer mais em nada, outros com sentimento de que foi iludido ou se iludiu, outros se agarraram nas suas antigas religiões, voltaram a ser crentes e felizes. Outros voltaram a ser católicos e outros, a serem espíritas e uma pequena parcela continua perdida, uns num canto outros noutros, mas guardam em si todo aquele conhecimento que eu de uma certa forma respeito, não se revoltaram, falam com carinho, falam com respeito daquilo que eles ajudaram a criar, mas hoje não participam de nenhuma religião, ficaram meio que isentos, talvez vacinados contra uma religiosidade fechada.

O depoimento de Jesus José de Farias, filho do líder traduz como nenhum outro o problema enfrentado pelos seguidores quando da constatação da morte do líder, ele conseguiu analisar a reação dos seguidores como se não fizesse parte daquela vivência.

As pessoas que foram entrevistadas para esta pesquisa foram unânimes em afirmar que a maioria dos que lá moravam e saíram logo após a morte do líder, eram as mais radicais. Essas ficaram sem “chão” assim que foi constatada a morte física de “Meu Rei” saíram da Comunidade e logo se curvaram diante das suas antigas religiões. Estes não tentaram ou não quiseram repensar ou reelaborar a morte do líder, para esses que infelizmente não conseguimos entrevistar “Meu Rei” tinha morrido e pronto. Qualquer explicação mesmo a partir dos fundamentos do líder seria inútil, segundo os entrevistados, com esses não tinha conversa, pois a morte era de fato a comprovação que haviam sido enganados. Talvez se tivessem tentado entender o por que da morte não tivessem saído da Comunidade, estariam lá talvez esperando um enviado ou lendo os documentos para buscar alguma explicação plausível para a doença e morte do líder.

Considerando-se que, na frase lapidar de Berger, “a morte constitui para a sociedade um formidável problema, não só devido à sua óbvia ameaça à

continuidade das relações humanas, mas também [porque] põe em cheque pressupostos básicos da ordem sobre as quais descansa a sociedade” (BERGER, 2004, p. 36), a morte de Cícero sem dúvida colocou à prova todos os adeptos, tanto os que tinham total confiança nas profecias do líder, quanto os que dizem hoje nunca terem se confundido sobre o verdadeiro significado da sua promessa de imortalidade. Todos viram-se diante da ameaça, ou melhor, do início do processo de esfacelamento da Comunidade.

Os homens são seres sociais. Sua sociabilidade inclui o que eles pensam ou acreditam ‘saber’ sobre o mundo. A maior parte das coisas que ‘conhecemos’ foram assumidas com base na autoridade de outros continuam a confirmar este conhecimento é que ele continua plausível para nós. E é tal ‘conhecimento’ socialmente partilhado, socialmente aceito como tal, que permite nos movermos com certa confiança em nossa vida diária (BERGER, 1997, p. 27).

Muitos, de várias formas procuraram um novo significado para a falta da presença física dele, já que viviam em uma comunidade. “Trata-se”, escreve Vilhena “de compreender não tanto a morte em si, mas as maneiras pelas quais ela é interpretada por um conjunto de pessoas que julgo ser representativo, portador e participante do imaginário dos adeptos da comunidade” (2004, p. 106).

A morte de Cícero José de Farias foi o fator determinante para a desestruturação da comunidade, já que muitos que lá residiam ou a freqüentava em tempos de festa saíram ou nunca mais voltaram.

Seria tremenda ingenuidade esperar que a morte o sobrenatural fosse igualmente visível de todos os pontos chave de nossa cultura, ou fosse experimentada da mesma maneira por todos os que dela tomaram conhecimento (VILHENA, 2004, p. 31).

Os entrevistados interpretaram a morte do líder de acordo com o seu entendimento, já que mesmo participando da mesma Comunidade abstraíram as informações de forma diferente. Constatamos que a percepção e a interpretação de alguns acontecimentos da comunidade foram narrados de forma diferente pelos sujeitos entrevistados, principalmente sobre a doença e morte do líder.

Assim como diz Berger “as visões do mundo permanecem firmemente ancoradas em certezas subjetivas, enquanto são sustentadas por consistentes e contínuas estruturas de plausibilidade” (BERGER, 1997, p.77). Cada um dos

moradores da Comunidade construiu ao longo do tempo a sua visão do que era viver ali, a sua participação na comunidade, e a importância das missões do líder. Esses já tinham internalizado subjetivamente o propósito de estar congregando dos ideais da Comunidade, Já tinham construído a sua própria estrutura de plausibilidade que servia para mantê-lo em constante equilíbrio com a vida da Comunidade. Para muitos a morte de Cícero colocou em xeque os sentidos subjetivos e objetivos que levaram anos para serem construídos, os que tinham internalizado que o líder era imortal e que só ele poderia manter toda a estrutura religiosa, como diz Berger a partir de “aparelho de conversa”. Sem a sua presença, muitos não quiseram saber de mais nada e saíram da comunidade.

A morte de Cícero desestabilizou a Comunidade, já que a maioria dos que moravam lá acreditavam na imortalidade do líder e saíram da Comunidade, mas não o sentimento de re-significação de uma boa parte dos adeptos que permaneceram, pois a morte no movimento em estudo foi fator determinante para dispersar as pessoas, mas não para lhe tirar o sentimento de vivência coletiva “relação existencial entre homem e o absoluto transcendente, que o ultrapassa e constitui seus olhos a referência suprema” (MESLIM, 1992, p. 33).

Cada um tinha a sua estrutura de plausibilidade adequada, seus mecanismos mantenedores desta plausibilidade. Se compreender isto, então o apelo a qualquer suposta consciência moderna perde seu maior sentido de persuasão -a não ser, é claro, que alguém se convença a acreditar... (BERGER, 1997, p.75).

Enquanto esteve vivo, Cícero José de Farias conseguiu manter em funcionamento uma verdadeira estrutura religiosa (plausibilidade), mas a partir de sua morte houve um enfraquecimento das estruturas de plausibilidade dos adeptos. “Meu Rei” era uma espécie de mola mestra que possibilitava a manutenção e o equilíbrio do homem com o mundo real e ideal²⁹.

Como muitos adeptos não conseguiram aceitar a morte de seu líder. Em primeiro momento, a comunidade tentou escondê-la segundo o repórter do JC, “a morte do líder espiritual ainda não foi totalmente aceita pela comunidade, que tentou “abafar” a informação” na cidade (TENÓCO, 1999). Muitos dos que fizeram parte da

²⁹ Termos utilizados por Durkheim para distinguir o profano do sagrado.

vivência coletiva em busca dos ideais pregados por Cícero ainda hoje guardam a esperança de um renascimento, ou “volta”, como dizia “Meu Rei”, e que alguns adeptos chamam de “metamorfose”.

O *ethos*³⁰ da Comunidade era mantido pela presença física de “Meu Rei” e das conversas que ele mantinha com os moradores da Fazenda, isso o ajudava dar sentido a vivência coletiva, e manter o *nomus* objetivado.

Com a falta da presença física de “Meu Rei” a comunidade é colocada a dura prova, já que “a conversação é rompida [...] o mundo começa a vacilar, a perder sua plausibilidade subjetiva” (BERGER, 2004, p. 30), que dependia da conversação do líder com os membros efetivos da comunidade. Sem esse contato e essa conversação a maioria dos adeptos começaram sair da comunidade.

O líder não havia preparado ninguém para a sucessão, a Comunidade estava diante de um dilema, a morte os colocou frente a um problema de continuidade e mexeu com a crença de muitos.

A morte constitui para a sociedade um formidável problema não só devido à sua óbvia ameaça à continuidade das relações humanas, mas também porque coloca em cheque os pressupostos básicos da ordem sobre os quais descansa a sociedade (BERGER, 2004, p. 36).

A comunidade após no momento da morte do líder ficou ante uma situação de ameaça, correndo o risco de ruir em anomia, ou seja, de perda dos sentidos subjetivos e objetivos.

Constatamos que muitos saíram imediatamente após a morte do líder outros após alguns meses ou anos, outros permanecem até hoje, no que parece aguardando o retorno ou a vinda de alguém para dar prosseguimento na concretização do Reino de Paz tão propagada por Cícero.

Questionamos para os ex-moradores da comunidade o porque teriam saído da comunidade já que sabiam que chegaria o momento que o líder morreria como todo ser vivente.

³⁰ Para Clifford Geertz, “ethos é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e a sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (1989, p. 142).

Ao responderem essa pergunta foram unânimes em afirmar que a morte de “Meu Rei” impulsionou a saída de muitos e também uma diminuição das visitas a Comunidade. As coisas foram ficando cada vez pior, as pessoas foram se afastando, por falta de compradores o mercadinho fechou assim como a lanchonete a oficina mecânica e os que faziam o transporte para a Fazenda deixou de fazê-la por falta de passageiros.

Os que trabalhavam de pedreiros, encanadores, eletricitas viram as construções cessarem, logo ficaram sem ter o que fazer assim como algumas mulheres que trabalhavam de empregadas domésticas, cozinheira e etc.

Para eles as coisas foram ficando tão difíceis que não encontraram outra saída a não ser mudar-se da Comunidade.

Utilizaremos dois depoimentos que traduzem os motivos que contribuíram para a saída dos que já sabiam que chegaria o momento em que o líder morreria. Estes em parte já tinham formulado subjetivamente uma explicação plausível para a doença e morte de Cícero.

Para Raquel Farias

Eu saí em 2003, por conta da dificuldade de trabalho porque foi ficando cada dia mais difícil, porque a medida que ele morreu as pessoas foram se afastando, quem tinha carro foi saindo, ai por ultimo o pai de Jesus aqui da frente, seu Paulo que era quem tinha caminhão outro senhor lá tinha ônibus que fazia sempre a linha pra cá de lá pra cá foram indo embora e tudo foi se tornando mais difícil então não deu mais pra ficar.

Para Jesus Amorim

Eu tinha uma lojinha de material de construção, se construíam muito né. Apesar do movimento ser fraco. O meu pai tinha um mercadinho, era um mercadinho bem sortido o pessoal entrava e escolhia, caiu muito o movimento caiu [...].

Não achamos que fosse necessário transcrever todas as respostas a respeito da saída da Comunidade desde 1999, pois todos os que saíram que formam entrevistados foram unânimes em afirmar que as coisas foram ficando cada vez mais difíceis devido à diminuição de visitantes. Logo a saída dos que foram entrevistados para essa pesquisa foi ocasionada pela falta de transporte, pela falta de emprego e pela falência dos estabelecimentos comerciais.

Já os poucos que ficaram justificaram a sua permanência na Comunidade a crença no retorno do líder outros afirmavam não ter para onde ir. Para eles Serra dos Breus é o melhor lugar para morar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu converso com Deus ele se personifica na minha pessoa, há compromisso entre mim e Deus” (SBT).

Esse trabalho foi fruto de dois anos de imersão no mundo de uma Comunidade fundada na década de setenta, por Cícero José de Farias, mais conhecido por “Meu Rei”, na tentativa de enxergar não só como ela estava estruturada, mas entender toda a complexa rede de relações interpessoais e com o sagrado, vida lá desenvolvida, especialmente enquanto expressão de um fenômeno significativo do campo religioso brasileiro.

Fomos fundo nesse “mar”, para entender a “Comunidade Metafísica e Teológica Início de um Reinado”, no Vale do Catimbau- PE. Para compreendê-la foi necessário empreender um detalhado estudo etnográfico tal como o proposto por Geertz, através de uma descrição densa. Respalhada nos estudos de Berger e Durkheim procuramos entender o complexo sistema religioso da Comunidade e o não cumprimento da profecia de imortalidade. Utilizamos também os documentos escritos pelo líder para entender como ele criou a sua ‘imortalidade’, a partir dos discursos escatológicos presentes nos seus escritos.

Constamos que o fundador da Comunidade pensava o mundo e a religião de uma forma bastante diferente do convencional, por isso o nosso interesse de não tentar comparar esta com outras manifestações de religiosidade surgidas no Nordeste, no século XX, mas apenas tentar descrever e entender o sistema religioso desenvolvido na Fazenda Porto Seguro visto a partir de dentro, deixando para estudos posteriores a análise comparativa.

Imbuídos da convicção da importância desse estudo, começamos as pesquisas e, inicialmente, enfrentamos muitas dificuldades, seja a falta de uma bibliografia sobre o assunto, seja a resistência dos sobreviventes da experiência em partilhar com estranhos lembranças existenciais preciosas, mas que fugiam ao comum e normalmente eram recebidas com descrença, ironia e desprezo.

Procuramos então não só romper as resistências, não apressando a pesquisa e evitando escutar os testemunhos, que aos poucos foram vindo à luz, com a

postura de alguém vindo de fora, do mundo acadêmico ou, no mínimo, metropolitano. A estratégia deu certo. Vencidas as resistências tivemos acesso a uma rica documentação, a testemunhos existenciais profundos e, além de tudo, de certa forma, nos “apaixonamos” pelo ambiente do vale, pela história ali vivida por tantos seres humanos e pela figura de “Meu Rei”.

Tendo consciência dessa nossa “paixão” e dos riscos intelectuais que poderia acarretar, lançamo-nos ao trabalho.

No decorrer dessa pesquisa percebemos que apesar da ausência da presença física de “Meu Rei” e das pessoas que projetavam a força religiosa, eles ainda guardam em seu âmago algo de eterno, que transpassa o nível da realidade.

No final, concluímos que nossas suposições iniciais eram muito estreitas, fruto de uma visão teórica da realidade. A experiência existencial vivida por Cícero, sua construção de uma racionalidade e a sua capacidade em tornar plausível a idéia de sua própria imortalidade, das missões que recebera e de um futuro radiante para os que o seguissem revelou-se mais articulada, mais complexa do que supuséramos inicialmente.

Na medida em que líamos a documentação, transcrevíamos as entrevistas e elaborávamos o texto, muitas perguntas vinham à mente: Será que os moradores da Comunidade conseguiriam algum dia retomar as reuniões?, Um novo “Rei” reinaria novamente em Serra dos Breus? As pessoas que saíram voltariam para dar prosseguimento à construção do “Novo Paraíso”. Perguntas, é claro, cujas respostas extrapolariam os limites dessa dissertação. No entanto, para nossa surpresa, em nossa última visita, faltando menos de um mês para a entrega da dissertação, quando voltamos á Comunidade para obter esclarecimentos e buscar, quem sabe, algum novo documento ainda não disponibilizado, foi com surpresa que contatamos várias mudanças no ambiente da Comunidade.

Chegando no Vale do Catimbau deparamo-nos com uma reunião entre Jesus José de Farias e os guias da Associação, coisa antes quase impossível, devido o preconceito que fora cultivado ao logo dos anos de existência da Comunidade.

Uma vez terminado o encontro a felicidade de Jesus Farias era visível. Não só havia decidido voltar a morar na Comunidade, logo ele que meses antes, com convicção, afirmara que nunca o faria. Segundo ele, a presença da pesquisadora e o interesse demonstrado pela comunidade acadêmica haviam despertado nele e nos

demais moradores um sentimento de orgulho pela experiência que haviam vivido e a vontade de preservar a memória de “Meu Rei”: Em suas próprias palavras, “um dos fatores determinantes para a minha volta foi você, por ter vindo de tão longe gastando tempo, dinheiro e se dedicando a história de Meu pai, percebi que eu não podia deixar morrer essa história, por isso decidi voltar” O propósito dele e dos moradores é de fazer com que a Comunidade volte receber turistas e visitantes interessados na história de “Meu Rei”.

Logo na entrada da comunidade notam-se as modificações, desde a construção de uma cerca, ainda inacabada, para dificultar a entrada de animais à modificações no “Palácio”. Jesus Farias, com os moradores da comunidade e um amigo, criaram espaços no palácio. Além da pintura interna e da arrumação de alguns objetos de Cícero, criaram espaços dentre esses: um memorial do fundador da Comunidade, uma sala de cultura, uma sala, segundo ele multi-ecumênica, destinada a meditação e uma sala de eventos.

Com essas mudanças os moradores que antes não tinham renda passaram a tê-la devido a reativação da Associação dos moradores de Serra dos Breus-AMOSEB, nessa decidiram que cada uma teria uma função quando da chegada dos visitantes, o lucro será dividido de acordo com cada função desempenhada.

Quando nós pesquisadores propomos desenvolver uma pesquisa, de certa forma prevemos os impactos e até a relevância da pesquisa, na maioria das vezes as mudanças idealizadas por muitos não acontecem. Mas no nosso caso a mudança foi rápida de mais... ficamos surpresos . Acreditamos que possa haver mais do que uma movimentação de pessoa ansiosa para saber da história da comunidade, mas que os membros remanescente possam fazer ressurgir, se não de todo, uma boa parte daqueles princípios, normas, ritos e símbolos que Cícero acreditou haver recebido de Deus e ofereceu aos seus como garantia de uma vida nova.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcos, **Caçadores-coletores no agreste Pernambucano: ocupação e ambiente holocênico**. Anais Simp. Pré-Hist. – CLIO 4, 1991, UFPE.

ANDRÉ, Dib. **Vila de Messiânicos na Serra dos Breus**. Diário de Pernambuco, 2006.

ASSIS, Virginia Maria Almoêdo de; ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **Buique: uma história preservada**. Recife: Prefeitura Municipal de Buique, 2004.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Rumor de Anjos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

AYRES, Carlos A.M.C. Buenos. **Breus, serra onde Deus habita, berço de uma Nova Civilização: Um Movimento Messiânico-Milenarista em Geração no Nordeste (Buíque-Pe)**. Recife, dissertação de mestrado, UFPE, 1994.

_____. **A História enquanto teofania no âmbito da humanidade neo-israelita**. Seminário temático “St 04” VIII jornada sobre alternativas religiosas na América Latina.

CAVALCANTI, Klester. **Vida Eterna ao Rei!** Revista os caminhos da Terra, Ed. Azul, 996.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Manual para normatização de trabalhos acadêmicos**. 5.ed. Rev. Recife: INSAF, 2005.

CRUZ, Rodrigues. **A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza**. São Paulo: UNESP, 2004.

DIÁRIO OFICIAL da União, Brasília DF 16 de dezembro de 2002- Seção 1.

DURKEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Pereira Neto; revisão José Joaquim. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FALCÃO, Verônica. **Buíque esconde Mistérios de Seis Mil Anos**. Diário de Pernambuco, Recife, 24 de novembro de 1991. Cidades, p. B 4.

- FARIAS, José Jesus. **INFORMATIVO "PORTO SEGURO"**, Buíque, Fazenda Porto Seguro Ano 1, Nº 01, Dezembro de 2007.
- FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**.IBGE, 1958.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro:S.A, 1989.
- GRESCHAT, Hans-Jurgen. **O que é Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **Historia e Memória**.São Paulo: Unicamp, 2003.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Revisitando o Messianismo no Brasil e profetizando seu futuro**.Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol.16, Nº 46, 2001.
- MADURO, Otto. **Religião e Luta de Classes**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MESLIM, Michel. **A experiência humana do divino**. Fundamentos de uma Antropologia Religiosa. Petrópolis: Vozes, 1992.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento. **O sítio Arqueológico Alcobaça**: Buíque, Pernambuco. Estudo das Estruturas Arqueológicas. Recife: dissertação de mestrado, UFPE, 2001.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- OTTO, Maduro. **Religião e Luta de classes**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- PADEM, E William. **Interpretando o Sagrado**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- QUEIROZ, Maria Isaura. **O Messianismo no Brasil e no mundo**.São Paulo: Alfa Omega, 1977.
- RIBEIRO, René. **Antropologia da Religião e outros Estudos**. Recife: Massangana, 1982.
- STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias**. Petrópolis: Vozes/ CID, 1996.
- VILHENA, Maria Ângela. **Os mortos estão vivos**: traços da religiosidade brasileira. Revista estudos da Religião, nº 3, 2004, p.106.
- TEIXEIRA, Faustino (Org). **Sociologia da Religião: enfoque teórico**: Petrópolis : Vozes, 2003.
- TENÓCO, Pedro. **Líder Espiritual de comunidade em Buíque morre aos 116 anos**. Jornal do Comercio, Recife, 1999.

DOCUMENTOS ANALISADOS

Farias, Cícero José. **Carta Magna De Caráter Padrão** [Anos 60].

_____. **3ª Carta Revelação**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1960.

_____. **Revelação Nº 2**. Buíque, Fazenda Porto Seguro. 1991,.

_____. **Revelação Nº 3**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1992.

_____. **Código Da Longa Vida, Para Aqueles Que Estão Em Caminho E A Procura De Deus, Onde Está Escrito A Palavra De Deus Criando**.

_____. **Carta Magna De Caráter Padrão**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, Anos 60.

_____. **3ª Carta Revelação**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1960.

_____. **Ciência Metafísica I**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1994.

_____. **Testamento: A Palavra De Deus**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1994.

_____. **Base De Restauração Do Paraíso Adâmico**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1996.

_____. **Edital: Tratando-Se Do Paraíso Restaurado E Recuperado**. Buíque, Fazenda Porto Seguro. 1996.

_____. **Escritura Pública De Doação** Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1996.

_____. **O Despertar Da Consciência**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1997.

_____. **Jornal "Infohall Notícia"**. Buíque, Fazenda Porto Seguro, 1998.

_____. **Caderno De Estudos Metafísicos**, Buíque, Fazenda Porto Seguro, Anos 90.

ENTREVISTAS DO LÍDER CONCEDIDAS A EMISSORAS DE TV

TV Globo. **Globo Repórter**³¹

TV Globo. **Fantástico**

TV Globo. **NE- TV**

SBT. **SBT Repórter**

³¹ Não foi possível identificar a data das entrevistas concedidas as emissoras de Tv, mas podemos supor que foram veiculadas na década de noventa.

ENTREVISTAS CONCEDIDAS A PESQUISADORA

1. Edvaldo Bezerra de Melo
2. Guilherme Lourenço de Moura
3. Ismael Gregório dos Santos
4. Jesus Farias
5. José Jesus Amorim
6. Maria do Carmo Moura
7. Neivia Maria da Silva
8. Raquel Farias

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor/a senhora está sendo convidado/a a participar, como voluntário/a, na pesquisa intitulada “MORTE OU METAMORFOSE? OS SEGUIDORES DE ‘MEU REI’ E O DESAPARECIMENTO DAQUELE QUE ACREDITAVAM SER IMORTAL”, cujo objetivo principal é “investigar e analisar, enquanto fenômeno religioso historicamente situado, como os seguidores de Cícero José de Farias, dito ‘Meu Rei’, vivenciaram, elaboraram e estão reelaborando a morte e a missão daquele que eles acreditavam fosse imortal e investido de uma tarefa divina”.

O estudo é orientado pelo professor Luiz Carlos Luz Marques, doutor em História, professor do Departamento de História e membro do Colegiado do Mestrado em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco (Rua do Príncipe, 526, Boa Vista - CEP 50050-900 - Recife - PE – Brasil; fone: 081 2119-4000 e 2119-4169) e levado a cabo pela aluna do Mestrado, professora Renata da Silva Severino.

A metodologia para obtenção de dados para a pesquisa consistirá em ouvir, gravar e transcrever fielmente, para posterior análise, os relatos dos voluntários sobre os seguintes temas: a) quando, como e porque entraram para a Comunidade fundada por “Meu Rei”; b) o que os fazia continuar nela; c) como viveram os meses da doença e como enfrentaram a morte do fundador da Comunidade; d) se permaneceram na Comunidade, por que? e) se a abandonaram, por que? f) se estão voltando para ela, por que? g) que opinião têm de “Meu Rei” e das suas idéias.

Os participantes da pesquisa serão selecionados de acordo com o seguinte critério: homens e mulheres maiores de idade que assumam ter sido membros, no decorrer do ano de 1999, da Comunidade “metafísica e teológica” fundada em 1976 por Cícero José de Farias, chamado “Meu Rei”, na Fazenda Porto Seguro, situada no Vale do Catimbau, distrito de Buíque, Pernambuco. Serão convidados a participar da pesquisa, como voluntários, tanto os membros da Comunidade que permaneceram no local, após a morte de “Meu Rei”, quanto os que dela saíram.

Buscar-se-á entrevistar ao menos um adulto de cada uma das famílias que vivem na Comunidade.

Os pesquisadores garantem que não há riscos de qualquer natureza para os participantes da pesquisa assim como pretendem com a mesma, apenas e tão somente, obter subsídios acadêmicos, os quais poderão servir de apoio para estudiosos de áreas correlatas interessados na temática no que diz respeito à compreensão da relação entre religião e sociedade.

Cada depoente tem a garantia de que, em qualquer etapa do estudo, terá acesso aos pesquisadores responsáveis para esclarecimento de eventuais dúvidas, tanto diretamente quanto através do Mestrado em Ciências da Religião, e/ou da Coordenação de Pesquisas, e/ou do Comitê de Ética e/ou da Pró-reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão – PROESPE, da Universidade Católica de Pernambuco, podendo apresentar recursos ou reclamações através do telefone (81) 2119-4369 (Secretaria dos Mestrados). As instâncias acima citadas encaminharão quaisquer procedimentos julgados necessários.

É garantida, a qualquer momento, a liberdade da retirada do presente consentimento e a conseqüente exclusão do estudo. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com as dos demais participantes, podendo ou não ser divulgada a identificação dos mesmos. Não há nenhum tipo de compensação financeira relacionada à participação dos depoentes.

Assim sendo, declaro que obtive todas as informações necessárias para poder decidir, de forma livre e esclarecida, sobre a minha participação na referida pesquisa.

Nome e RG do Voluntário

Nome e RG do Pesquisador

_____, em _____ de _____ de _____.

Adendo ao**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, abaixo-assinado(a) e devidamente identificado(a), declaro ter sido entrevistado(a) pela pesquisadora Renata da Silva Severino, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques, do Mestrado em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, durante as pesquisas em torno do projeto de mestrado intitulado “MORTE OU METAMORFOSE? OS SEGUIDORES DE ‘MEU REI’ E O DESAPARECIMENTO DAQUELE QUE ACREDITAVAM SER IMORTAL”, cujo resultado é a dissertação de mestrado intitulada “MEU REI” E SUA “COMUNIDADE METAFÍSICA E TEOLÓGICA INÍCIO DE UM REINADO”, NO VALE DO CATIMBAU, PERNAMBUCO, venho por meio desse Adendo, autorizar explicitamente que os trechos da minha entrevista que foram selecionados para utilização no texto final da dissertação acima, possam ser identificados, com meu nome, data e hora da entrevista. Reafirmo que obtive todas as informações necessárias para poder decidir, de forma livre e esclarecida, sobre a minha participação identificada na referida pesquisa.

Nome e RG do Voluntário

Nome e RG do Pesquisador

_____, em _____ de _____ de _____.

TEMAS (PERGUNTAS) QUE ORIENTARAM AS ENTREVISTAS

1. Quando você e sua família começaram morar na Comunidade?
2. Por que?
3. O que significaram para você as pregações e a vida na Comunidade fundada por “Meu Rei”?
4. E para sua família?
5. Como era, para você, ter que seguir os preceitos estabelecidos por “Meu Rei” aos que viviam na Comunidade?
6. E para sua família?
7. O que você lembra, do período em que “Meu Rei” ficou doente?
8. E sua família?
9. Como você explicaria a doença de “Meu Rei”?
10. Como você enfrentou a morte de “Meu Rei”?
11. O que você perdeu com a morte de “Meu Rei”?
12. E sua família?
13. O que significou a morte de “Meu Rei” para você?
14. E para sua família?
15. Como você explicaria a morte de “Meu Rei”?
16. Você permaneceu na Comunidade após a morte de “Meu Rei”?
17. E sua família?
18. Você em algum momento pensou abandonar a Comunidade?
19. Quando?
20. Por que?
21. Por que você saiu da Comunidade logo após a morte de “Meu Rei”?
22. Pensa em voltar?
23. Você acredita que “Meu Rei” voltará?
24. Por que?

ANEXO A: CADERNO FOTOGRÁFICO



Foto 1: "Meu Rei", sempre bem vestido.



Foto 2: Cícero José de Farias, provavelmente em 1952, quando se auto-intitula como “Rei da Paz”.



Foto 3: Rancho de palha, construído em 1976 pelos primeiros seguidores de “Meu Rei”. Ele e seus primeiros seguidores passaram três anos acampados, até construírem as primeiras casas de alvenaria.



Foto 4: Primeiros seguidores de Cícero, no final da década de setenta.



Foto 5: Os seguidores de Cícero na década de oitenta, ao fundo as primeiras construções de alvenaria.



Foto 6: Vista Panorâmica da Comunidade em 2007.

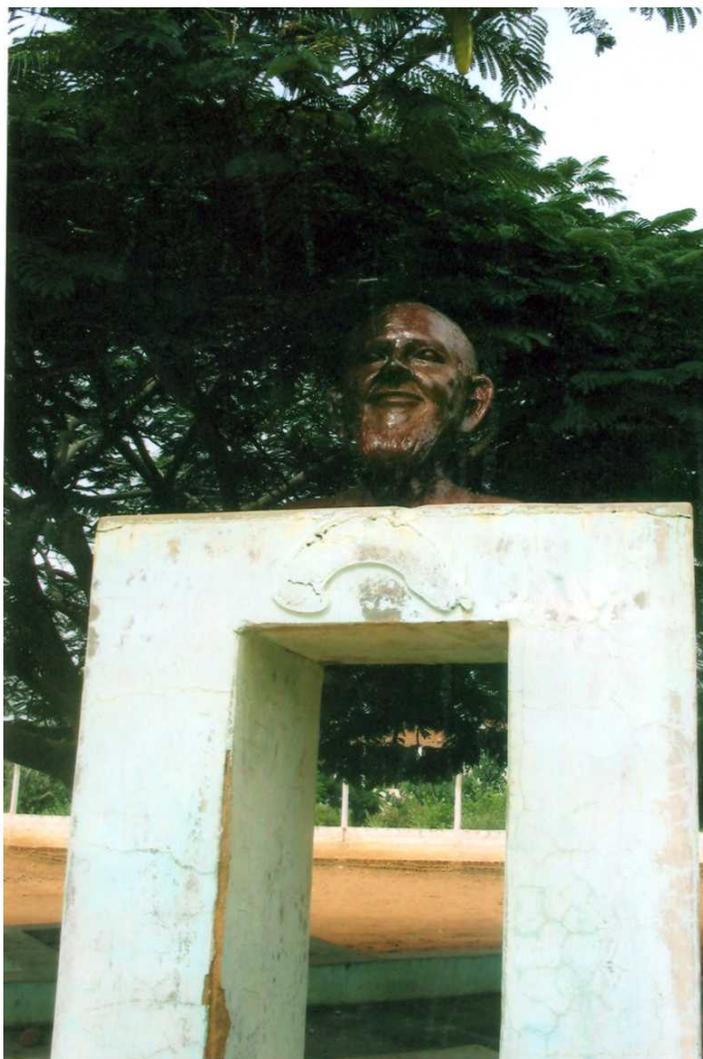


Foto 7: Busto de bronze de "Meu Rei", doado pelo deputado Henrique Queiroz, colocado na única praça da comunidade.



Foto 8: A residência de 'Meu Rei', chamada de "Palácio de Deus".



Foto 9: Varanda do "Palácio", lugar onde muitos esperavam para falar com "Meu Rei".



Foto 10: Uma das tantas cisternas, nos subterrâneos do "Palácio", em que era armazenada a "água da vida" ou "água abstratosa".



Foto 11: Cisternas construídas ao redor do "Palácio", para armazenar a água de uso diário.



Foto 12: Placa afixada no "Palácio", em 1994, por ocasião da inauguração do fornecimento de eletricidade à Comunidade, conseguido por intermédio do Deputado Henrique Queiroz.



Foto 13: Mausoléu de Cícero, construído em 1999, aproveitando-se do espaço ocupado por uma das cisternas subterrâneas.



Foto 14: Escola Municipal Porto Seguro.



Foto 15: Cédulas do dinheiro da comunidade, chamado com o nome bíblico de Talento.



Foto 16. Mesa em torno da qual, aos domingos, aconteciam as reuniões, nos primeiros anos da Comunidade.



Foto 17: Uma das tantas reuniões de formação que aconteciam no "Palácio de Deus".

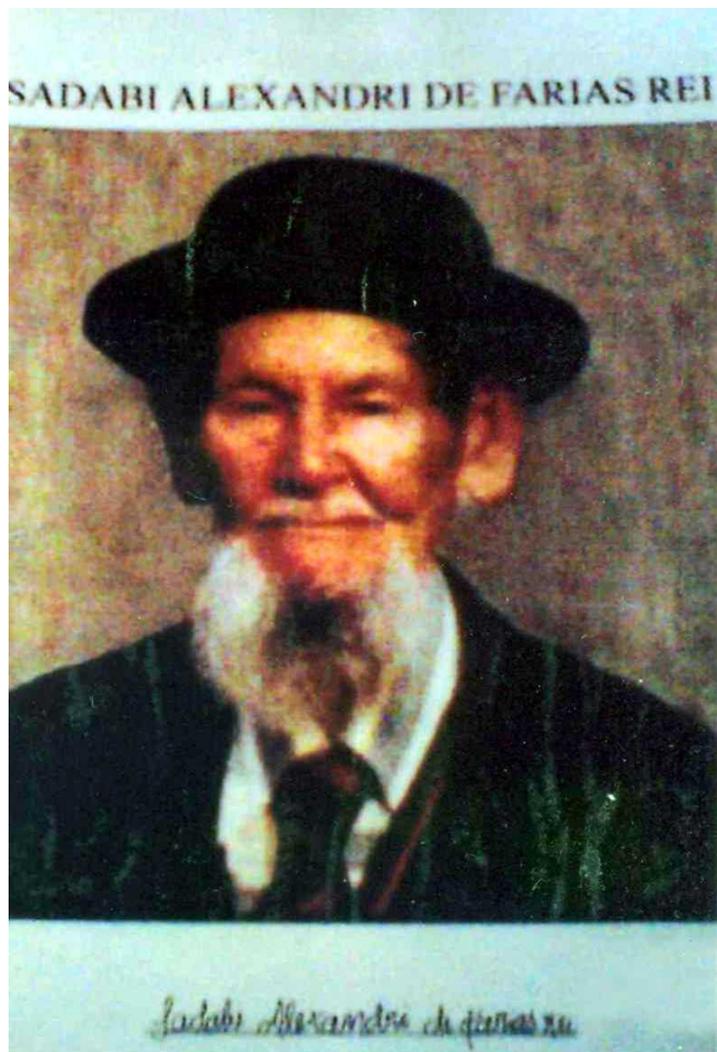


Foto 18: "Meu Rei", logo após a revelação em que teria recebido o dom da imortalidade.

ANEXO B: CADERNO DOCUMENTAL

DOCUMENTO

"CARTA MAGNA DE CARÁTER PADRÃO"

FAZENDA PORTO SEGURO, MUNICÍPIO DE DUIQUE, ESTADO DE PERNAMBUCO-BRASIL

CARTA MAGNA DE CARÁTER PADRÃO

Assim diz Israel: Não sou profeta, nem pastor, não faço prodígio, nem milagre, nem sou espírita e nem curadeiro. Sou um homem que converso com Deus, tenho missão a cumprir, anunciada por Deus Filho e dada por Deus Pai. Meu nome de missão é Israel dado por Deus que me ungiu e constituiu com o título de Rei de Paz, da mesma dinastia de Melquize-dequo, David, Salomão e Moisés. Não tenho religião, porém, é com estima e subida honra que respeito todas as religiões, o governo e as leis do país. Acima de tudo, como e bebo no campo da sabedoria, cuja fonte é Deus, que me autorizou fundar a fazenda Porto Seguro, com 33 famílias que formam uma comunidade, com certa seleção, obedecendo aos desígnios de Deus, para tudo aquilo que ele me autoriza fazer, uma certa preparação nessa comunidade, para entrada do terceiro milênio, era nova, era de paz, ciclo de evolução e progresso, uma obra feita por Deus aqui em cima da Serra dos Breus, um novo reinado. Obedecendo aos desígnios de Deus em todos seus mandamentos, que com muita honra estou pronto a defender os direitos de Deus quando preciso for, com o título de Rei de Paz. Assim Deus me ungiu e constituiu para que na entrada do terceiro milênio ele responda por tudo isto que aqui está escrito, nem atender outra coisa que cause subversão as ordens de Deus. Em suma: Foi aqui na serra dos Breus que Deus sentiu vontade de habitar, porque só gosta de bosques e montes, porque nas cidades grandes não há paz, existem ofertas de sacrifícios feitos a Deus, como se ele visse das coisas sacrificadas, derramamento de sangue, prostituição e tortura nos presídios. Assim de bom grado, recebo todas as visitas na forma de dialogar, interpretar, respeito todas as concepções. Não atendendo chamados, pois esta é a ordem de Deus. Se alguém quiser morar com Deus na serra dos Breus, me procure, que dou o destino certo.

3ª CARTA-REVELAÇÃO

Operações do Governo Celeste fundado no Brasil no dia 1.º de Janeiro de 1960

Essa é a palavra do Jesus Cristo e do Jehovah o Criador dos Céus e da Terra Deus se revela aos seus adversarios

Jesus Cristo se revela e fala aos seus adversarios: Certamente alguns homens entendem que nasceram de sua religião e fazem da sua igreja o reino de Deus. E se levantaram contra o Consolador que fala as Igrejas.

Logo virá o dia que o pastor e seu rebanho dirá: Senhor sempre vos amei; e o Senhor dirá: - Cheguei a porta e não me conhecestes, de igual maneira eu te digo: - Nunca te conheci.

Essa geração não se lembra de que eu disse aos meus discípulos: - Na casa que vos recusar hntel o pai dos anjos e retrai-vos porque esta casa não tem parte comigo. Mas, ainda repto, pedindo aos homens para não rebahtar a minha paz, contra as igrejas, o clero nem contra os espiritas, crentes e seitas filiosificas.

Estou falando a todas as classes do Brasil e do mundo, para que os homens divulguem o meu governo pela paz, pelos filhos, pela palavra, pela bondade do meu amor, pela defesa do Brasil, que com as minhas medidas levarei o Brasil para o ponto de sua grandeza e do seu triunfo como Rei dos Pais da Terra. Porque o filho do homem já está no Brasil governando a poucos enquanto muitos se preparam para aceitar o meu governo.

Não devo governar em occulto, nem fingido dos que não me conhecem. Não vim para destruir, mas para uma grande luta moral. E necessário que cada um por sua lida diga qual o conceito tinha a Jesus no seu segundo advento.

Os homens sollicitam: - Qual a razão da minha esculha em Junho do Norte - Ceará para fundar Jeruzalém? E não é porque os Romeiros dizem que Padre Cicero Romão não é Deus. Só há um Salvador para essa geração, Deus nunca foi palpado por mão de homem; e Padre Cicero como corpo terrestre foi sujeito as condições dos homens e hoje no lado do Filho do Homem precisa falar aos seus romelros de modo singular e os encaminhar no conhecimento das Sagradas Escrituras para o que sabem divulgar quem é o Salvador.

O sangue precioso apresentará na história por Padre Cicero se prende no sinal da vinda do Filho do Homem como Rei do Brasil e governo do Mundo.

Os profetas não falaram do que era próprio, de igual maneira foi Padre Cicero, filho do que bebeu no Filho do Homem. O Horto tem sido uma negação a Jesus; porisso hoje é considerado o Novo Golgotha. Os Romeiros querem a salvação dada por padre Cicero; e não se lembram que João Batista não se considerou, nem se colocou acima de Jesus, igreja do Horto para redenção dessa geração. Essa é a razão pela qual foi a minha escolha para chegar de Justiça de Jeruzalém.

A razão da minha escolha em Arco Verde de Pernambuco, Brasil, para o coração de Jeruzalém: - É porque em Arco Verde será o novo São onde o Cordeiro de Deus será firme com um novo nome no lado dos seus assinalados. E o meu nome é Julio, e nem um outro semelhante nem arrebanhará em cima do São e sim o Filho do Homem.

Porisso Jeruzalém tem Cabeça, Corpo e Coração. E no coração dos habitantes de Jeruzalém estará o Filho do Homem pelos séculos dos séculos.

Aqui fala o Senhor dos Mundos, o Deus dos Santos Profetas ou o Criador dos Céus e da Terra.

Marchamos para o fim do século vinte para que se cumpra o que está nas Escrituras a cerca do novo Céu e o novo Céu e a vinda do Filho do Homem na Magestade de seu pai Celeste.

Cujo luto aconteceu no ano de 1960 para a abertura dos selos do livro. É necessário que eu lute no alcance de todas as consciências. O ano de 1960 marcará o egundo advento de Jesus que já é vindo do Apocalipse para governar o mundo com um governo de paz.

A vinda do Filho do Homem precisa ser divulgada por todas as consciências para que cada um por sua lida diga qual o conceito tinha no governo de Jesus vindo em 1960.

Aqui pergunto: - Porque razão a Bíblia limita a Deus, não tem limite. Fazer do Apocalipse uma profecia simbólica, e considerar Deus um simbolo e negar o cumprimento da Bíblia em um segundo advento.

Assim como se passaram outras civilizações, por ventura deixará de surgir a civilização da nova Jeruzalém a Espoz do Cordeiro? E porque a esposa desconhece a palavra do esposo quando lhe chega a porta? Com que razão a igreja se levanta contra o Filho do Homem quando lhe pede paz aos homens, e lembrando aquele espetáculo de crucificação e de crucificações que os Impios fizeram com os cristãos e crucificaram a Jesus sem piedade.

Essa geração mentirosa calunha a si própria com o título de religiosos armados a revolver, peixeira etc., com o coração de léras e olhos de filhos reversos a insinuar seus irmãos, dizendo adorar a Deus e quando Cristo lhe chega a porta são eles os primeiros a vituperar contra a paz do Senhor.

Quem na Terra conhece a Deus se não bebe da água que emana de Cristo? Quem é religioso se não fizer a vontade de Deus? Quem tomou parte para as bodas do Cordeiro para o seu segundo advento, se não aqueles que com honra sentiram no seu coração a divina presença de Cristo? Os religiosos tem Cristo nas suas casas, no templo, com um e recebem a Cristo e batem nos peitos pedindo Senhor ga a porta.

Quanto pastores estão envergonhados de publicar a palavra do espírito que fala as Igrejas?

Aqui pergunto: - A voz das igrejas vem do homem ou do consolador? Agora quem tem ouvido ouço, olho veja e entendimento conheça o que está escrito; o que eu disse no Filho do Homem - Sentia-te a minha direita até que eu ponha as teus inimigos por escabelos dos teus pés.

Agora o Filho veio com o pai, para julgar e não mais para ser crucificado. E aquele que com a língua de serpente, lança insulto e impunha armas contra o Filho de Deus, fere a si próprio; porque o Filho do Homem na magestade do seu governo está no pai como pai está no Filho e dará a cada um o fruto do seu trabalho segundo as suas obras.

Hoje são visto nos olhos de Deus na medida da condideração, quem são os cabritos, se não aqueles que armados a páas, peixeira, revolver e com linguas pestilentas se levantam contra o governo do Filho do Homem, que sacrificia? Quem é digno do Reino de Deus sem fazer a vontade de Jesus Cristo?

Agora o meu propósito é que todo homem faça a vontade de Jesus Cristo se quiser ser digno do Reino de Deus. CRISTO É A SEQUINTE:

- 1.º O homem use do amor a Deus sobre tudo e não semelhante como a si próprio.
- 2.º Todo representante de religião encine ao seu rebanho a fazer a vontade de Deus.
- 3.º As religiões se unirem para um só fim de querer a Deus para os céus de todas as erenças.
- 4.º Cada um se arme de Bíblia no não como soldados de Deus, repellido o mal com a pratica do bem.
- 5.º Seja desarmado todo homem que não é autoridade do governo.
- 6.º Desapareça a Lei do Sacrificio, para que o homem não leve a sacrificio o luto, nem a Ovelha, nem o Cabrito, nem o Justo, nem o injusto, porque quem sacrifica será sacrificado. E para que o homem conheça a Deus, busque o conhecimento da Bíblia em Espírito e Verdade.
- 7.º O homem acordar a consciencia e saber distinguir as cousas terrenas das Celestes.
- 8.º O homem não rebahtar a paz.
- 9.º O homem não beba.
- 10.º O homem não lute, porque é uma embriaguez como outro qualquer que atrai o espirito ao suicidio.
- 11.º O homem não jure.
- 12.º O homem não robe, nem por pensamento.
- 13.º O homem respeite a mulher do seu irmão.
- 14.º O homem não prostitua.
- 15.º Desapareça as Guerras e o homem se civilize aprendendo com Cristo a ser obediente as Leis Cósulicas, ser manso e hirando de coração.
- 16.º Que um só patrocinador seja conhecido em todos os países, cidades, vilas, povoações, fazendas, cujo seja Jesus Cristo como Rei do Brasil e governo do mundo.
- 17.º As mulheres se constituam como soldados de Deus de Bíblia na mão educando aos seus filhos a buscarem primeiro o Reino de Deus e ensinando a repellem o mal com a pratica do bem.
- 18.º O homem não mate, e saiba perdoar o seu semelhante.
- 19.º Não andar a busca de Salvação e sim de servir a Deus e fazer a sua vontade.
- 20.º Não vender a Cristo: na estatua, na expressão da palavra, porque quem disso cuida pratica a Lei de Judas.
- 21.º O homem conhecer que para vinda do Salvador o primeiro privilegio de Deus foi a Virgem Maria.
- 22.º O homem dar a Deus o que é de Deus e cumprir com as Leis do governo.
- 23.º Que a Democracia se torne em uma verdadeira Teocracia.
- 24.º Que a Filiosia se torne em uma verdadeira Teosofia.

Estes são os meus mandamentos e de Cristo. A escolha é dos homens. ARREBANHO é aquele que faz a vontade de Deus, hipocrita é aquele que se intitula de religioso e não é.

Que quer informada com o Sr. Wyls Teodoro - Rua Guaraná, 71 - Estrada dos Remédios - São Paulo - Parque Timoteo - 1 - Jezeiro do Norte - Ceará - Recife - Pernambuco - Brasil.

Esta revelação recíbida telepaticamente por Cicero José de Partos, para o cumprimento do Consolador prometido.



FAZENDA PORTO SEGURO, BUIQUE PE.
OUTUBRO DE 1993.

A PALAVRA DE DEUS

CÓDIGO DA LONGA VIDA PARA AQUELES QUE ESTÃO EM CAMINHO A
PROCURA DE DEUS, ONDE ESTÁ ESCRITO A PALAVRA DE DEUS CRIANDO O
REINO DA VIDA.

Folha 1

Disse o senhor Deus Jeová: Tu Israel, és na terra uma autoridade capaz de resolver o que Deus te autoriza fazer. Porém, preciso Ti preparar para que chegues a altura de um homem confidente com Deus e capaz de escrever o que estou revelando. Portanto, para esse levantamento, toma a caneta e escreve a palavra de Deus e Tu possuas esse código em liberdade de homem de Deus e representante do criador Deus Jeová. A tua missão até 1976 ainda não estava completa, porém, agora em 1993 nesse código que Deus está revelando se encontra a tua missão dada pôr Deus. Disse Deus: A minha palavra nessa composição fica como obra eterna e imutável para todos os tempos, é um renovo de vida para o povo chamado filho da luz. Nessa obra se encontra o cumprimento da tua missão, e quando Tu completares esse código ele representará Deus construindo o seu mundo. Disse o senhor: Eu sou Deus Jeová o pai de Jesus Cristo, Eu vim a terra e aqui estou para criar o novo mundo. Nesse propósito, Deus o criador que sou, Eu mesmo, estou revelando para o homem comer e beber nessa fonte de sabedoria, que é Deus. Considerando a profundidade desse código, se vê claro a missão dada pôr Deus à

Israel, cujo o homem confidente de Deus recebeu a missão de segundo Adão pai da civilização que vai prevalecer na entrada do terceiro milênio. Como homem de Deus, Israel tem a missão de desencantar tudo que está debaixo da sombra do encanto que não é conhecido da ciência comum dos homens. Deus confiou a Israel o destino da humanidade que vai habitar com Deus no terceiro milênio. Assim como está revelado e escrito a missão de Israel, Deus lhe deu o título de Rei da Paz e representante de Deus com a luz dos conhecimentos para ligar o céu com a terra, com a escada de Jacó. Assim a missão de Israel escrita nesse código é a maior de todos os tempos que Deus falou ao homem. Portanto não padece dúvida, esse código é a segunda Bíblia que Deus revela criando o novo mundo. Pôr assim dizer, esse código não está em controvérsia com a Bíblia, porque ao profeta Isaias Deus disse: Nos últimos dias Eu derramarei do meu espírito sobre toda a casa de Israel, assim, para que o homem receba o abstrato de vida, deve buscar nesse código no que nele está escrito. Os imortais seguem as instruções desse código, enquanto que os mortais devem se reger pela Bíblia, dura são essas palavras, para chegar à crença que o homem pode passar a ser imortal, quando sentir Deus em si. Assim como vive Deus no infinito, criando e aperfeiçoando toda sua criação, hoje na terra tem lugar para semeio de vida através da água da vida. O espírito de Deus desceu dos céus à terra e se personificou em Israel para criar mais uma obra entre as que já estão criadas. Essas palavras são semeios vivificante para criar o mundo que Deus veio morar com os homens. Deus é o criador incriado que não tem princípio nem fim. Se alguém dos seus bens faz doação a Deus, é Israel o meu procurador. Em suma: Se olhando de perto a Bíblia, Cristo ofereceu a Samaritana a água da vida, Eu Deus pai prometo derramar do meu espírito sobre toda casa de Israel. Disse Cristo: Aquele que não nascer de novo da água e do espírito santo não vai ao reino de Deus. Ainda disse Jesus: O reino de Deus está entre vós e vós não o conheceis, portanto esse manifesto é no sentido de Deus criar o novo mundo. Se olhando as passadas civilizações pré-históricas que existiram em tempos tão afastados de nós, também é possível que a imortalidade em um tempo futuro exista nos povos da superfície da terra. Assim

Documento 5: Código da longa vida, para aqueles que estão em caminho e a procura de Deus, onde está escrito a palavra de Deus criando o Reino da Vida (1993).

Documento 5: Código da longa vida, para aqueles que estão em caminho e a procura de Deus, onde está escrito a palavra de Deus criando o Reino da Vida (1993).

Fazenda Porto Seguro, Buique PE. Fevereiro de 1994

CIÊNCIA METAFÍSICA - I

Assim diz Israel: O sentido especial da ciência metafísica é esta: Uma criação inteligente provém de um criador inteligente. Um espírito provém de um espírito criador, corpo celeste. Uma consciência provém de uma Super-consciência. Um reino terrestre provém de um reino sobrenatural, a que chamamos céu. Uma luz provém de um sol. Uma inspiração luminosa provém de Deus. Uma vida orgânica depende de um organismo composto. Um planeta provém de um satélite. O sol provém de um cometa. O espírito absoluto criador, é a síntese de todas as coisas boas existentes. Cada existência tem a sua origem, e parte de um princípio, cujo ensinamento não é teoria, é puramente metafísica. São coisas maravilhosas e interessantes, estudarem profundamente tais fenômenos. Entretanto, permaneceis sempre limitados, porque vos achais ligados ao criador das religiões, que nada tem a ver com o verdadeiro Deus criador.

Quero apenas induzir, a raciocinar de maneira mais lógica, e se seguir minhas sugestões e indicações, uma felicidade invadirá vosso ânimo. Em muitos casos poderá manifestar-se fisicamente, isto é: Quando tiver a sua disposição um instrumento físico, mesmo em medida limitada, como no caso das comunicações telepáticas.

Mediante observação e experiências de eras milenárias, podemos compreender onde se acha o ponto fraco, no qual se aninha o erro que põe obstáculo na evolução.

A estupidez é modo negativo e errado, é extremamente astuta e enganadora, não conhece escrúpulos. E não se deixa demover de suas opiniões. Não considera a vida e os bens divino, destrói tudo, promove guerras, e fabrica para este fim, as mais poderosas armas para destruir a obra do homem, que é o próprio homem. Montam bombas atômicas, e tais perigos se entrelaçam por todo o globo terrestre, na terra, no mar e no espaço, cujos perigos ocorrem de tal maneira que daí surge o envenenamento atômico. Dele procede em muitos casos, doenças desconhecidas, desequilíbrios nos homens, desconjuntamento das idéias governamentais, decomposição no formato do homem, desequilíbrio no cérebro humano.

FAZENDA PORTO SEGURO, BUIQUE - PE.
NOVEMBRO, 1993

Folha 1

TESTAMENTO: A PALAVRA DE DEUS.
AQUI ESTÁ CLARO A PALAVRA DE DEUS FALANDO A ISRAEL

No sentido do que aqui trato é um contrato que faço entre mim e Tu, com toda segurança para que não caia pôr terra o contrato que fizemos, como aqui está revelado e escrito. Porém com vida da minha vida Eu conservo a tua vida para que possa cumprir a missão que Ti confio. E quando o Governo procurar saber como adquiriste a riqueza que Te dou, Tu apresentas a ele esse testamento, porque o tesouro que Te dou é maior do que dei a Salomão. Faz para mim um palácio com o melhor material da época. É bom que tudo aqui fique pôr escrito, bem claro, para que o Governo tome conhecimento do contrato que fizemos, como Deus Jeová, que sou Eu, o Deus incriado. A minha presença o homem só vê através dos meus confidentes, como foi Melquizedeque, Noé, Abraão e Moisés. De igual maneira, agora Israel é o meu confidente, com quem faço esse contrato de edificar para Deus um palácio na Serra dos Breus. Portanto esse contrato fica registrado e selado com a palavra de minha boca falando na tua boca as coisas que aqui fica escrito e o poder da minha autoridade que como soberano seja consciente o Governo, as autoridades civis, militares e religiosas, que Deus esta falando a Israel. Portanto é bom haver um testemunho visto a olhos nus que o fator deste Testamento é Deus. Esse contrato que fizemos, Tu fazendo meu palácio manso e pacífico é o testemunho que Tu dás as autoridades e ao Governo, sem prejudicar ao Governo, nem as autoridades, nem as religiões, como à nenhuma organização, para que o teu testemunho seja bem visto, que não há outro Deus acima de mim. Ainda que esse contrato não ofereça crédito a quem tem suas dúvidas antes do acontecimento do palácio que mando fazer para mim, na Fazenda Porto Seguro em cima da Serra dos Breus Município de Buíque Estado de Pernambuco Brasil. As leis de Deus hoje é muito diferente das leis que Deus deu a Moisés, Porém agora, a lei que Deus deu a Israel é a lei da paz, porque a ira de Deus já não existe para seu povo. Deus se compadece da humanidade em todo os meios da existência humana, porque Deus é o criador e usa da compaixão e da caridade. Do que existe nada se criou de si mesmo porque antes de Deus nada existia. No juízo final Deus não julga com a lei de “dente pôr dente olho pôr olho”, essa lei Deus deu a Moisés porque só com ela faraó conheceu a razão de Deus pôr cada vez que Deus falou a Moisés para ele falar ao seu povo. Porém com o desenvolvimento da evolução dos povos através do século, hoje a ira de Deus já não existe para um julgamento do bom e do mal. O Deus eterno incriado no tempo de hoje é tão bom que vai muito além de tudo que o homem conhece, a bondade de Deus. Segundo a Bíblia está escrito que no dia do juízo Deus dirá a muitos nunca te conheci, porém longe disto, porque Deus conhece tudo aquilo que criou. Também está escrito que a terra dará conta da carne dos ossos ressecados porém longe disto, a ressurreição da carne nos ossos acontecerá de igual maneira que, os ossos e a carne nascidos de mulher convém a Deus que se levantem novos ossos, nova carne, novos nervos, novo sangue, nova vida para uma civilização do homem moderno que na entrada do terceiro milênio supere o cristianismo que foi fundado em forma romana. Assim como o espírito que é a vida metafísica, surgiu no homem no reino do cristianismo, de igual maneira os espíritos reencarnam com sucessivas encarnações, assim como na terra, será em outros mundos onde vivem. Deus vai recomeçar o mundo de gloria no seu reino aqui na terra na Serra dos Breus. No tempo do dilúvio houve um julgamento para a geração adâmica, e de Noé até Cristo não houve mais julgamento. Deus sempre falou a este mundo através de seus confidentes, bem como, Abraão, Moisés e Cristo. Porém, agora vim desci das alturas, estou na terra como soberano, senhor de tudo que existe no universo, Eu sou Jeová o pai de Jesus Cristo, Eu vim para dá cumprimento ao bem, criar o reino de Deus aqui na fazenda Porto Seguro, um novo paraíso. Mas como o bem é obra das minhas mãos, agora o que

REGISTRADO

Documento 7: Testamento: a Palavra de Deus (1994).



Fazenda Porto Seguro Bulque PE. 26/12/96

BASE DE RESTAURAÇÃO DO PARAÍSO ADÂMICO.

Fazenda Porto Seguro, onde está o paraíso Adâmico restaurado, berço de uma nova civilização, com segurança da paz. Marcha de evolução e progresso em sistema teológico, começo de um mundo moderno que se dará na virada do milênio.

Assim digo e assumo eu Sadabe Alexandre de Farias Rei: Aqui nesse novo paraíso não se admite o homem sem Deus, o ateu; o que vem de origem maligna, o que veio de origem da lama o que se originou do macaco, e nem o homem vampiro. Também não se admite o homem que se originou dos átomos que vem dos vegetais e minerais. Pois são como os animais que não tem origem em Deus. A teologia não admite a força das armas, a condenação, a falta de perdão, o crime e a tortura, e nem a salvação através do sacrificio. Porque o sacrificio vem de origem maligna. Se vê claro duas fontes criativas e produtivas, a do bem e a do mal. Pelo que aqui expônhô, na vulgata teológica se divulga o mundo com Deus.

Não sou contra a opinião pública, cada um segue o que bem lhe parece, ainda que seja um produto da fonte do bem ou do mal. Aqui não se admite o homem sem Deus. Também a mim não cabe levantar-me contra a Democracia, nem dar ensinamentos contra as formas de governos, porque aqui não se permite o estado de greve, nem a oligarquia partidária, porque Deus não está governando este mundo, e não tem culpa do mundo em desequilíbrio e desordem. Também o governo não tem culpa; o que nele está é produto do próprio homem. É mais importante que se entenda que aqui em nosso paraíso, que é fonte produtiva do bem, não se admite o roubo, o assalto, o seqüestro e todo e qualquer tipo de entorpecentes que tira do homem o direito de ser dono de si mesmo. Neste propósito não cabe a mim ensinar aos diplomatas, sábios e representantes religiosos. Cada um por sua vez procure educar a si próprio, e ande a procura de Deus. E caso que não, se Deus não lhe parece bem, não sou eu Sadabe que faço o seu julgamento. Você que veio para a terra, bem sabe a procura de quem veio. Quanto a mim Sadabe, venho de uma hierarquia para a terra, para ocupar cargo depois de promoções em uma dinastia da qual pertenceu a Jesus, que depois de sua vinda Deus não mandou profetas e nem confidentes à terra.

Portanto bendigo: Quando o verbo se fez carne e Jesus nasceu de mulher, Deus estava personificado e materializado no próprio Jesus. O homem viu a Deus como pessoa presente no seu próprio filho. Não cabe Deus mandar matar a si mesmo para salvar o mundo. E ainda bendigo: Ao homem não é possível, ao espírito também não, mais a Deus é possível estar presente na terra no homem em que ele se materializou, e ao mesmo tempo se materializar em outros confidentes, em qualquer dos mundos de sua criação. E por assim dizer, se vê claro que a teologia é tudo aquilo que emana de Deus. E pelo que aqui exponho, dentro da vulgata teológica não cabe se colocar Deus na sua opinião, igual a opinião pública comum dos homens. Porque a de Deus está muito acima do comum. No sentido de salvação em Cristo sacrificado, cabe isso dentro das religiões, e não dentro da teologia. A salvação em Cristo sacrificado é válida dentro do sentido religioso segundo a opinião dos homens, e é inválida segundo a opinião de Deus, dentro do sistema teológico.

EDITAL

Tratando-se do paraíso restaurado e recuperado

Desde o início, na remotividade dos tempos, o ser humano sente a presença sutil de algo que ele não sabe explicar e busca incessantemente o conhecimento de uma força maior. Isto é inato a todo ser. Sente intuitivamente a presença de algo que vai além de sua compreensão e respeita, por se fazer pequeno, ainda que sem total compreensão. Nesta busca incessante do desconhecido, tentando preencher o vácuo inexplicável, para se sentir pleno. Busca nas religiões, nas filosofias, seitas e cultos, a partícula que lhe falta a plenitude, Deus.

Esta é a chave, não importa que nome venha a ter nas diversas línguas e culturas, a essência deste permanece sempre a mesma, inalterável, única e absoluta.

É de conhecimento de todos os povos em todos os tempos, que o criador tem se comunicado com sua criatura, expressando sua vontade, numa ajuda providencial na evolução do ser. E no tempo atual, este homem é Sadabe, meu Rei, a quem Deus Pai Jeová, confiou a missão de guiar, instruir, e preservar, todo aquele que busca o bem, e nele quer permanecer. Sem distinção de raça partido e religião.

O homem consciente no bem, faz uso de seu livre arbítrio, evitando o mal. Receoso de penas futuras no porvir. Empenha-se a cultivar o bem, na esperança de um paraíso celeste. Lembre-se de que a terra já foi um paraíso e, foi dada ao homem como sua morada.

Aqui e agora, Deus Pai Jeová, servindo-se de seu confidente Sadabe, restaura e recupera o paraíso Adâmico, e restitui ao homem que ama a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo, o que de a muito já tinha dado; a terra. O paraíso do homem dado por Deus, para que nele vivão em paz, em harmonia consigo e com a natureza, e a criação, sobre a proteção de Deus e seu filho Jesus.

O homem não é mal, está mal e, não foi feito para a morte, mais está morrendo, e o único jeito de reverter esse processo, é a conscientização de que o ciclo evolutivo da vida ligado a reencarnações sucessivas desde as eras geológicas, da pré-história a história, é devido a rebeldia do espírito em não seguir os preceitos do seu criador. A partir do momento que o homem

REGISTRADO

Cartório do 2.º Ofício

ESCRIVANIA E TABELIONATO

Maria do Carmo Gomes de Araújo dos Anjos

Escrevente do 1.º, Respondendo pelo 2.º Ofício

Praça Vigário João Inácio, 29 »

BUIQUE

PERNAMBUCO

Traslado..... 1º
Livro nº..... 26
Fls..... 166

ESCRITURA PÚBLICA DE DOAÇÃO, COMO TUDO

ABAIXO SE DECLARA:

S. A I B A M quantos esta pública escritura pública de Doação virem que aos dezoito (18) dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e noventa e seis (1.996), nesta cidade de Buíque, Estado de Pernambuco, em meu Cartório localizado Av. Jonas Camelo nesta cidade e por haver comparecido perante mim escrevente partes entre si justas e contratadas a saber: de um lado como outorgante Doador: CICERO JOSÉ DE FARIAS, brasileiro viuvo, residente na Fazenda Porto Seguro deste município portador do CPF nº 124.221.504-20, e do outro lado como outorgado donatário DEUS PAI E DEUS FILHO, representado por SADABE ALEXANDRE DE FARIAS REI, brasileiro, solteiro, residente na Fazenda Porto Seguro deste município portador do CPF nº 124.221.504-20. Pessoas capazes reconhecidos de mim escrevente e no final assinado perante as quais pelo outorgante me foi dito que é senhor legítimo e possuidor da FAZENDA PORTO SEGURO DESTA MUNICIPIO, com os limites seguintes ao norte divide-se com terras da Fazenda Anglico, ao sul com Maria Duarte, ao nascente com Valdemar Gomes dos Santos e ao poente com Fazenda Jua. Que possuindo o imóvel livre e desembaraçado de quaisquer ônus Judicial o qual foi adquirido por compra e venda conforme escritura devidamente registrado sob os nºs 952 fls 01 livro B; livro e T. documentos Fls 03 nº 1/76 e livro T. documentos fls 17 sob nº 145 que resolveram nesta data doarem como de fato doado a Deus Pai e Deus Filho através de seu representante e por bem desta escritura e na melhor forma de direito pelo preço certo e ajustado de Rs 500,00 quinhentos reais.

Faz. Porto Seguro, 19 de Novembro de 1997

O despertar da consciência

Aqui fala a divindade Deus Jeová o criador, aos homens. O vosso Deus está na terra. Sois vós homens massa humana corpos físicos a consciência da terra, por que andas tão errados? O que fala mal do governo, sem respeito as suas leis e a sua posição, está errado.

O que faz o sequestro e o assalto, anda errado. O que rouba, anda errado. O que mata o seu semelhante, anda errado. O homem sem Deus, anda errado. O que usa a maconha, cocaína e todo tipo de entorpecente, anda errado. O que oferece sacrifício a Deus, anda errado. O que usa feitiçaria, bruxaria e tudo que vem de origem maligna, anda errado. O que roga praga em desconjuro ao seu irmão usando o nome de Deus, deturpa, anda errado. Diante de tais acontecidos que decaem a humanidade, obscurece a consciência humana. Como posso eu Deus morar com vós homens! Sem que não haja uma providência vinda da parte divina e do governo, que possa limitar os grosseiros e rudes acontecidos, que prolifera a nação. Tais fracassos de natureza obscura nada tem de evolução.

E ainda bem digo eu Jeová, sou como o sol que veio para todos, a tudo olho de bons olhos, não vim condenar e nem julgar. Na virada do milênio haverá grande mudança, limite da idade de bronze, começo de uma nova era e da idade de ouro. E que da parte divina nada se levantará sem o talento, em convênio com o real e o dólar. Caso contrário se tal não aconteça, passará grande desfêche o ser humano. Porém, acima de tudo estou eu Deus, personificado em Sadabi, é ele o meu templo, as minhas pegadas, à quem entrego as minhas reservas. Porque ele está em mim e eu estou nele como corpo físico, Deus presente, razão porque vós homens não pode ver a face divina. Quem olha à Sadabi, ver a mim, um Deus humano sem sucessor.

E para que as coisas fiquem bem claras no sentido de salvação, disse o Eterno: Eu sou o salvador e o dinheiro a salvação. Este dinheiro, o talento tem valor divino e eterno, tudo isto se compõe aqui na terra para toda humanidade. Razão porque Deus pai o criador veio do céu para a terra morar com os homens em um

JORNAL
INFOHALL
Cidade, Organização e Edição por: J. Falca
NOTÍCIA

Ano 01 - Nº 03 Domingo 12 de Julho de 1998

R\$ 1,00 Fazenda Porto Seguro - Buique, PE. Cxp:02 / Cep: 56 520-000 Fone: (081) 991-1844 Semanal

TALENTO

A moeda que todos querem conhecer

Um lugar com moeda própria. Uma moeda que não está sujeita as variações cambiais. Poderá vir a ser a moeda do futuro?

BUIQUE

passo a passo rumo ao TURISMO

O Jornal Infohall Notícia, entrevista o secretário de turismo, Sr. Roberval Ramos Ferreira. Saiba a quantas anda o turismo Buiquense.



SADABI
meu rei

TÓPICOS

Sadabi Fala
 Coluna Social
 Notícia
 Em Análise
 Em Foco
 Documento
 Entrevista
 Cultural
 Curiosidades
 Você Sabia
 Mulher
 Divirta-se
 Recados
 Classificados
 Agradecimentos

ANUNCIE AQUI.
 JORNAL
 INFOHALL
 NOTÍCIA
 Fone: 991-1844
 Cx:02
 Cep: 56520-000
 Buique PE.

Documento indígena (selvagens?) de fazer o civilizado pensar CONFIRA!

Transcrição na íntegra da:
 DECLARAÇÃO
 SOLENE DOS POVOS
 INDÍGENAS DO
 MUNDO.

EVOLUÇÃO

estamos no
 caminho
 certo?

Uma dissertação analítica sobre o destino dos homens. Um novo conceito de evolução que fará você repensar os caminhos que o ser humano trilhou até chegar aos nossos dias, e as possibilidades futura.

1- Esclarecimentos em respostas sobre a criação do novo paraíso:

1º Quando foi fundada a criação do Novo Paraíso?

R - Foi fundada no dia 1º de janeiro de 1952, no município de Suiçaria, Estado da Paraíba.

2º Por quem foi fundada?

R - Por uma voz que afirmava ser Jeová Deus dos profetas.

3º Quem recebeu esta voz?

R - Cícero José de Farias.

4º Como recebeu esta voz que lhe fala?

R - Estando em moçoado pela manhã do dia 29 de novembro de 1952. Foi tomado por uma faísca de energia que do alto descia de modo balutar.

INFORMATIVO

Porto Seguro

Ano I - Nº. 01 Dezembro de 2007 Mensal / R\$ 1,00

Arte - Fotos e texto: J. Farias e Márcio Rose

Editorial 1

Depois de mais de 6 anos, quando fazíamos o informativo INFOHAL (notícias da Serra), voltamos com o nosso primeiro número de um novo informativo. Esperamos poder publicar a cada mês, um resumo de nossas atividades. O objetivo deste, é informar aos amigos e interessados que a nossa comunidade está viva e pulsando, em história e tradição. Em arte e cultura. Oferecemos o mais raro dos produtos, a boa vontade e o calor humano. Não temos pousadas ou hotéis, recebemos os amigos e visitantes nas nossas casas, somos gratos a todos que nos visitam.

Notificação da AMOSEB: O Vale do Catimbau é Parque Nacional por Decreto Federal nº 4.340 de 22 de agosto de 2002, e a Lei Federal Nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967, protege a fauna e a flora. Caçar, desmatar ou depredar o meio ambiente constitui crime ambiental. Atente a isso e seja você também um defensor desses princípios. Não basta "explorar", tem que contribuir.

Projeto AMOSEB recebe amigos

O Projeto AMOSEB - Associação dos moradores da Serra dos Breus, em consonância com a tendência atual de preservação da flora e da fauna, empreende atividades conjuntas no resgate e preservação de sua história e cultura. Recebendo seu primeiro, segundo e terceiro grupo de visitantes no decorrer do mês de novembro. A Praça da Paz "Sadabi Alexandre de Farias Rei" foi palco de atividades noturnas e o Palácio de Pau "Casa de Deus" foi alvo de curiosidade pela sua arquitetura. Além das trilhas à "Caverna dos Antigos", "Caverna do Pilar", "Caverna do Oratório", "Pedra Furada" e "Mirante Dilson Meira" que dá vista ao "Vale da Lua". Os visitantes puderam contar com Acervo Cultural, Salas Especiais e o Memorial Sadabi. A noite foram animados em torno da fogueira, com batuques de Maracatu, Samba de Coco, de Roda e Ciranda. A "Sala de Eventos" sediou palestra animada em torno dos princípios e fundamentos da Comunidade, e do alto da "Torre de Comunicação" puderam observar o pôr do sol. Recentemente recebemos a visita da



pesquisadora e Profª. Renata da Silva Severino, aluna do Mestrado da UNICAP/PE, orientada pelo Profª. Dr. Luiz Carlos Marques em sua sexta visita antes da defesa de sua dissertação sobre meu pai (Meu Rei) e nossa comunidade (Metafísica) segundo meu pai. Ao que parece, nenhum ponto foi negativo nesse "batismo de fogo", e, apesar das limitações e dificuldades, a comunidade se prepara para novas surpresas. Visitar a Comunidade Porto Seguro, é muito mais que uma aventura!

Atividades na Serra dos Breus



O mês de novembro marcou o início das atividades sociais e culturais na Serra dos Breus - Vale do Catimbau. Através da associação AMOSEB - Associação dos Moradores da Serra dos Breus, a Comunidade Porto Seguro empreende movimento de resgate de sua história e de preservação de seus princípios e fundamentos. Em cumprimento e respeito a fauna e a flora, a comunidade se recicla e se capacita a receber amigos e visitantes, estudantes e pesquisadores. O idealista e empreendedor cultural J. Farias foi convidado a mobilizar esse movimento, e em parceria com todos e de comum acordo, convidou seu amigo Márcio Rose (músico e empreendedor da cultura) que prontamente aceitou e vestiu a "camisa" da "luta pela paz", em

prol de uma vida mais harmônica e comunitária. Parcerias! Esse é o lema. Paz e harmonia! Esse é o princípio. Resgate e preservação é o fundamento que nos motiva a prosseguir. Avante!

Muito se tem a fazer ainda. O que não falta é idéia e disposição. Área de camping devidamente estruturada e mirantes para o "pôr e nascer do sol" já é projeto para próximas realizações. Um observatório equipado de luneta e programa de astronomia já está sendo articulado.

A comunidade recebeu em visita, a presença de amigos caros e raros que aqui ficaram dois dias. Segundo depoimento deles, o lugar é uma mistura de história e filosofia, de mística e tradição. Motivados por nossa história e cultura já colaboram em paralelo para o desfecho do projeto. Recebidos em casa, mais como amigos que como visitantes, esse e os dois outros grupos seguintes que aqui estiveram prometeram voltar com frequência, e certamente serão todos (e outros mais que se disporem a nos visitar e conhecer) muito bem recebidos segundo nossas possibilidades.

Os grupos de: Will, Bartô e Jadson (Clube do livro) tiveram atividades como: trilhas, visita ao

Palácio, ao acervo cultural, ao Memorial Sadabi, ao mirante Dilson Meira, a Praça da Paz e ao círculo do Fogo, onde nos reunimos para batuques de maracatu, ciranda e Samba de Coco e de Roda. J. Farias percorreu em versos e poesias, fez a Dança do Fogo e da Lua e o Ritual do Sol nos primeiros raios da manhã. Mas nada disso seria possível sem a presença e a empolgação dos amigos que em consonância com o clima do ambiente e da natureza, respondiam de pronto a cada movimento e puxada.

Cada grupo se diferencia pelo propósito com que nos visitam. Uns querem conhecer, outros desfrutar a natureza, outros querem retiro e meditação e mais outros querem atividades e diversão. Atendemos a todos dentro de suas necessidades.



208

DOUTOR
M. SILVA

GOVERNO DA PARALÁ
SECRETARIA DO INTERIOR E SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL
INSTITUTO MÉDICO LEGAL

CARTEIRA DE IDENTIDADE

Nome: _____
 Estado: _____
 Nº de Identificação: _____
 Data de Nascimento: _____
 Estado de Nascimento: _____
 Profissão: _____
 Estado de Profissão: _____

MARCA E SIGNA PARA IMPRESSÃO DO DEDO DA MÃO DIREITA

NOTAS CROMÁTICAS

CM. LIT. 1000
 CR. 1. 0800
 BR. 1. 0800
 BR. 1. 0800

Esta é válida a fotografia que não tiver a idade do detentor

Fotografia tirada em _____ de _____ de 19__

IMPRESSÃO DOS DEDOS DA MÃO DIREITA

Atestamos e presento cópia fotográfica que
 é a reprodução fiel do original que me
 foi apresentado

Dr. _____
 Médico do Instituto Médico Legal

15 de Junho, 19__

Documento 15: Identidade.

TÍTULO ELEITORAL

16/17

INSCRIÇÃO Nº 283

CIRCUNSCRIÇÃO

MUNICÍPIO OU DISTRITO

DATA DO NASCIMENTO

NATURALIDADE

ESTADO CIVIL

PROFISSÃO

RESIDÊNCIA

VOTA NA

SECCÃO

ASSINATURA DO ELEITOR

EM

JUIZ ELEITORAL

1. S. E. TÍTULO MOD. 4

Domício José P. Presença

124221504 20

30/04/79

CICERO JOSE DE F. S.

18/05/96

Cartão nº 2. Oficial
 Maria do Carmo Gomes
 14 Junho
 Rua da Liberdade nº 19, 1º andar
 4000-000 Vila Rica, RJ

Detenção e presente é uma fotográfica que
 é a reprodução fiel do original que me
 foi apresentado.

Daqui, 18 de Maio de 1995

Assinatura

Documento 16: Título Eleitoral.



A Glória do Sup.º Arch.º do Universo

AUG: E RESPEITÁVEL LOJA SIMBÓLICA
 ORDEM E PROGRESSO Nº 0431

FUNDADA EM: 20 DE OUTUBRO DE 1890
 REGULARIZADA EM: 25 DE MAIO DE 1987 E. V.
 Rua João Ulisses Marques, S/nº - Prado - Maceió - Al.

AO REI ISRAEL

OS OBRZEIROS DA LOJA MAÇÔNICA "ORDEM E PROGRESSO" Nº 0431, FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL, CONGRATULA-SE COM O NOSSO "REI ISRAEL" PELOS SEUS CENTO E TREZE ANOS DE VIDA. ROGAMOS AO GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO SAÚDE, PAZ E SAPIÊNCIA, ILUMINANDO SEMPRE O SEU CAMINHO NO PREPARO DE SEUS SÚDITOS PARA O NOVO MILÊNIO QUE SE APROXIMA.

QUE ESTA CENTENÁRIA DATA SE PERPETUE POR MUITOS ANOS, ALEGRANDO OS NOSSOS CORAÇÕES E MOSTRANDO QUE SEMPRE O TEMPO É O SENHOR DA RAZÃO, PARA QUEM TEM RAZÃO E A RAZÃO SEMPRE ESTÁ COM DEUS.

PARABÉNS, REI ISRAEL

Loja Maçônica Simbólica
 Ordem e Progresso Nº 0431
Jose Severo Cavaleiro
 Venerável CIM



Prefeitura Municipal do Buíque
 Secretaria dos Serviços Gerais
 CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL
 Buíque — Pernambuco

Numero de Ordem 3.519; FLS. 46 vs. LIVRO Nº C-4, Guia de Sepultamento Nº. _____

Dia; Mês e Ano: 14 de janeiro de 1.999.-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

Nome do Morto: "CÍCERO JOSÉ DE FARIAS".-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

Nome dos Pais: João Manoel de Farias e Maria Aurelia de Jaricó /

falecidos.-x-

Idade: 115 anos; 03 meses e 27 dias. Nascido(a) no município Garanhuns /

deste Estado.-x-

Estado Civil: viúvo.-x-x-x-

Profissão: aposentado.-x-

Naturalidade Pernambucano.-x-x-x-x-

Côr: branca.-x-

Lugar do Óbito: no Sítio Brás, Fazenda

da Porto Seguro, deste município. Causa Mortis: "NATURAL, SEM ASSISTÊN

CIA MÉDICA".-x-

Atestante: por duas

testemunhas.-x-

Tempo da Doença: _____

Data do Óbito: 13 de janeiro de 1.999.-x-

Declarante: Jesus José de

Farias.-x-

Vale a palavra: "Farias".

Empl. nº _____
 TOME de _____
 Selo _____

[Handwritten Signature]
 Oficial do Registro Civil

PARA USO DO ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO.

Vai ser sepultado no Cemitério desta Cidade do Buíque, no dia

da Fa-

zanda de Porto Seguro, deste município, jazido Particular, no dia

15 de janeiro de 1.999.

[Handwritten Signature]
 Administrador

PARA USO DO DEPARTAMENTO.

Fiz os lançamentos no Livro Competente deste Departamento,

[Handwritten Signature]
 Escriturário

Arquive-se

[Handwritten Signature]
 Diretor

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)